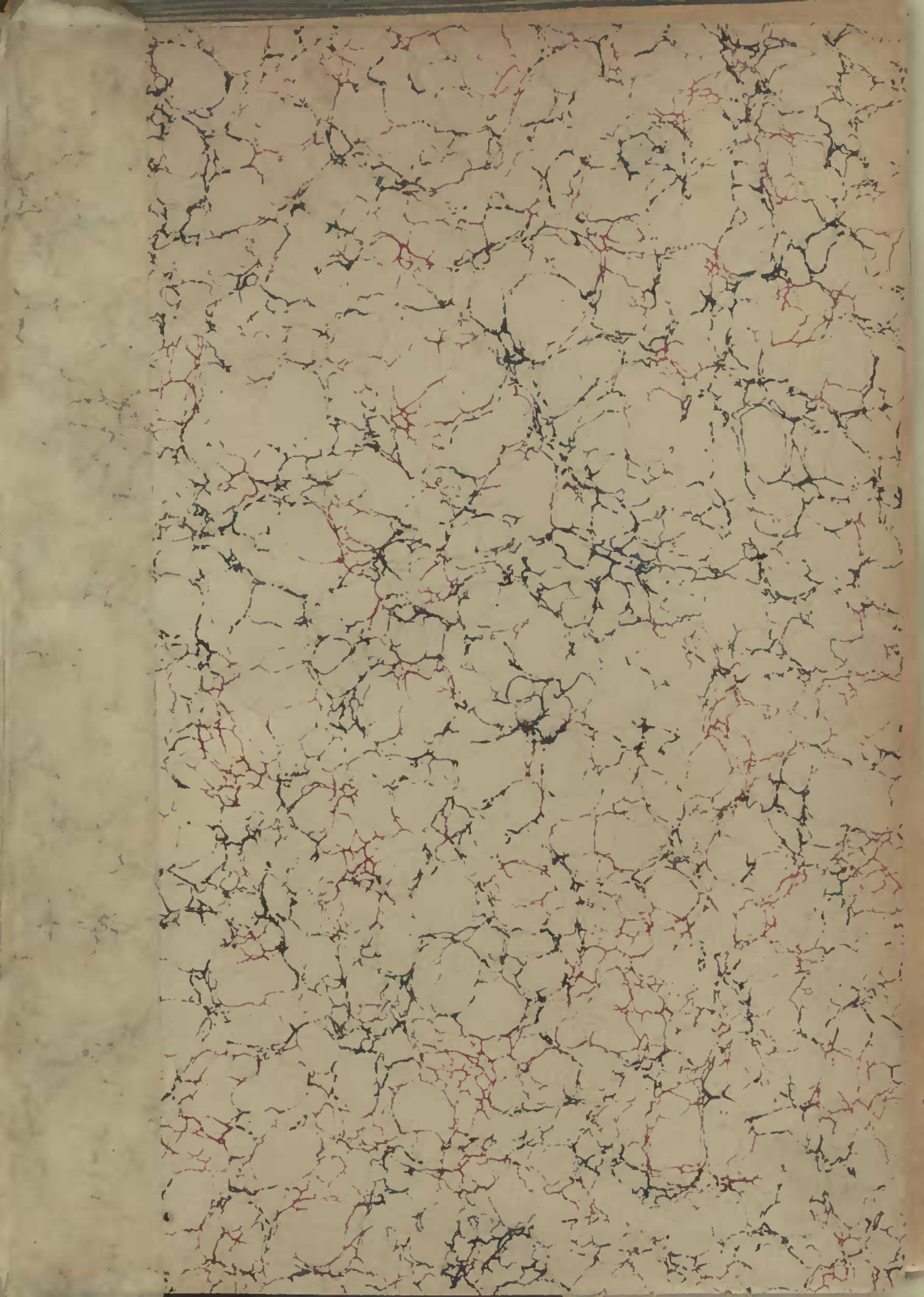
ALFREDO DAVID
SUCCESSOR DE A. BOURET
LISBOA
ENCADERNADOR
34, RUA SERPA PINTO, 36



8.625

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

R. 26.380

8625

Snor.

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Com profunda attenção á Magestade
humildes vossos consagra o peito;
que por serem tributos do respeito,
hoje tem a excelencia na humildade.

Sem pureza o louvor, sem realidade
na mesma elevação tem o defeito;
pois he formar enigmas do conceito
fazer imperceptivel a verdade.

Aceitai, Rey benigno, este que ordena
puro obsequio hum Vassallo que vos ama,
altas vaidades logrará a Camena:

Pois quando o vosso Nome eterno aclama
unido á Sua gloria á minha pena,
nas azas voará da vossa Fama.

Trocasse em meudos o soneto passado no prezente

Soneto

* Rey e Senhor, eu morro por fallar,
ouçame, e nam me deixe a sim morrer;
que tambem por fallar posso viver,
se vossa Magestade me escutar.

Deme:... digo Senhor para o louvar
que audiencia me dê onde quizer:
Nam me hade fazer mal, dê onde der;
pois sempre em fazer bem vem tudo adar.

Para eu ter mais assumpto de aplaudir,
deme a attençaõ que pesso ao seu louvor,
que hum Poeta naõ falla sem pedir:

Fallo? Digo? Comesso? Pois Senhor,
se me favoresser, hade me ouvir;
Quer me ouvir? ora fassame favor.

Isto he grassa.

Agora fallando Seriamente.

Elogio

1ª

Rey Agusto, Monarcha Luzitano,
gloria mayor do Imperio mais glorioso;
pois vos contemplo na piedade humano,
e nos mais a tributos portentoso:
De vosso heroyco peito o Soberano
naõ depende do Estado magestoso;
que desse coraçaõ na immencidade
o espirito he mayor que a Magestade.

2ª

Quem nasce ao Regio Sólio destinado
tem nessa elevaçam toda a grandeza;
porem vós já devestes o elevado
primeiro do que ao Throno a Natureza.
Fes-vos mais que o Dominio respeitado
de hum natural Imperio a Summa Alteza:
só vos podeis Senhor (naõ sem misterios)
destinguir dos Dominios os Imperios.

3ª

Transcendeis toda a Regia Dignidade:
Em vós de viva a nova reverencia
outro esplendor além da Magestade;
que não cabe na humana intelligencia.
Mais ha em vós que o ser Rey: bem o permitte
tão alto excesso. Oh rara preheminencia!
Quanta grandeza o vosso peito abarca,
quanto he menos em vós o ser Monarcha!

4

Mas já a Razão a causa está patente
de merecer ao Ceo tam raro indulto:
Que mais motivo do que o zelo ardente
com que vos empenhais no Sacro culto!
Ser conservado puro e reverente
fareis entre os Monarchas mayor vulto:
Que o mais glorioso vosso timbre he victoria,
pois he à honra de Deos do Rey a gloria.

5.ª

Os Dominios, as pompas, os Estados,
os Trofeos, as Liguras, as victorias,
por timbres á Coroa vinculados,
grandezas Regias são, mas transitorias:
Nisto os Reys tem iguaes os predicados;
mas da Religião com altas glorias
conservar nos Dominios a pureza,
tudo o mais he vaidade, isto he grandeza.

6.ª

O exemplo ao Mundo, devoto cadmirado
do Templo a pompa, e á attenção no Templo:
se de verso alto espirito ó elevado
tanto edifica, que fará ó exemplo!
Isto sim: mas se hum Rey, de Deos trasladado;
do culto o Zello, que em vós só contemplo,
deixa que se profane, ou se destruia,
sem muita fé não pode crerse a sua.

7ª

Nam só funda hum Imperio a permanencia
das armas no poder ou tirania;
pois o juiso ainda he mayor potencia,
e a piedade athe vence a valentia.
De Deos no culto a exacta reverencia
vos conserva feliz a Monarchia;
e Rey, defendendo com igual cuidado,
vós a sua honra, Deos o vosso Estado.

8ª

Louvem em hora a quem no horror da guerra
contra a infalivel sorte da batalha
da tanta vida por tão pouca terra
quanto circuito abraça huma muralha:
Oh viva o Rey que esta ambição deserra,
em que tanto Monarcha em vós trabalha;
pois dá gustos á vida, a razam medos
perder vassallos por ganhar penedos.

9.

Da doce paz as glorias não Lemita,
na guerra o seu Imperio estende a morte,
onde a felicidade do conflito
não he Ley do vallor, caso he da sorte:
Não se abra a porta Jano (oh Rey invicto;)
que nas áras horriveis de Mavorte
sacrificar as vidas dos vassallos,
he destruillos, e isto he conservallos.

10.

Se em vosso brasso qualquer mão armada
respeita a força antes de ver o effeito,
por que não ha de estar ociosa a espada,
se vos fas invencivel o Respeito?
Logra na paz (dos Reinos dezejada)
Tropheos mais nobres vosso Heroyco peito;
que o vencer a pezar da rezistencia
sempre he infamar a gloria na violencia.

11

Dominais taõ feliz, tam opulento,
por ser Iris da paz, da Fé columna:
Nada á Sorte deveis: no vosso augmento
deixa o merito inutil á Fortuna.
A formar o mayor merecimento
circunstancia naõ ha que em vós naõ se vna:
O cetro iguala aos Reys; mas os progressos
mostram nas igualdades os excessos.

12

Quando vio Portugal tanta opulencia?
quando socego a paz mais descançada?
quando os Templos mayor magnificencia?
quando a Corte igual lustre em todo o Estado?
O certo he, Senhor, que a Providencia,
vos tinha a vós somente distinado
para seres, logrando tantas glorias
dos tempos pasmo, assombro das memorias.

13

Oh! vivei, e deixai que eu vos decante
porzelloso, Catholico, Purdente,
Sabio, Forte, Pacifico, Triunfante,
generoso, Magnifico, e clemente:
Saiba o mundo tambem, porque eu o cante,
que logramos hum Rey tam excellente;
e será, com feliz posteridade,
das idades enveja a nossa idade.

14

Sois ao mundo admiravel: não se aplicam
os estragos do tempo rigoroso
ao vosso ser; que eterno vos indicam
as altas circunstancias de famoso:
Se estas unico erraro vos publicam,
com rezam (oh Monarcha portentoso)
vos admira, respeita, espera, acclama,
o Mundo, o Tempo, a Eternidade, a Fama.

Athe aqui V. Mag.e

Agora Eu

Decimas

1ª

Pois a Muza em louvor tal
sem ter cabedal se sente,
vós me inspirai, pois somente
podeis vós dar cabedal.
Mui pouco hum engenho val
de infortunios perturbado;
pois quando com mais cuidado
me empenho em voso louvor,
vejo que me faz peyor
o verme tam empenhado.

2ª

A vida sempre occupada
trago por burcalla, e eu
sem que tenha hora de meu,
nunca de meu tenho nada.

Oh

Oh se huma hora afortunada
tivesse em vós prevenida!
todo o tempo sem mais lida
gastara em vosso louvor:
Daime huma hora, senhor,
que eu vos darei toda a vida.

3ª

Oh quem me dera, senhor,
pois me deu em vos louvar,
que a vós vos desse em medar
novas cauzas ao louvor!
Vosso poder superior,
eo meu se haviaõ de ver:
Cada qual o seu poder
mostrára em glorias altivas;
eu avós dandovos vivas;
vos a mim com que viver.

4ª

Quizera ter na verdade
inteiro conhessimento

de vós: Pello entendimento
vos conhesso, e pella idade:
Conhesso-vos na piedade,
também pello coraçaõ
pello Rasto, pella acçaõ
por tanto illustre progresso;
por tudo isto vos conhesso,
mas pella moeda naõ.

3.ª

Oh quem me dera manter
no gosto de cellebrarvos!
quem me dera que o louvarvos
fosse só o meu comer!
Quem me dera livre ver
de tanta oppressam atróz!
Mas cesse ja minha vóz
de estar (se o mal exagera)
quem medera! quem medéra!
Quem me hade dar? Daime vóz.

Ley Devina, e humana, em fim,
he pedir a Deos ca o Rey:
pessamos a toda a Ley
ao Rey, se o quer Deos assim.
De vós hoje a rezar vim
com oraçam tal e qual;
e se o Padre nosso val
dizendo-o a Deos todo o bem,
dizer quero a El Rey tambem
Livrainos de todo o mal.

Amen Jezus

O Amor do Mal me quer.

Soneto.

Das verduras das Plantas vencedor
galido o Malmequer, hoje a vez vima:
porem não he de medo o verde assim;
tambem o Ouro he amarello, e tem valor.

Se vence o amarello desta Flor
da Mangerona o verde é do Alecrim,
que esperanças de amor que não tem fim
na desesperação tem melhor Cor.

Da quanto o Malmequer para o bem val!
pois por sua verdade o chego a ver
do Mal de amor remedio universal.

Se acha o bem nesta Flor a hi quem quer,
em querer a outras Plantas quero mal,
quando só me quer bem o Malmequer.

de Alexande Anto de Lima

Hum preso deixou escripto na parede da Cadea contra o Corregedor q. o tinha preso este

Soneto.

Lobo Cervil fantasma peccadora,
animaria Christam, Salvage humana,
que eras com vara pescador da Cana,
quando ouveras de ser burro de nora.

Levete Brazabu, vaite em má hora,
levanta desta ver fato e Cabana,
e nam pares venam na Trojabana,
ou no meyo da Libia a brazadora.

Tendate hum Rayo, partate hum Corisco,
em Caras sejas tu, feras na Rua,
sepultura, te dem monte de Cisco.

Toda aquella Coiza que for tua
corra sempre comtigo o mesmo risco!
Oh animal, oh fera, Oh besta Crua.

Falla Christo no horto com seu Eterno Pay

Soneto

Pay se pussivel he, passe a violenta
batalha, que este Calix simboliza,
ou seja dos tromentos que me aviza,
ou dos peccados que me reprezenta.

Se tanto na lembrança me atromenta,
e na imaginaçam me penaliza,
que será quando em oblacam preciza
tudo oque se imagina se exprimenta.

Mas pereca ésta vida tranzitoria?
e ay da quelle que obrando sem conselho,
desta fineza nam fizer memoria;

Sem ver de meu amor no claro espelho
que eu por passallo apremiçaõ da Gloria
abrî as veyas deste mar vermelho.

Falla Christo com a Coluna em que Recebeo os acoutes.

Soneto

Oh marmore constante? Oh pedra dura,
qual de nos deve ter mayor firmeza,
eu que sustento os golpes da fereza,
ou tu que prendes quem tudo he ternura.

Hade mister para ésta acçaõ prejura
qualquer de nos diversa natureza;
eu para o sufrimento essa dureza,
tu para a Compaixam esta brandura.

Treme Oh Coluna deyta iniquidade,
e ache nas pedras hoje o sentimento,
quem naõ achou nos homêns a piedade;

Se hés base do meu abatimento,
que mais queres que ser condivindade
de Deus da minha obras fundamento.

Fala Christo com a Cruz em que vay dar a vida pellos homẽs.

Soneto

Vem cá oh Cruz das mãos deves estar
de alivios para a humana natureza,
que hoje deste homem Deos a fortaleza
Teduzirar a dolorozos passos.

Heyde prenderte em amorozos laços,
Ombros metendo a tam Divina empreza,
que emdarte as costas obro maij fineza,
que aque tu fazes em medar os braços.

Vem cá, que hés do peccados figura,
eo seu alivio está no meu tromento,
dejathe a minha emfermidade cura.

Que foi do meu amor piedozo invento,
quando abaterme nesta Cruz procura,
Levantallo no mesmo abatimento.

Carta Dama

Soneto

Ao de pois que na quillo vos faley,
aquillo só vos penso, e nada mais,
e se aquillo meus olhos me negais,
julgo, que por aquillo morrerey.

Aquillo só vos penso, e pedirey
athe que aquillo só me concedais,
e se aquillo meus olhos, me negais,
gritarey por aquillo, Ah que del Rey.

Na quillo tenho posto o meu cuidado,
por aquillo irey do tejo ao Nilo,
se aquillo, por lá ir me fora dado.

Aquillo, em fim, me trar tam desvelado,
que se dormindo sonho só na quillo,
na quillo sonho só quando acordado.

A O Terremoto

Soneto

Treme a Terra insencivel elemento;
dorme a Terra no homem animada;
huma Terra com Culpa sossegada,
outra Terra sem Culpa com tormento.

A que nunca pecou por pensamento,
dos Castigos do Ceo tam assustada,
a que deve temer ser castigada,
sem temor do peccado está de assento.

He tempo, Oh Homem já de despertar
se nam quereres de todo perecer;
trata deverar já de resurgir;

Pois a Terra te vem a recordar
que te falta temor o seu tremer
pois tanto a far tremer o teu dormir.

A O Terremoto

Soneto

Este impulso terreste enfurecido
a Terra faz tremer com violencia;
a justa, Pecador, a conciencia,
se está no teu peccado submergido.

Desperta do Tremor embravecido,
ás culpas faze toda a resistencia:
Deixa da vaidade a dependencia
pêrete já de temer delinquido.

Nam pereristas nos vicios, que ofendendo
a Deos, cada vez mais o iráz irando:
E pode ser que a Terra vá tremendo.

Que como cada vez vaz mais peccando,
o mesmo Deos a Terra irá movendo
para que com as culpas vás parando.

Aos breves gostos do Amor

Soneto

Gloria de amor, que presto que feneces!
Pena de Amor, que larga te dilatas!
Que largamente hum coraçam maltratas!
Que brevemente que te desvaneces!

Gosto fingido, no melhor pereces;
verdadeiro tormento sempre matas:
se te concedes, logo te recatas:
se te apoderas, nunca te entorpeces.

Pena cruel, que a alma me trasparas,
gloria caduca, que tam pouco aturas,
quem pudera emmendar tantas disgraças?

Quem tivera num ser sempre as venturas?
Es dore de passar, por isso passas,
es dura de sofrer, por isso duras.

a una Dama q. mató entre los dedos una pulga q. le avia picado el pecho.

Soneto

Picò atrevido un átomo viviente
los blancos pechos de Leonor hermosa
guarnece en perlas ondor en rosa
breve Lunar del invisible diente.

Ella dos puntas de marfil luciente
con subita inquietud bañò quexosa,
y trocando su vida bolliciosa,
en un Castigo dos venganças siente.

Al espirar la pulga, dixo: Ay triste!
fue tan pequeño mal dolor tan fuerte?
Ò pulga, dixo ià, dichosa fuiste.

Detiene el alma, y a Leonor advierte
que me dexe picar donde estuviste,
que yò trocaré mi vida por su muerte.

à La boca de Anarda.

Soneto.

Mineral de marfiles prodigioso,
y de aljofares Concha soberana,
Epitome gentil de noble grana,
Rubi, quando partido màs brioso.

Nacarado matiz al Rostro hermoso,
Clavel que se deshoja, Rosa ufana,
Sangria de Carmin, purpura vana,
Erario de jasmines primoroso.

Esta èz tu boca unica y gallarda,
que siendo para Abril un nuevo ensayo,
èz lo menos que tu belleza guarda.

Ahora reconocan, sin desmayo,
Si èz la boca Dezienbre para Anarda,
qual serà para Anarda el bello Mayo!

Al Rapto de Elena,

Soneto

De Elena la hermosura peregrina
robaste à Paris, con engaño injusto;
y, por venderle una delicia al gusto,
de compras al decoro una ruina.

Si la estrella de Venus te destina,
por lograr tu apetito à nò ser justo,
como profanas el saber de Augusto,
si Augusto el sabio, estrellas predomina?

Perdiste enfin la gloria de triunfante
por conseguir de Amor, con falso trato,
un gusto que fenece en un instante.

Y pagando el hospicio con el rapto,
para satisfazer horas de Amante,
quisiste eternizar culpas de ingrato.

a una hermosa Dama
avara de sus favores.

Soneto

Dexa Lisis de ser fiera, ò hermo
dexa Lisis de ser bella ò tirana,
que implica lo gentil, y deshumana,
que implica lo divino, y desdeñosa.

Si adquires bella estimacion de sa
Como exercitas fiera accion humana,
ò el rigor desmientes soberana,
ò la Deidad desmientes rigorosa.

Adoro, ò Lisis, tu belleza amante,
pagas Lisis mi Amor con tu fiereza:
Yò en amor, tu en rigor constante.

Yò diamante en amor, tu en dureza
Mas si un diamante labra otro diamante,
labrarà mi firmeza a tu firmeza.

a uno amante, lastimandose su Dama de
los males q. el sobria por ella.

Soneto

Fabio, una ausencia noble padecida
quando en Objecto grande imajinada,
aun que es pena del alma en lo abrazada,
es credito del alma en lo entendida.

No te quexes de Filis, que advertida
acude a los respectos de obligada
en mostrarte a tus males lastimada
y en negarte a tus ancias presumida.

Remedio tu mal Filis piedosa:
solo para tu amor no busca medio,
porque sabe que es ella el incentivo.

A todo pues ayuda cuidadosa;
al dolor, con ser Filis el remedio;
al ardor, con ser Filis el motivo.

a las miserias de la vida humana.

Soneto

Que contrastado veo que afligido
aquel pobre Baxel, que al Occeano
procura humilde resistir en vano,
procura en vano contraxtar rendido.

Yá de Ola en Ola, con fatal ruido,
aquel escollo tapa de ondas cano;
Ya uno le amenassa desumano
en roncas grutas porotentoso nido.

Yà con occaso vil, con vil siniestro
el que èra al Mar injuria presumida,
del mal ludibrio le bolviò la suerte.

Exemplar en su curso al curso nuestro
pues èz el Undo Mar, Baxel la vida,
penas las Olas, y escollo muerte.

a una Rosa

Soneto

Este exemplo feliz de la hermosura
que en purpureos ardores resplandece,
si a dar admiraciones amanece,
a nos dar escarmientos se apresura.

No mide los espacios su ventura,
pues quando breve exalacion florece,
de aplausos de la vista se enriquece,
nò de injurias del tiempo se asegura.

Para que màs edad, si nò mejora
la pompa, que en fragante incendio brilla,
y cada instante contrapone un daño?

Sobrada eternidad es cada hora
para ser en la muerte maravilla,
y nò ser en la vida desengaño.

Si ès màs fino Amor el que nasce de
La voluntad; ò de La razon; ò del destino?

Soneto.

Quien ama, Fabio, a fuerza del destino
por violencia de los hados ama;
y Amor a quien el hado diò La llama,
fatal Amor serà, pero nò fino.

Quien Ama, puesto en la razon el tino
Cuerdamente, nò ciego, al alma inflama;
y Amor, que en su razon cuerdo se aclama,
nò màs que razonable Le imagino.

Quien Ama por querer, ès evidencia
que haze su voluntad con tal ventura,
que extremos sacrifica à La Belleza.

Y pues haze el destino a Amor violen
pues La razon a Amor buelve cordura,
Amar por voluntad solo ès fineza.

habla el Autor con Dios, acogido en la clausura queriendo salvar el alma de las tormentas del mundo.

Soneto.

En este golfo de la vida incierto,
corre, Dios mio, temporal la vida;
huye del puerto el alma estremecida,
pues nò ay Sirte mayor que el mismo puerto.

Sea en las playas pues deste desierto,
Cuja serenidad oy me convida,
por vós a salvamiento conducida,
pues vuestra Luz èz norte, y nò mi acierto.

Libre-se yà de riesgos y Sirenas
este Baxel, que de las ondas roto
se vè escapado del naufragio apenas.

Seran de vuestras Aras que oy devoto
beso, sacros trofeos las cadenas,
un Coraçon ofrenda, una alma voto.

ao estrago q fez o Teremoto na Cidade de Lisboa no anno de 1755=—

Soneto

Já se prosta a soberba, já termina;
Luzitania infeliz, chegoute a idade
de abater, nos excessos da vaidade,
sepultando a grandeza na ruina.

Precipitasse o fausto, não declina:
Nesta justa fatal calamidade,
quanta pompa erigiste á eternidade,
destruhio num momento a mão Divina.

Que bem se admira, com pezar profundo,
o castigo do Brasso Soberano,
no estrago do golpe furibundo!

Já chegou aos mortais o dezengano:
Mas foi precizo que tremesse o mundo,
para abalarse o coraçam humano.

de Alexandre Ant.º de Lima

ao Conde da Torre, matando hũ Touro
de huma só cutilada

Soneto

Foy, oh Conde bizarro, de tal sorte
a vida desse bruto prezumida,
que o Lasso Már da mais cruel ferida
julgava estreito a seu alento, forte.

Mas só vós, Cayo illustre de Mavorte,
fizereis, com pujança nunca ouvida,
que por onde a sair nam coube a vida,
soberba entrasse a arrebatala a morte.

Emfim, cahio o bruto, e parecia
que o tom do golpe, que no Vale dura,
em todo o ar exequias lhe fazia:

Pois foy tal dessa espada a força dura,
que inda á terra parece que lhe abria
com os sobejos do golpe a sepultura.

Ao mesmo assumpto.

Soneto.

Tam bravo golpe, oh Conde illustre, déstes
nesse amante da Europa que matastes,
que só o estrondo que ao ferir causastes,
todos os Signos atroou Celestes.

Tam veloz, tam bizarro acometestes,
que no impulso menór com que voastes,
ao golpe horrendo a morte antecipastes,
e por demais a execuçam fizestes.

Faltou emprego á espada; e ao braço forte
Lugar, donde parasse a desmedida
força, que enveja Achiles, e Mavorte:

E entendo, que ambicioso da ferida,
por ter o bruto o credito da morte,
causa vos deu para tirar-lhe a vida.

a un gran Sogeto, que haziendo excelentes versos, dissimulava el nombre.

Soneto.

Erigio Athenas en su antigo estado
Ara devota a Dios nó conocido;
La Deidad adorava en lo escondido,
y el respecto crescia en lo ignorado.

Nó error, misterio fué; pues bien mirado,
desmiente á La Deidad Lo comprehendido,
y és à Lo immenso el Culto más debido,
La fé sin ojos, y ûn horror prostrado.

Oý aquien La fé nó desconoce
Deidad, y aquien nó ay Aguila altanera,
que tantas Luses ó registre, ó goze:

Nublar que impuerta a tanto Sol la esfera,
si ha de amaros Deidad quien nó os conoce,
pues quien os oye, Oraculo os venera?

habla uno desgraciado am.te, aludindo al que se namoró de la Estatua de Venus —

Soneto.

Oh tu que abrassas essa piedra hermosa,
en ciego error, a ser dichoso vienes,
pues amas sin cariños, ni desdenes,
y en tu amor mismo, tu querer se goza.

Ay de mí, que en desdicha rigorosa
siento tus males sin lograr tus bienes;
pues si de piedra tu la imagen tienes;
de piedra tengo yó la misma rosa.

Tu, bien que tu locura se confirme,
contemplo yó, que para embidia darme,
abraças facil la dureza firme:

Mas que desdicha a mi puede igualarme,
se una piedra me sóbra a que rendirme,
y una Estatua me falta a que abraçarme?

P.ª El Rey Nosso Senhor milhorando de huma accidente na sua queixa

Soneto

Tantos pobres de esmolas socorridos,
tantas almas do fogo aliviadas,
a Deos tantas Igrejas consagradas,
ao louvor tantos coros erigidos.

Os Templos de ornamentos guarnecidos,
com respeito as Imagẽns veneradas,
tantas merces com todos praticadas,
tantos bẽns por vassalos repartidos.

Suspenda Portugal a dor, e o pranto,
o cuidado reprima, o susto emmende,
a vossa queixa nam motiva espanto.

Que vós sois immortal o Mundo entende;
E nam acaba hum Rey que anima tanto
huma vida da qual tanto depende.

De Luis Borges de Carv.º

A El Rey N. S.r D. João o 5.º passando da idade de 60 annos a q.e não tem chegado os seus Ascendentes da Caza de Bragança.

Soneto

Dos vossos Ascendentes na piedade,
no valor, na constancia, e na firmeza,
na justiça, no amor, e na inteireza,
na fé, na devoçam, na christandade.

No respeito, altiveza, e Magestade,
na prudencia, juizo, e na agudeza;
no zelo, no fervor, e na grandeza,
alcançaste, Senhor, a Heroicidade.

Que importa ser verdugo da memoria
a pouca duraçam, curta medida
da breve idade vida transitoria?

Pois de bem natural ninguem duvida,
se entre os mais conseguinte mayor gloria,
que tenhaes do que elles mayor vida.

a una Dama, que trahia un relox nel pecho.

Soneto.

Esse relox, que de tû pecho há sido,
miro Filena, a mi lo hé comparado;
a mi sentido quando apresurado;
a mi cuidado quando suspendido.

Si su mano despierta tu sentido;
mi sentido despierta mi cuidado;
Si sû mano las horas que hás gastado;
mi cuidado las horas que hé perdido.

Muevante pues, Filena, mi dolores,
nó del relox los movimientos necios:
Aplica à lo más firme tus ardores.

Mas ay, que entre los dós trocas los precios;
él inconstante; lógra tus favores;
yó, siendo firme, lógro tus desprecios.

a ũna Dama q. diõ un Relox a su galan
en occasion de auzentarse.

Soneto.

Herido el pecho, la colõr perdida,
tristes los ojos, la passion airada,
con suspiros la voz nõ articulada,
sin vozes la passion bien entendida;
Llega Filis a Fabio enternecida,
y más que nunca del enamorada
dale ũn Relox, y pidele turbada
que lo lleve con cigo à la partida:
Luego a Fabio le dixe: en tus demoras
pues que sola me dexan tus crueldades,
yô sola llorarê si tû nó lloras;
Que los dias que llora soledades,
el Relox nõ segure que son oras,
si los piensa el amor eternidades.

á morte delRey de Portugal D. Affonço 6.º

Soneto

Nam tristes prantos movas Libitina,
nem tenha de Cybelle a frente atada;
para a corrente a esta dôr nevada,
que esta morte foi dita, e nam ruina.

Morte sim foy, porquanto o Ceo declina
o fragil ser ao seu caduco nada;
Mas vida de hum Monarcha desgraçada,
no tranzito a ventura mais afina.

Soberano Senhor, a fatal sorte,
produçam infeliz do eterno fado,
tanto o Cedil combate, como a Corte.

Ditozo he só, só he afortunado
quem perdendo o Imperio antes da morte,
soube ganhar ser bemaventurado.

a unos agravios amantes.

Soneto=

Morir de modo silicito; viendo
imposibles que llora mi cuidado,
si viendome la muerte profiado,
faltame porque solo la pertiendo.

Es merito sufrir lo desdichado;
pido a mis ancias vida de prestado,
mas ni sê como vivo, ni me entiendo.

No muero de tristezas inmortales,
ni vivo, que en perpetuo parocismo
el alma trânsfiguro con mis males.

Subome al Sol, y caigome al abismo,
y alfin me pierdo en Babilonias tales,
que vengo a ser infierno de mi mismo.

a ũnas dezesperaciones amantes

Soneto=

Ardeis mi coraçon, mas tan sogeto;
llorais mi coraçon, mas tan callado,
que por la llama nò sereis hallado,
ni con las vozes rompereis secreto.

Se hazeis de vuestro ardor algun concepto;
si del llanto mirais lo derratado,
de la pena os quedais con lo llorado,
y del fuego os quedais con el effecto.

Ah coraçon, de aũn fuera desta suerte
este mal de que os veo combatido,
vuestro dolor jusgára no tan fuerte:

Pero padeceis más inmudecido,
porque ignorando Aurora vuestra muerte,
nó podeis merecer por lo sofrido.

a una Dama sangrandose en la planta

Vide fol. 51

Soneto=

Herido el delicado piè que mueve,
embuslo de cristal, templo de plata,
desmayada de amor hermosa ingrata,
Coturno de rubies calló à la nieve.

Que destilado de una fuente breve
por venas de Zafiro se dilata
del agoa al humo que detiene, y grata
en purpureo esplendor su ecicio beve.

Luzes al Sol suspenden los desmayos
viendo correr la sangre de la vida
que en esperanza produzia mayos:

Y mi imaginacion triste y afligida,
Ariś se buelve, porque beva en rayos
el alma que vê en sangre estár vertida.

a hũ amº Astrologo, levantando figura á hua Dama

Soneto

Nesse papel azul de Luzes bellas
a providencia eterna prevenida,
os affectos fixou da humana vida
aos finos caracteres das estrellas.

Influe o Ceo em vós, e influem ellas,
porem ésta influencia tem medida;
Nam violente ao querer se o convida,
que he mais o livre em vós, que o poder nellas.

Fabio, se este alvedrio da vontade
soube vencelo Cloris, he Loucura
consultar das estrellas a verdade.

Que Lam de dizer de Cloris por ventura,
se he menór o poder que a Liberdade,
e he mais que a Liberdade a Formozura?

queimando Luiá Dama a mam, atisando huma vella

Soneto = jocoserio

Querendo o mal saber de que morria
o fogo que quiz ser vosso afilhado,
bejandovos a mam ficou pasmado
e morto de ver quanto a neve ardia

Ha nunca mais fará tal valentia,
por muito mais que o atisse seu peccado,
que gato que huma vez foi escaldado,
tem muitas veres medo de agoa fria.

Perdoou-lhe ésta mam, por ser primeira
a offença cometida ao vosso gosto;
mas á fé que lhe pôs sal na moleira;

E que mais vos não êrga olhos, sem nisto,
pois inda lhe arde o cabo da fogueira
que fez lançar mais pingos que antrecosto.

en la ingratitud de una Dama
Habla el amoroso en sus afectos.

Soneto.

Oh rompa yá el silencio el dolor mio,
y salga deste pecho desatado,
que sufrir los rigores de callado
nó cabe en lo que siento, y que profio.

De obedecerte, Amarda, desconfio;
muero de confuzion derespendado;
Nó quieres sea tuyo mi cuidado,
ni dexas pues que yó tenga mi albedrio.

Mas yá tanto la pena me maltrata,
que vence al sufrimiento; yá nó espero
vivir alegre; el llanto se desata.

Otra vez de la vida derespero;
Si nó me quexo; tu rigor me mata;
y si callo mi mal, dos veces muero.

Soneto.

Grande mal és callar un pensamiento;
dizirlo inutilmente, és mal doblado,
que un coraçon de angustias rodeado,
ni hablar, ni callar le viene a cuento.

Es errar el camino a su intento
querer hallar camino al desdichado,
misterio solo al cuerdo rezervado
enloquecer de puro sentimento.

El puro entendimiento, és só amaros;
La falta de entender, és nó quereros;
prudencia enloquecer por contemplaros.

Tanto puede el recelo de ofenderos,
que parece Locura el dezearos,
y parece cordura el mereceros.

al ver una hermosa Dama

Soneto.

Miré: Nó digo bien; Ceguê de veros:
Ceguê: nó ay tal; morime de miraros:
Topê con vóz, perdime por toparos:
Parê por vóz, ganeme en conoceros.

Si nó os miro, Belisa, hei de perderos:
Si nó cego con veros, nó hei de hallaros;
Si nó páro por vóz, nó hei de ganaros;
Y si nó miro, és cierto el nó teneros.

Pues yó quiero mirar vuestra bellesa
aûn que ciegue mi perda, y estê sin vida,
que por vivir, nó veros és vileza:

Que pues, Belisa, és joya tan subida,
por mirarla, morir aûn nó és finesa;
morir por verla, accion és entendida.

Desengaño à La Hermosura de Filis

De Fr. Antonio das Chagas ?

Soneto.

Presta La Aurora à La mañana aliento;
al dia alegre, el Sol La gentileza;
La Luna al Orbe obscuro su belleza;
Los Astros, à La noche el Luzimiento.

Rie La Aurora, y llora su escarmiento;
Madruga el Sol, y muere su grandeza;
Nasce La Luna, y mengua su pavesa;
brilla una estrella, y turba su ardimiento.

Pues ¿e una noche, un dia, un giro, un ora
conservan, Filis Hermosa, sus centellas
Las estrellas, La Luna, el Sol, La Aurora:

Oh desengaña yâ tus Luzes bellas;
Que esperan pues, si todo se desdora
La Aurora, el Sol, La Luna, y las estrellas?

a una Dama sangrandose en la planta.

Vide - f. 44

Soneto.

Blancas las Rosas, muertas las centellas
en luminosa y liquida corriente,
prado de Rosas, de Rubies fuente
vertia Clori de sus plantas bellas.

Lauro que via de sus dós estrellas
eclipsada la Luz, ali presente
con suspiros le hablava tiernamente,
formando, en vez de vozes, mil querellas.

Las bellas plantas de Marfil que adoro,
en eclipse de Luz, de Luz desmayos,
herires, Clori hermosa, nó me espanta:

Que aûn que desprecias prodiga un tesoro,
Ni fueras Sol sin eclipsar los Rayos,
ni fueras Venus sin herir la planta.

haziendo finesa de nó amar a Filis

Soneto=

Filis, si és fuersa vendoos, dezearos,
y dezear amando, és offenderos;
La finesa he de hazer de nó quereros,
pues nó será quereros agraviaros.

Mucho podré comigo en nó adoraros;
Mas como nó aspiro a mereceros,
viendo que nó és decoro apeteceros,
pienso nó os amaré por respetaros.

Mas que impuerta nó amaros, si estoi viendo
que si os respecto en nó os servir amando,
daros mas pura adoracion pertendo?

Como pues viviré nó os venerando,
si hasta ir el alma de os querer huyendo,
és nuevo modo de iros adorando?

Filis muerta entre la aurencia
ó mudanzas de su amante.

Soneto.

Que é êsto Filis! que rigor ha visto
tan tirano, que pueda haver robado
de tu vida el aliento venerado,
de Belardo el empeño esclarecido?

Si se rendió tu coraçon herido
porque nó rezistió mal alentado?
Ó fué poco el valor que si há prostrado,
ó fué mucho el temôr que si há rendido.

Mas si tu pena con tu muerte escribes,
escrivirte la mia tambien quiero,
si acaso muerta mi dolor concibes:

Y mira entre los dós el mal severo:
Tú mueres, por nó ver lo de que vives;
Yó nó vivo, por ver lo de que muero.

a una Dama viendola su amᵗᵉ, mucho tiempo
despues de ella lo haver desengañado.

Soneto.

Há mucho, oh Filis, que te amê rendido,
y tû me conociste enamorado:
Vendiote sacrificios mi cuidado;
Ayrada resististe a mi sentido.

Conocî tu desden, y arrepentido
de tenerte con ancias enojado,
Amor se retiró desengañado,
quedando, alfin, Amor amortecido.

Mas como acá en mi pecho se eternisa
una immortal cenisa, y dentro en ella
una centella que se immortalisa:

Vite; y quedaron en tu vista bella,
La centella abrazada, echa cenisa;
La cenisa encendida, echa centella.

a ũnas Lagrimas

Soneto

Si huyr del alma Lagrimas corriendo
a mis ojos, que alivio os apresura,
quando en el fuego que mi Manto apura
ahogo el coraçon, el alma incendo?

Firme en vuestros caudales deziendo,
parece voluntad, nõ desventura,
y passa de fineza a ser locura
consumirme llorando, elarme ardiendo.

Pues lagrimas, de espacio al escarmiento,
que Eurtais a vuestro merito el motivo,
dando essa prisa a vuestro sentimiento:

Que como el alma en vuestra copia escrivo,
si durais mucho, abono lo que siento,
si acabais presto, agravio lo que vivo.

gustos soñados

Soneto

Lori, el sueño atrevido a tu respecto,
hizo nò sè que burla a mi cuidado;
pues vi que el alma en sueño suspirado
hizo eslabon de tu beldad mi afecto.

Mas ay, que deste bien, aũn imperfecto
Como èra mio, la impiedad del hado
Hevò de acuerdo el gusto de soñado,
nò las saudades que dexò tu objecto.

Pues Lori, que me val el gusto incierto
que logro en los engaños de dormido,
para llorar su perdicion despierto?

Si àsta en un bien fantastico ha sabido
que ni por sombras de un alivio muerto
dexas durarme un bien que nò lo ãa sido.

a Clori, en el dia q. La Iglesia hace memoria
Del Juizio. ——— Assumpto Academico.

Soneto.

Oy que los faustos de la humana pompa
son caduco esplendor, breve ceniza,
y en triste amago al orbe atemoriza
el son fatal de la postrera trompa:

Anticipe-se, ò Clori, nò interrompa
el juizio al Juizio; y si me hechiza
Amor, remora ûn tiempo antojadiza,
parca ésta vez los nudos ciegos rompa.

Sé que ûn Mundo eres breve, y q. essas bellas
Luzes, estrellas son; Mas que profundo
juizio, nò harà el alma aora dellas?

Si sê, que en este dia en q. me fundo,
han de caer, ò Clori, las estrellas,
y ha de acabar con su ruina el Mundo?

a Hercules despedassando Viboras no berço

Soneto

Infantil mam, que a triunphos se dest
Ceruleo nó de Viboras dezata,
e alma purpurea em golfos de escarlata,
trunca valente, rápida fulmina:

No molle berço as forças examina
o duro Alcides, com victoria grata;
e o braço com que vence, e com que mata,
preludio faz da bellica doutrina.

Nam sabe repouzar valor que he forte
e ao Semideos, que estuda heroyco emprego,
a vida lhe parece curto espaço.

Porem não que ennobrece aquem dá mte
Se estes trabalhos sam o seu socego,
quaes serão as fadigas do seu braço?

ao bem feito e pequeno Pé de huã Dama

Soneto

Que tem que ver o vosso Sapatinho
Linda Jacintha, com o meu dezejo,
que tanto que assomãr na fralda vejo,
Logo grandes venturas adevinho!

Eu não sey que elle tem, sey que é daninho,
pois sendo tam pequeno, he tam sobejo,
que se entremete nálma com despejo
sem poder aviriguar porque caminho.

Se sendo hum quasi nada assim me altéra,
todo deve de ser feitiçaria,
Ou entre flores venenoza féra.

Mas ay, que he só de Amor occulta espia
que entre bosques de nacarey me espera
para assaltarme os olhos cada dia.

a ũn Javali, q̃. La Inrã Infanta mató á la espingarda

Soneto

Oy dós vezes felis, dós desdichado
te miro, oh Bruto, en tu coral teñido:
Dichozo, pues tal muerte hás merecido,
infeliz, pues tu muerte hás ignorado.

Alfin, eres feliz, pues el cuidado
de más bella Diana hás conseguido;
Infeliz, pues al plomo te has rendido
primero que a Lo bello te hás prostrado.

Pero mejor fortuna mereciste
en La muerte Real que assi gozaste
quando por tu destino La seguiste;

Sin que pueda dezirse que acabaste,
pues La vida en La muerte conseguiste,
y en La muerte La fama eternizaste.

ao mao governo do P.e F. Gaspar moreno
da Encarnaçam. - ministro de S. Joaõ V.

Soneto

Oh tu maldito Alparca, impia, insolente,
barbaro sem temor, nem caridade,
espirito maligno envolto em frade,
assolador fatal de toda a gente.

Jacobeo dessimulas no aparente,
com engano affectado, essa maldade,
offendendo sem ley a immunidade
escandalo do mundo mais patente.

Es na apparencia e fingimento Jano,
es na crueldade estirania Nero,
pois quando mais fingido, mais tirano.

Es estudo Retrato de Lucifero;
mas pois como elle vives desumano,
que a cabes como elle sempre espero.

habla un Coraçon abrasado en llamas de amor, con la ingratitud de de sû Dueño.

Soneto.

Esso vivo Volcan, fuego animado,
ardiente Objecto ó Nize, a tû sentido,
a ûn más que de Las llamas incendido,
se mira de tus ojos abrazado.

Nó el pecho, pues se queja Lastimado
se el Coraçon se mira prezumido
de incenderse en Los soplos de ûn gemido,
de abrazarse en Las llamas de ûn agrado.

Yá de oy mas seçaran mis quejas tri
pues si son éstas llamas de quien ama,
al Amor, Nize, en vano te reziste.

Arde mi Coraçon, que Amor inflama
y si en el Coraçon ó Nize assiste,
tambien te ha de abrazar La misma llama.

á La Roza orvallada

Soneto=

Que impuerta que a tu estrago anticipada
llantos te preste el Alva misteriosa,
si te haze yâ del mal más ambiciosa
ver que estás de su llanto aljofarada?

Como te solicita escarmientada
llorandote por vana, ô flor hermosa,
si haziendote más bella en lo llorosa,
dexa tu vanidad más apurada?

Sin duda fue del Alva desvario;
pues cresciendo en su llanto tu hermosura,
alimentò tu Terror con su Rocio.

Mas flor, nò desperdices la locura,
porque nò ay más poderoso señorio
que una beldad del llanto en la ventura.

al mismo. &c

Soneto=

Si essas lagrimas son, Flor Lastimosa,
sentir verte del cerco amenaçada,
tu mesma te antecipas desdichada,
pues lloras triste el tiempo de dichosa.

Indigna de tu suerte venturosa,
muestras que hà sido en ti mal empleada;
pues del fausto que lógras olvidada,
vás a honrar tu desdicha obsequiosa.

Si tanto lloras antes que anochescas,
viendo de tu fortuna el triste espanto,
que guardas para quando le padescas?

Dexa pues ò Rosa aljofar tanto,
que nò sufren los tristes que apetescas
que uzurpe el bien à la desdicha el llanto.

à La Rosa en boton defuncta

I Soneto

Joya de Abril, y del Jardim menina,
suspende el passo a tu beldad más pura,
que sangrienta Cometa te apresura
quien a purpurea estrella te destina.

Vê que a tu estrago tu altivez examina,
pues siendo toda riesgos la Hermosura,
por hacer gala al sol de una ventura,
vistes en cada hoja una ruina.

Nó idolatres más tiempo una congoxa,
que dóra un engañado Lusimiento
a quien presto La muerte apa y despoja.

Pues parece ambicion de tu tormiento,
herir una Hermosura en cada Hoja,
Leyendo en cada hoja un escarmiento.

à La Roza en su mayor grandeza.

Soneto=

Reyna de Abril, tus vanas Magestades
que impuerta verte de esplendores ricas,
si en cada espina un miedo significas,
y en cada miedo un deshonor te añades?

Nó es decente à Las grandes potestades
el temôr; y si del yâ te publicas
victima, que defensa te fabricas
de archas toscas en viles humildades?

Si es cautelar el Trono, indigna prenda,
parece, dessa altura en los extremos,
temer accion que a tu deidad ofenda:

Pues todo esse cuidado en que te vemos,
fuerça La cobardia a que pretenda
reynar sobre Los animos supremos.

à La Rosa eternizada

Soneto.

Oy, que à Lo bello, vana y desdeñosa,
entre espinas, madruga Flor brillante,
nò temas de tu pompa lo arrogante
ver eplimera presto Lastimosa.

Que Ley del tiempo avrà q. azû olorosa
izencion, nò respecte; ò qual instante,
Sin que venere tu virtud fragante,
ha de atreverte a tu altivez Hermosa?

Porque, si las grandezas que ceniza
son yâ, por Lo que fueron, La memoria
de La fama, en Los bronzes eterniza:

Luze ò Flor; que do tiempo la victoria
nò puede, a ûn que tu ver atemoriza,
de Lo que fuiste sepultar La gloria.

Agradessendo a Gaspar Joze da Camara Coutinho huma caxa de pedra guarnessida de prata.

Soneto

De tal sorte, Senhor, nesta acçam grata
encheis as condiçoens da Fidalguia;
que athe para ao primor dares valia,
em pedras apuraes toques á prata.

De todo o brio a elevaçam se abata
á vossa inponderavel bizarria,
porque só ella emprata, e pedraria
dos tabacos que dá compoem a lata.

Deos me dé de alograr em paz a gloria
que se cahe no cham, hade do estouro
em todo o mundo a mágoa ser notoria.

De ingrato nam terey nunca o desdouro,
que eu engasto huma pedra na memoria
tambem como na prata hum castam douro.

De Felis da S.ª Freyre

à la immortalidad del inclito Inf.te D. Fernando
en Parangon de Marco Atilio Regulo, sacrificados
por la Patria; uno en Tanger; otro en Carthago.

Soneto

De Atilio fuerte, de Fernando augusto
gloria Romana, Lusitana gloria,
armò vil triumfo, cruel cantó victoria
el Reno aleve, el Tingitano injusto.

Mas yà de aquel horror, yà de aquel susto,
la memoria gentil, la fiel memoria,
deve à la tradicion, deve à la historia
justa vengança, desagravio justo.

Oh Roma invicta, oh Portugal triunfante,
Pira nò enciendas, nò hagas Mauseolo
àl que consagras, àl que immortalisas.

Pues del Romano Heroe, del Luzo Infante,
solo Pira ser deve, Busto solo,
Carthago en llamas, Tanger en cenizas.

ata Alexánoro con su Diadema, la herida a un Soldado.

Soneto

Ambicion, ò Alexandro, nò clemencia
ès la piedad que aplicas a ûna herida,
que de su proprio riesgo presumida,
suaviza con la gloria la violencia.

Y que sangre tendrà la vil paciencia
de infamarse en las venas contenida,
al ver que otra se arroga pervertida
de tu frente la Real circunferencia?

Justo ès yà tu dolor, de que ceñido
el Orbe en dos angostos emispherios
breve theatro, fuesse a tus victorias.

Pues si assi premias a ûn Solt.o herido
poco ès ûn Mundo, pocos sus Imperios
para quien los estragos buelve en glorias.

Contra las lagrimas de Cezar sobre
la Cabesa de Pompeyo

Soneto

Quien quieres que te crea esse embustero
hipocrita dolor, Cezar tirano,
si en tus ojos, tu pecho deshumano
falsea al Coraçon lo verdadero?

Esse piedosamente impulso fiero
que adornò la crueldad en trage humano,
embidia mortal fuè de que otra mano
ensangrentase el parrecido azero.

Si lloras por templar la airada saña
del justamente espiritu indignado
de Pompeo infeliz, tu error te engaña.

Pompeo, ò Cezar, nò ha de ser vengado
con llanto a su Cabesa en la Campaña,
si nò a sus pies con sangre en el Senrado.

exclamase contra M. Antº, q. expone
àl Pueblo Romano la Tunica de Cesar.

Soneto.

Desalumbrado Antonio, a que conflito,
con esse ensangrentado informe Vulto,
Concitas el fanatico tomulto
que el foro obstrue en numaro infinito?
A la venganza? Ay loco, esse delito
màs que venganza nò merece culto?
Mira nò entre sus pliegues guarde oculto
alguno de sus aspides Egipto.
Quieres nò errarlo? pues vete, y en el Vego
de la Libertad cuelga del caliente
Puñal de Bruto essa mortal devisa:
Para que sepa el Mundo por tu exemplo
que tal Purpura y Cetro fatalmente
dá Roma a quien a Roma tiranisa.

Contempla Mario su desecha fortuna
en las ruinas de Carthago.

Soneto.

Si authorisar tu exemplo determinas,
Mario infeliz, en la infeliz Carthago,
buelve en ti, buelve, y mira que en tu estrago
yazen màs altamente las ruinas.

Sus Maquinas, del Cielo a ûn que vezinas,
pompa fueron, nò màs, del Ayre vago;
De tu diestro horror fuè solo el amago
de las triumphantes Aguilas Latinas.

Yaze la alta Carthago, pero advierte
que mesclar pudo luego su Ceniza
con las del Gran Scipion, Mario, contigo.

Todo el Zeño arrugò la inigua suerte;
pues tus fragmentos solo immortaliza
para erigirle Templo a tu inemigo.

al Cadaver de Priamo, arrojado
sobre la Orilla del Xanto.

Soneto.

Mira (ò horror!) esse tronco (ò asombro!) mira
esse inutil despojo, a quien el Xanto,
nò sè si por embidia, ò por espanto,
su margen niega, su cristal retira.

Mira, que a ûn quando contra el aspira
sacrilega la llama, ni a ûn en tanto
voraz estrago (ô ten perdona el llanto)
el màs tibio carbon le incendiò pyra.

Mira este triste exporito del hado;
Mira essa illustre infamia de la arena;
esse escandalo mirà de la Aurora.

Mira a Priamo, mira aquel sagrado
Dueño del Asia (ò pasmo! ò horror! ò pena!)
Mira huesped; Mas ay! nò mires; llora.

arroja el mar las Armas de Aquiles
junto àl Sepulcro de Ayax Thelamon.

SONETO

Nò fuè el Mar, Thetis fuè, Thelamon fuerte,
quien la razon vengò de la violencia
con que del Griego astuto la eloquencia
de sophismas se armò para vencerte.

Nò fuè el Mar, pues desaire, si si advierte
fuera de tu valor, si en contingencia
devieras tarde y mal la preferencia
deste recuerdo posthumo à la suerte.

Thetis fuè; que por darle heroico empleo
àl infamado Arnez, movió el arrojo
del Mar; porque en horror del Grego astuto,

Las Armas del gran hijo de Peleo
que de Ulyses cobrò como despojo,
restituisse a Ayax como tributo.

àl Cadaver de Pompeo.

Soneto

Ese tronco pisado, ò Caminante,
ès el busto infeliz de aquel Pompeo,
que dominando a todo el Orbe, creo
perdonò por modestia àl gran Tonante.

Y aquel, a cuyo acero fulminante
tierra, faltava ayer para tropheo,
Oy, ni de humilde tumulo plebeo,
cobrir su Cuerpo dexa el hado errante.

Pero attencion, nò horror, del hado la ley
con misterio fatidico y profundo,
negarle Sepultura sobre el Suelo:

Que como a ûn Heroe tan esclarecido
angosto le venia todo el Mundo,
su Pantheon ser quiso todo ûn Cielo.

adviertese el riesgo de una Monarchia
en la amenasada ruina de su Real Palacio.

Soneto.

Esse Alcasar que ûn tiempo el Firmamento
affectando su error, a ûn oy nò alcansa,
al ver desvanecida su esperansa,
iba a desmoronarse desatento.

Vano intentò, con impeto violento,
antes su estrago ver, que su mudansa,
sin advertir que ès barbara enseñansa
decorar en la ruina el escarmiento.

Reyno infelice, que fatal engaño
te ciega; a que nò mires la doctrina
que en essas piedras dicta el desengaño?

Abre los ojos; pues tu lealtad fina
si en el amago nò previene el daño,
donde has de hallar remedio? en la Ruina?

en los años de ũn Príncipe.

SONETO.

Oy, con illustre afan, con fiel cuidado,
de tus años, ò Príncipe glorioso,
celébra el fausto dia venturoso
el Cielo illustremente desvelado.

Oy, con perene curso dilatado,
en computo regula prodigioso,
de onze esphéras al numaro dichoso,
de onze lustros el numaro sagrado.

Para eterno glorioso fundamento,
sin exceder la esphera de ti mismo,
en tus heroycas prendas obtuvieras:

Si nò fuera de tu divino aliento
Arismetica, Lamina, Quarismo,
La Eternidad, los Astros, las Esphéras.

en la Convalecencia de ùn Gran Cavallero
amigo del Autor.

Soneto

Ya con Zeno cruel Atropos fiera,
pendiente el Caso de la airada mano,
reñia a Cloto, ò Joven soberano,
de ociosa la fatal cruda tixera.

Quando Lachesis, que èl menos severa,
ten (dixo a Cloto) el golpe deshumano,
que esse que jusgas, necia, Invierno Cano,
èl gentil floreciente Primavera.

Nò culpes (bolvio Cloto) el barbarismo,
que àl numerar sus prendas admirables
le reselava eterno sin engaños.

Pues si esse, ò Parcas, fuè vuestro guarismo,
hilad, urdi, texed, que innumerables
como sus prendas han de ser sus años.

a una Fuente que mandó hazer
el Emin.mo S.r Cardenal de Sosa.

Soneto

Tu cuna ayer pisava, ó clara fuente,
de aquel tosco azebuche el fiero villano,
tan grocero, tan rustico que en vano
tu opression lamentavas mudamente.

Oy nó solo ves libre tu corriente
del que tu libertad burló tirano,
pero de heroyco Dueño a excelsa mano
te miras puesta en Solio prehemimente.

Para bien destas flores, y estas plantas
salgas feliz, ignoren tu salida
del seco Exio ardientes desengaños:

Porque sean, en fé de glorias tantas,
tus cristales imagen de su vida,
y sus ojas quarismo de sus años.

en el transito feliz de la Ser.ma Señora
Infanta de Portugal D. Isabel Luisa Josepha.

SONETO

A la hermosura, à la Deidad, àl Cielo?
No es tuyo el triumpho, nò, Muerte tirana;
Allá en la desdichada suerte humana
manche la hoz vulgar, tu cruel desvelo.

La Augusta Phenix que pisò del suelo
la aparatosa breve pompa humana
a Arabia màs feliz, màs soberana
el Real descollo glorioso buelo.

De aquel maligno chronico accidente
el lento ardor la prenda fuè del alma,
ansiada a tan felicissima clausura.

Porque el alma en el Cielo eternamente
puede gozar, en dulce eterna calma,
màs gloria si, mas nò màs hermosura.

Resolucion cuerda

Soneto

Si èsto enfin èz preciso, que violencia
èz èsta que le arguye el albedrio
à la razon? Sin duda èz desvario,
pues peligro amenassa en la dolencia.

Ya, que nò èz si nò una vil paciencia
del alma, que rendida al señorio
del tirano deseo, el yugo impio
sacude con mengoada rezistencia.

Pues que remedio! Es abrirlos ojos,
y con noble affectada cobardia
burlar huyendo el cautiloso engañò.

Y si al huir del alma en los despojos
si quisiere vengar su alevosia,
consagrarlos, que yà èz tiempo, al desengañò.

(Vengança generosa).

SONETO

Te quexas Manleo, àl ver que con ingrato
sudor, te han respondido tus fatigas?
Si algun dolor te mueve a que lo digas,
beneficio nò fuè, si nò Contrato.

Que impiedad que con vil indigno trato
te offenda esse infelix a quien obligas?
pues si con su ruindad le desobligas,
nò te sale el dispendio màs barato?

Si a otro fin, Manleo, tira el beneficio,
màs que a ser beneficio èl sorpe usura,
que sus reditos libra en la esperança.

Pagate de tu noble desperdicio,
y dexale a este triste en su locura,
por que su ingratitud èl tu vengança.

qual sea peor: Pedir? ò Negar?

Soneto.

Del pedir al negar, và tan notable
excesso, quanto ès màs, si bien si advierte;
ser miserable por ingrata suerte,
ò por animo vil ser miserable.

El que àl Ruego se obstina inexorable,
la humanidad, con fiera ley, previerte;
Pero hasta el odio en lastima convierte
quien acresce al dolor lo irremediable.

Ò siempre desigual Naturaleza!
Yà que àl duro Avariento sordo hiziste,
nò hizieras mudo al Pobre sin sosiego.

Dirás que fué piedad; pero ès fiereza
pues lengoa àl Pobre solamente diste,
por añadirle à la miseria el Ruego.

Lamentase el estado infeliz de
Hespaña en la Guerra Civil.

Soneto

Quien sabrá ponderar, ò triste Hespaña,
de tu estado infeliz la infausta suerte,
si ò vencida, ò triumfante, de tu muerte
è simptoma fatal cada Campaña?

Quando airada tu diestra en civil saña
la propria sangre que la anima, vierte,
como hasia el proprio pecho se convierte;
ûn parricidio exerce en cada hazaña.

Ò desdicha sin par! ò sin exemplo
y sin remedio, atroz suerte inhumana,
ò bien seas vencida, ò vencedora!

Pues si tu desventura alfin contemplo,
triumfante reinarás como tirana,
vencida servirás como traidora.

àl Señor Almirante de Castilla.

Soneto.

Valgate Dios por hombre! quanta oculta
tu modesta intencion de immensidades!
pues entre dos Augustas Magestades,
a ùn estrechada, tu grandesa avulta.

Del que tirano, ò presumido insulta
contra si, que han de hazer las vanidades,
si de las mismas infelicidades
màs descollado tu explendor resulta!

Qual serà pues la suerte que destina
el Hado, ò gran Henriquez, tu memoria,
si èl tu blason tu mismo vituperio?

Qual serà, quando èl oy tu noble ruina
faze immortal a Pedro de su gloria?
piedra angular a Carlos de su Imperio!

Affectos de una ausencia

Soneto

A un tiempo alivio, afan, gloria, tormento!
Que nuevo, que imposible, que ignorado
affecto è este! Acazo habrè soñado?
Nò està mui despierto el sentimento?

Loco sin duda estoi, que el pensamiento
dentro en si mismo se halla complicado:
Mas como loco estoy, si si hà portado
con el dolor, tan cuerdo el sofrimiento?

Luegó, si nò è locura, si nò è sueño,
que serà? Que? Un prodigio que en mi ordena
Amor, que reproduxo en la memoria

Otra alma, idolatrado ausente dueño;
pues si una vive en mi para la pena,
otra respira en ti para la gloria.

Rosa, renascida de otra.

Soneto

De ûna Rosa, que fuè de ûn cierto airado
despojo a ûn tiempo y lastima olorosa,
otra vi renascer vanagloriosa,
fatiga del Abril, del Sol cuidado.

Mas luego vi tambien, que desatado
aquel Sol de carmin, en vergonçosa
fragrante vanidad de que fuè Rosa,
ni ûna purpurea senâ dexò al prado.

Para que fuè, belissimo portento,
tanta ambicion para tan curta vzura!
tanto explendor para tan breve aliento!

Nò le basta ûna muerte a ûna hermosa
Ay nò; que el repetir el nascimiento,
fuè para duplicar la Sepultura.

a ũna vehemente dolor de piedra)

Soneto

Oculta piedra, que atractiva y fuerte
al azero fatal avia mi inclinas;
eres Iman, ò Linde, pues terminas
los plazos de mi vida y de mi muerte.

Mas ni linde, ni Iman, si bien si advierte,
eres, ò dura piedra, y pues fulminas,
rayo deves de ser, que ardiente arruinas
este humano caduco fragil fuerte.

Pero, ò seas Iman, Lindero, ò Rayo,
yò he de ver si estudioso en mi paciencia
de ti ũn extracto saca mi desvelo:

Por si hallar puedo en tan mortal desmayo,
piedra filozofal, que sin violencia
me pueda convertir la tierra en cielo.

Euridice y Orpheo

Soneto

Por su Euridice bella el dulce Orpheo
baxa ambicioso àl Reyno del espanto,
que embelesado àl son del tierno Canto,
le restituye su adorado empleo.

Mas con causa, que antes del Letheo
nò diesse, en verla, assumpto a nuevo llanto.
Mas ay que àl infeliz, por ver su Encanto,
si le fuè la attencion azia el dezeo.

Nò offensa, usura si, fuè la inviolable
dura ley de aquel Dios, que suspendido
entre la hermosa faz, y el Canto tierno,

Viò trocarse lo horrible en deleitable
pues Euridice vista, Orpheo oìdo,
embidia àl Cielo dar puede el Infierno.

Llora Clori àl mirar su hermosura
en el Espejo. - -

Soneto.

Suspira Clori, y con razon suspira
àl mirar su hermosura soberana;
pues de hermosa, primero que de humana,
por màs severa Lei, mortal si mira.

Contra lo humano, solo se cõnspira
por ũna vez la muerte deshumana:
Mas ay, que de lo hermoso la flor vana,
del mismo aliento que respira espira.

Si èl del Mundo la suerte màs felice
del tiempo executar màs larga usura,
ò hermosura, que avara assi èl tu suerte!

Pues con infelicidad siempre infelice,
llega a ser tan fatal tu desventura,
que llega a ser tu bien mayor, la Muerte.

en el felice alumbramiento de la
Señora Condesa de P.

Soneto.

Asi havia de ser, ni de otra suerte
ser podiera, Señor, porque si alcansa,
sin trasudor su logro ũna esperansa,
en facil lo imposible se convierte.

Para exercer tu fé, si bien se advierte,
tardò el Cielo; mas yà en igual balança,
el fiel que iva a trocer la desconfiança,
reduxo tu piedad cõstante y fuerte.

Resuelta luego está Naturaleza
de la omission que le echava en rano
quien misterios ignora incomprehensibles.

Del Cielo fuè el cuidado y la pereza;
yà se vê que en la esphera de lo humano
nò caben ni milagros, ni imposibles.

ao breves gostos; e fragilidade do Mundo

Soneto

Que pouco dura a gloria desejada!
que breve acaba a sorte apetecida!
oh homem! hoje morte, e ontem vida!
oh mundo! hoje flor, a menhãa nada!

De ser para o nam ser, facil a entrada,
de nam ser para o ser, nunca há saida;
O que foy, e nam he, que te convida?
O que he, e nam será, como te agrada.

A penna firme, duvidoza a sorte,
incerto o dia, o tormento eterno,
cruel a chama, e o castigo forte.

Chora, sente hum pezar activo, e interno,
pois se o que hontem foi vida, he hoje morte,
o que hoje he morte, ndde ser interno.

Estando pregando certos Missionarios na Igreja dos Anjos, tiase alguma gente em bora por acharem grande o sermam

Soneto

Desperta peccador, jâ que te chama
a vox daquelle Deos naquella Igreja,
pois quando mais te apartas te dezeja,
quando lhe foges mais, he que te chama.

Se tantos dâ signaes de que te ama
porque extremos de amor impulso seja;
oh quanto he justo, oh quanto, que se veja
extinta a culpa do pezar na chama.

Passe a vox dos ouvidos, passe ao peito,
e gerando huma dôr activa, e forte,
des fassa a penna quanto o mal tem feito.

Mude a vida de vida, e mais de sorte,
troque a dor o poder, troque o effeito,
e fassa a penna oque fizera a morte.

ao Sr. Franco. de Pina e Mello no Espelho Nupcial, Epita Lamio, q fez aos felesicimos Desposorios do Illmo. e Exmo. Duque Estribeiro mór, arrebatado ao Templo da Fama, em q vio os seus Reaes Ascendentes

Soneto

Discreto Pina, espirito inflamado *
no sacro resplendor, Devina chama,
descei do Templo consagrado á Fama,
entrai no Templo a Jayme consagrado.

Que vistes no da Fama? convocado
o Regio Tronco? A Regestoza Roma?
no de Jayme achareis, que o mundo acclama
a Rama verde, o Tronco eternizado.

Entrai, vede hum Herôe do Alto conselho,
Estribeiro mayor, rendeilhe culto
immortal, pois aos Deozes ó assemelho.

Animadas vereis, por novo indulto,
tantas Imagens em hum só espelho,
tantas Estatuas dentro de hum só vulto.

Nos desposorios do d.º Ex.mo Duque de Cadaval com a ser.ma d.ª Princeza Henriqueta Julia Gabriela de Lorena; festejando os varios engenhos desta Corte com obras q lhes offreceram, queixouse o Duque de q Luis Borges os não aplaudia, entam fez este.

Soneto

Senhor Duque, em conceitos me nam meto,
tenho medo, e terey destes Senhores,
sem Rozas, Amaranto, e sem mais flores,
faço puro, e singello este soneto.

Pella mam de Hymineo he que o remeto,
cheyo de affectos, nam de resplendores;
e de nam fazer outro a dar louvores,
se cazarem mais Duquez, vos prometo.

Juno está satisfeita, eu o seguro,
alegre o Povo, a fama ennobrecida,
animado o Padram para o futuro.

A Duqueza he formosa, he entendida,
tem virtudes, o sangue he Regio, e puro,
fizestes muito bem, Deos vos dê vida.

De Luis Borges de Carvalho

A ElRey Nosso Senhor na morte do Senhor Infante Dom Carlos

Soneto

Monarcha excelso, he justo o sentimento
da vossa dôr no peito ennobrecida;
pois he grande porçam d'alma offendida
essa prenda, a que falta o Regio alento.

Porem, senhor, moderese o tormento
na larga pose de huma eterna vida;
que o effeito do amor, quando he ferida,
só o cura a razam, o entendimento.

Já trez golpes cortaram portrez lassos,
só na ordem, senhor, este he terceiro,
esta dor, os primeiros amiassos.

Mas em vóz, por assombro verdadeiro,
vemos, quando partidos trez pedassos,
a alma toda, o coraçam inteiro.

a huma Tutenegra, que cantava dentro na cerca dos Monges da Cartuxa.

Soneto

Passarinho discreto, ave escura,
que com nobre triumpho da vontade,
sacrificas ditozo a liberdade,
cantando sempre dentro na clauzura.

Do verde bosque, cheyo de espessura
fabricas a prizam na soledade:
Oh se fosses capaz de ter vaidade,
como foste capaz de ter ventura.

Com doses vozes, com devotos cantos
a companhas os espiritos mais graves,
na vida asombros, e na morte espantos.

Pois louvores a Deos dando suaves,
se elles sam serafins entre os mais santos,
tu és só Serafim entre as mais aves.

a chamada vulgarmente afastellana freira no Convento de Santa Anna, com quem o Autor tractava

Soneto

Ires celeste, Anna, sol brilhante,
que a triste noute fazes claro dia;
Ires, que a paz nos Astros annuncia,
Sol, que brilha das sombras triumphante.

Reyna, Impera, domina radiante
das estrellas na augusta Monarchia,
empunha o Ceptro, logra a primazia
das flores no Jardim sempre fragante.

Apareces no Throno, e se desterra
dos vapores o ar no Firmamento
dos delictos o horror tambem na terra.

Effeito natural! mais que portento,
pois em nobre uniam, em ti se encerra
graça em o nome, luz no entendimento.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

a mesma freira, tendo tido com ella tuns
a Rufos.

Soneto.

Faço asaber a todas as amigas
do meu bem, que lá veyo de Castella,
que eu nam quero mais pleitos ter com ella,
de emfados basta já, basta de brigas.

Eu que tiro dali, tiro fadigas,
ella sempre he bonita sempre he bella;
melhor he possuilla, amalla, e vella,
e dar para as paxôens setenta figas.

Quero em paz, e em socego ser amante,
adorar seu devino, e bello rosto,
pois nam ha outro igual, nem semelhante.

Protesto, que se houver algum disgosto
entre nós, desde aqui para diante,
será por gosto seu, nam por meo gosto.

Saudades do Mondego

Choradas junto ao Lima

" ——— " ——— " ———

Oitavas

I.ª

Saudozo Mondego, cujas agoas
alivio fôram meu, não meu cuidados;
porque para chorar tão tristes mágoas
te trago nos meus olhos retractado:
Onde mais saudalozo te derragoas
escuta os ecos de meu triste fado:
Hum rio ao outro lagrimas envio;
que mar devo de ser, e não sou rio.

2

Cá neste Lima vejo a sombra minha;
Em teus Cristaes me retractei contente:
Olha se estou daquelle ser que tinha,
Mondego amado meu, bem differente.
Já verme em tal espelho não convinha;
Mas obrigame Amor tiranamente,
que me veja qual sou n'agoa do Lima,
pois em ti o mal verme me lastima.

3

Em tua margem verde, mais quizera
humilde, q. aqui cedro, ou palma:
Em ti, aos pez de Clori florescêra;
no Lima, tronco sou, sem vida, e alma.
Em ti, liçoens ás mesmas flores déra,
passando a idade breve em doce calma:
Aqui aprendem de mim plaintas e flores
a evitar penas, e a fogir a amores.

De=

4

De huá fonte está hum Prado satisfeito;
basta huâ gota para hú marmor duro:
hum pucaro verteya qualquer peito:
qualquer Ribeiro réga hum Jardim puro.
Só eu triste, á mais dura Lei sogeito,
quando este Lima bebo, a sede apuro;
e o fogo intenso, que a minha alma pasce,
das agoas vive, e dos cristaes renasce.

5

Daquelle bem passado estou sentido,
mais que do mal presente lastimado;
que este mal tem de bem, não ser temido;
e aquelle bem, de mal o ter passado.
E que será do mizero afligido,
que a vida passa em tão severo estado,
que fazendo do bem ao mal mudança,
quando hum me tiraniza, outro me cansa?

6

Se o sono a meus cuidados entreponho,
Cressem meus damnos, meus delirios crecem
Males sofrendo estou, se males sonho:
Se sonho bêns; os bêns dezaparecem.
Se a padecer meus dânos me disponho,
em sombras os prazeres se me offerecem;
Mas se os brassos estendo em breve espasso
quando os prazeres busco, o vento abrasso.

7.

Dura guerra me faz ésta memoria,
ésta lembransa he o meu mayor tormento
Mas não lhe envejo não tão alta gloria,
que não leva á lembransa o vencimento.
Quem poderá negarlhe essa victoria,
se tenho contra mim meu pensamento;
Mas quando a morte crûa a darlhe vinha
já me havias morto tu saudade minha.

Hûns

8

Húns olhos onde amor menino, orèce,
mayores me parecem cada dia;
que sempre o bem perdido me parece
muito mayor, que quando o possuhia.
Olha, Mondego meu, se alguem padece,
olha se sófre alguem tal tirania,
que húns olhos grandes, com tão novo engano,
mayores queiram ser para meu dáno?

9

Quando o Sol discorrendo a esfera leve,
mais no meu peito, que nos Campos arde,
lembrame aquella peregrina neve
donde chegou amor sempre covarde.
Augmenta a sede aquelle engano breve;
chega-se o desengano, e chega tarde;
e fica, quando o desengano tóca,
de fogo o coração de neve a boca.

310

Hum cabello me segue, e pello a pello
Companhia me faz neste Orizonte:
Eu não sei como a esfera de hũ cabello
se estenda com o sol de monte a monte!
Ou já por elle mesma o meu desvelo;
Ou já por elle meu tormento conte,
tenho depois daquella despedida,
de hũ pello a morte, se de hũ pello a vida.

11

Mondego, se verei destes enganos
a doce causa, e singular motivo?
Quando verei os olhos soberanos
porquem ausente morro, e amante vivo:
Mas se escapar de males tão tiranos;
Mas se vencer tormento tam esquivo,
basta para matar, Mondego, hum triste,
ver que sem ti me vi, sem mim te viste.

312

12

Dathe liquido alyofar entretanto,
que a seu pé breve, lagrimas offereço;
que esse he rico, por ser da Aurora pranto;
e este, por ser de amor, he de mais preço.
Consagrathe de hum Cisne o triste Canto,
dedica-lhe da Murta o humilde excesso;
mayor será depois q. a seus pes ande,
que a pé taõ breve, qualq.r voto he grande.

Ao meu grande amigo Fr. Simão que
por signal lhe falta hum olho.

Oitava de Thomaz Pinto

Oh tu Simam leproso envolto em Frade
Simon Petrus, que negas o que choras;
Fevit amare em muita quantidade
por hum olho, que o outro egressus foras:
Tu exilis Satana em falcidade,
que as orellas o ferdes no que ignoras,
embainha por Deos a parvoisse,
porque eu ja agora quod scripse scripsi.

Esta oitava respondeo Fr. Simam com
Romance o principio — [illegible]

Finezas
De Hum amante auzente
á sua Dama

Outavas

I

Querida Prenda, a quem minha alma adora
idolatrada Luz de meu sentido,
Roza pura, e gentil mimo da Aurora,
resplendecente Sol, Astro Luzido:
Jardim ameno aquem enveja Flora,
Céo sereno, brilhante esclarecido,
Cujas Devinas perfeiçoens admira
Huma Alma auzente que por vôs suspira.

2

Ouvi querida Luz, Prodigio raro,
de quem vos Amas queixas saudozas,
que o tempo, da ventura sempre avaro,
em ancias tristes tróca as mais ditozas;
Nem perdoa a hum Amor firme, e preclaro
com suas variedades rigorozas,
pois aquem mais Amante, e firme sente,
busca desvios porque viva auzente.

3

Se o mal cortado rasgo de huma pena
para dizer meu mal força tivera,
e alta eloquencia a minha humilde Avena
das Illuzas o alto Coro concidera;
Em proza sublimada alta, e serena,
ancias suspiros lagrimas dissera
que com ellas os Montes abrandára
se na fórma que ás sinto as retratára

Quan

4

Quantas ancias querida saudade,
quem ausente se vê triste padece?
Por hum tal bem perdido sem vontade,
hum peyto amante mais se desvanece:
Suspira hum amante a liberdade,
que em ter a alma captiva reconhece;
e em amorosas lagrimas desfeito
o coraçam se quebra, e gême o peito.

5

Baxêl empavezado, em mâr bonança,
meu Amor êra em vos gozâr seguro,
navegando em fim a confiança
no deleitoso mâr de amores puro:
Mas o tempo que em tudo faz mudança
trocou as bonanças em naufragio duro,
dando no baixo de hũa ausencia ingrata
que a vida tira, e o coração maltrata.

6

Que delicto Menina foy querervos!
Que exorbitancia fiz em adorarvos!
Que culpa grande tive em merecervos!
que erro cometi por estimarvos!
Que caso horrendo fiz em escolhervos!
Que crime cometi em venerarvos!
para querer matarme a impia sorte,
pois nesta ausencia tenho certa a morte.

7

Mas foy enveja de huma estrella errante,
(que tambem ha enveja nas estrellas)
de ver que mereci por firme amante
gozar nesses luzeyros as mais bellas:
Mas ay que vejo o mal mais penetrante
em conhecer tanta belleza nellas,
que imaginar tam grande bem perdido
me dobra a mãgoa, e morro de sentido.

Os

8

Se tirania injusta da ventura!
Oh do tempo cruel trato tirano!
O influxo da estrella mais prejura!
Oh cado regorozo e deslumano!
Em que a felicidade pouco dura,
E se eterniza o mal cruel e insano;
porque me destes tam felix socego
se para horar ausencias estou cego!

9

Na soledade aonde triste vivo,
Ainda tirana dôr publico ao vento,
Ao baixo valle ameno, eao Monte altivo
Arguo queixas de meu sentimento:
Chegam as vozes de meu mal esquivo
a Regiam do mais nobre Elemento;
que sendo Amor de fogo, e elle fogo
era forcas buscar seu centro fogo.

10

Estas as penas sam de hum peito auzente;
este o tormento que me acaba a vida,
este o amor mais puro, e mais ardente;
este o extremo com que sois querida;
Que como em vós meu alento se sustente,
já me falta com tervos divididas:
Esta do meu mal he huã suma breve,
que a pena a dizer tudo nam se atreve.

11

A tormento tam duro, e dôr tam forte
he alivio unicamente huma esperança,
esta quebranta a porfiada morte
que por tirarme a vida nam descança;
E apesar do rigor da dura sorte
em tam profundo golfo he Mâr bonança,
que inda que em que dura he gram tormento
á minha vida dá hum novo alento.

1ª

A Deos doce carinho amada Prenda
que vos dilhate a vida eternamente,
e essa Angelica que sempre defenda;
porque chegando a vervos já contente
sendo já vosso outra vez me renda.
E apoiar da Fortuna mais vehemente,
nessa Estrella serena, pura, e bella,
se acabe o errante, e tenha fina Estrella.

Despedida

de hũ Amante
Da sua Freyra do Convto de Almoster,
aurentandose della pa o Alemtejo.

Outavas

1.vo

Adeos minha formoza Margarida,
adeos Luz dos meus olhos mais prezada,
porque ja estando a Alma separtida,
por partida se vê da dor quebrada.
Grande dôr para ser encarecida
Mas por ser taõ cruel para callada,
Será neste papel que a pena pinta,
Escrivaõ meu pezar, meu proprio tinta.

2

Para o seo Alentejo, porque importa,
de levarme, o rigor ja hoje trazia:
Ay Bem meu, que cruel a dôr se sorta!
Ay vida, que tirano o rigor mata!
He este golpe hum golpe que a deus corta,
se bem que nunca o nó de Amor dezata,
pois se comtigo já, Zoza formoza,
no seco que as remata o no da Zoza.

3

Para Evora me leva o dezagrado,
para Almoster me trar o Amor fleixeiro;
para lá, prizioneiro o mais forçado;
para cá, voluntario prizioneiro.
Numas prizões e em outras todo atado
me vejo, porque morro por inteiro,
brotar entre amorozos accidentes,
por fianças de amor, de agoa correntes.

4

Parto, bem qual aquelle que navega;
que porque vê que ao vento o pano solta,
quanto mais volta a Náo que ao mar se entrega,
mais elle para a Patria os olhos volta:
Para lá vão seus passos no que enxerga,
para cá vão seus olhos sendo escolta,
de seu sentir as lagrimas a pares
dando mares de pranto aos mesmos mares

5

Mas bem he, Margarida, que corrente
Faça a dor, que o meu pranto em mar se asome;
pois vendo só teu nome no que sente,
vê hum mar no principio do teu nome:
E quando a dôr em mágoa tam urgente
para escreverte faz que a pena tome,
em lugar de dizer, com voz sentida,
a Margarida, diz-amarga ida.

6

Por me auzentar de ti, flamante Estrella,
tanto, tanto huma pena o peito aballa,
que quanto mais amante se desvela,
o Coraçaõ por ti no peito estalla:
Vê que ja te naõ vê, sendo taõ bella,
vê que falla com tigo, e nam te falla;
e quebrando por fino em seus trespassos,
pellos olhos se vê feito em pedassos.

7

O Ar a meus suspiros se estremece,
forma eccos o Monte a meus suspiros;
O Valle, entre os retiros se entristece;
a fonte por mim chora entre os retiros:
Por me ouvir, toda a Selva se emmudece;
por me ver, toda a Ave abate os giros;
E porque tudo junto emfim se conte,
geme o Ar, chora o Valle, grita o monte.

8

Já me aprésto a partir; Mas não me atrevo
partir sem te levar, que he mui sabido
que vou de bom partido se te levo,
e se te deixo cá, que vou partido:
Nisto falo, meu Bem, o que a mim devo;
nisto mostro tambem me não despido;
pois sey que foram sempre as despedidas
mortalhas da afeição, do Amor feridas.

9

Vês a Rocha que firme está no monte?
Vês a fonte que em agoa se desbroxa?
pois mais prantos farei que a mesma fonte,
pois mais firme serei que a mesma Rocha:
Que a firmeza entre lagrimas se conte
tu me verás fazer brilhante tocha;
que não he novo já, que fire a magoa,
de firmezas de pedra hums olhos de agoa.

10

Quantas veres por ti, oh gloria minha,
na boa vista do Pinhal passava,
sendo dessas feiçoens a milhor pinta
o brinco com que entam Amor brincava?
Quantas vezes, qual hera, o tronco tinha
com os braços quando os olhos lá te dava,
dando por despedida, sem refolhos,
ao tronco os braços, quando a ti os olhos!

11

Quantas veres te vi lá no Mirante
quando mais occupado e resplgente,
sendo Loza entre as Lozas mais flamante,
sendo Sol entre as Luzes mais Luzente!
Quando Sol, te não chega o mais brilhante,
quando flor, se marchita a mais florente;
por seres tu quem dá, com mil primores
emulaçoens ao Sol, máte ás flores.

12

Quantas vezes no Coro, na verdade
te julguei divindade, à quem adoro?
E quantas por te ver tam divindade,
julguei ser Coro de Anjos esse Coro?
Quantas vezes, com candida vontade,
fui dessa flor Angelica mimoso,
fazendo que a esse Coro o peito leve
em aras de cristaes hostias de neve?

13

Quantas vezes na Grade, como presa
vi desse Brinco meu a formozura,
abrandando nos toques, por grandeza,
do mesmo ferro a barbara dureza?
Quantas vezes, do ferro na dureza
vi das mãos engastada a prata pura,
pezando meu Amor, no que contrata,
em ballanças de ferro, oncas de prata?

14

Mas ay memorias tristes, que lembradas,
e que vistas estais nestas historias?
Mas porem se estas glorias sam passadas,
porque fazeis presentes estas glorias?
Oh não as relateis, que relatadas
me dobram mais a dôr nestas memorias;
porque assim, quanto mais nesta distancia
se lembra a perda, se renova a ancia.

15

Qual passarinho terno e saudozo
a quem do ninho falta o seu filhinho,
renova sempre a pena lastimozo
na perda que lhe lembra ao nobrezinho;
A lembrança do filho o faz queixozo,
a memoria lhe impede o seu carinho,
sendo do mesmo ninho em que o destino
huma seta cruel cada pailhinha:

16

Assim eu alembrandome dos pontos
em que te vi, oh Bem do meu alentos,
a memoria mè leva os mesmos gostos,
a lembrança me traz novos tormentos:
Mas ponto que a lembrança dê desgostos,
e que a memoria agrave os sentimentos,
naõ quero por fineza ésta memoria,
pois quando causa a pena, lembra a gloria.

17

Na memoria do Bem porque suspiro
passarei desta ausencia o rigor fero;
com ella viverei neste retiro,
por elle mostrarei quanto te quero:
Quanto mais se cuidar que nelle espiro,
mais se verá, meu Bem, que te venero;
pois he Fenix meu peito quando te ama,
que feito em cinza, resucita em chama.

18

Mas porem, tu tambem nesta agonia
he bem que sintas parte desta pena,
que em dous peitos quebrada a tirania,
ficará sempre a mágoa mais pequena:
Oh se gostas que eu com valentia
resista a tanta dor, minha Brucena,
sentindo tu tambem o mal que passo,
a meu valor não negues o teu brasso.

19

Qual a Rolla que aurente o seu Consorte
geme sempre, sentindo a crueldade
da sua saudade e triste sorte,
pois sente, mais que a morte, a saudade;
Aqui lhe turva as agoas a dôr forte;
álem lhe corta Luto a solidade,
metendo lhe por firme o seu respeito
nos quebros do seu Canto os ays do peito:

20

Assim, querida minha, nesta ausencia
he bem fiques na dôr desta distancia
sentindo deste golpe a violencia,
gemendo desta pena a cruel ancia:
Mas tu verás, meu Bem, por experiencia
que será sempre tal minha cõstancia,
que volte a enxugar teu triste pranto,
convertendo os teus ays para meu canto.

21

Da tua boca os ays, com minha bóca
chuparei, com caricia naõ pequena,
que como a mim me tóca o que a ti tóca,
será a tua pena minha pena:
Dos Suspiros que a pena em ti coloca,
dos affectos que em mim Amor ordena,
faremos tróca tal, que nos retiros
tu terás os affectos, eu Suspiros.

22

Mas ay, jrrenada Flor, que este cuidado
has de ter tu de mim, que amortecido
nas ausencias do teu vistozo agrado
acabarei a vida em hum gemido:
Com o sentido em ti, meu Bem prezado,
morrerei nas distancias de sentido,
sendo neste penar, por mais grandeza,
a mágoa funeral, tumba a tristeza.

23

Mas ainda assim verás, se me buscares,
moribundo entre os ays taõ matadores,
que os meus amores sam tam singulares
que nem na morte acabam meus amores:
Ai Agoas, faltaraõ primeiro aos mares,
primeiro faltaraõ ao Valle as Flores,
que deixes tu de ser, por meu respeito,
do peito suppençam, Iman do peito.

24

Hora adeos Olhos em que Amor conquista,
adeos faces, a donde a côr se enfeita;
adeos beiços que o nacar sempre alista;
adeos boca por donde a graça espreita:
Adeos peito, em que a neve se reclina;
adeos mãos de que a prata a maõ se deita;
adeos Amor que mais a fé me guarda,
adeos, adeos emfim minha Giraõda.

25

Adeos Flores, que sois do Deos flexeiro
doces settas, que abris tantas vontades;
Adeos Coro, adeos Templo, adeos Monteiro;
Adeos Mirante, porta, alpendre, e Grades
Adeos pinhal, adeos; Adeos outeiro;
adeos Valle das minhas saudades,
que hoje, porq. em meu pranto a mágoa calle,
sois para mim da Lagrimas o Valle.

A Rosa

Oliva

Mote

Por boca de jasmim, suspiros de ouro.

Glosa.

Qual em cinzas de purpura olorosa
de si mesma bellissima sangria,
em fragancias mortais aspira a Rosa
na doença de hum sol, no mal de lu dia:
Tem de mayor de [illegible] lastimosa
a sentos de ambar rouba a pompa fria.
despedindo no ardor de seu thezouro,
por boca de jasmim, suspiros de ouro.

Motte

Ninguem de sua sorte está contente

Gloza

He Devino de Celia oque parece.
he milagre de Celia oque se ignora
Toda a fe holocaustos mil lhe offrece.
todo o incendio em respeitos mil a dora:
Ainda se queixa Celia que anoitesse
a fortuna que a segue sempre a trora.
Claro he qualquam nam a parente.
Ninguem de sua sorte está contente

Descripção

Das perfeiçôens de huma Dama

E depois

Pellos mesmos consoantes

Aplicados a huma Caveira.

Por Fr. Antonio

Outavas

Podeis dezafiar com bizarria,
só por só; cara a cara a bella Aurora;
que a Aurora, mais que cara vos faria,
vendo tão boa cara em voz Senhora.
Senhora sois do Sol, e luz do dia;
do dia que nasceste em the agora;
que se a Aurora foi luz, por sua Estrella,
duas tendes em vóz, a qual mais bella.

O que vos vir mudada a bizarria
da Cara, que luz dava á mesma Aurora,
creyo nenhuma á fronta vos faria
se a morte contemplára em vós Senhora:
Por que, sem luz vereis naquelle dia
a Cara, que brilhar vedes agora;
pois então heis de ter só por estrella,
ver em cinza desfeita a Cara bella.

Cabello

Sei que vos deva o Sol o seu thezouro
pello negro gentil desse Cabello;
bem bello, que em ser negro foi desdouro
do Sol, que por ser de ouro foi taõ bello.
Bella Sois, e Sois rica vem ter ouro;
sem ouro, bareis ao Sol de convencello,
que se o Sol por ter ouro he celebrado,
sem ser ouro esse vosso he celebrado.

Horror será então esse thesouro
que hoje naufraga em ondas de cabello,
trocando, com mortifero desdouro,
em fealdades quanto tem de bello:
Ere por rico hoje vence ao ouro,
entam a terra hade convencello;
que quem na vida vive celebrado,
perde na morte as prendas de adorado.

=Olhos=

Vam os olhos, Senhora, estai attento;
sabeis os vossos olhos o que vam?
Vam de todos os olhos hum portento;
hum portento de toda a admiraçam:
Admiração do Sol a seu contento;
contento que me dá consolaçam;
consolação que mata o bom desejo,
desejo que me mata quando os vejo.

Esses olhos, que hoje olham tam sem tento,
entam nam hão de ser o que hoje sam;
porque, se hoje sam da Luz portento,
das trevas hão de ser admiraçam:
E se por claros hoje dam contento,
entam não ham de dar consolaçam;
porque verão o fim a seu desejo
terminado nas covas que eu já vejo.

= Boca =

A boca, para Cravo, he pequenina;
pequenina he sim, será Rubi.
Rubin nam tem a côr tam peregrina;
tão peregrina côr eu não a vi.
Vi a boca, julgueya por divina;
Divina nam será, eu o não cri;
mas creyo que não quer a vossa boca
por Rubin, nem por Cravo fazer troca.

A.

I.

A boca, que por ser tão pequenina;
ao cravo conquista, e ao rubi,
trocará quanto tem de peregrina
pella mais feiste boca que eu já vi.
Alguma vez a vi chamar divina,
mas confesso Senhora, que o não cri;
porque entendi; que havia a vossa boca
pella de huma caveira fazer fróca.

Dentes

Ver cravado o alfojar que desata
a Aurora sobre a galla do Coral;
ver os Cargos de nácar desta prata;
ver perollas em conchas de coral;
Ver diamantes em golpes de escarlata;
em piques de rubin; puro cristal:
he ver os vossos dentes de mar fin,
por entre os bellos Labios de Carmin.

Esse aljofar, que agora se dezata
para milhor brilhar nesse Zoral,
naõ mostrará no nácar fina prata,
quando vir consumido o seu coral:
E os dentes, que em golpes de escarlata,
mostram o rutilante do cristal;
entam, no descorado do marfin,
dentes só ham de ver, mas naõ carmin.

Peito

No peito nam socega esse Amor cego;
Cego só por amor do vosso peito;
peito, em que o Cego Amor naõ tem socego;
socego por vos ter amor perfeito:
Perfeito foy Amor em tal emprego;
E o emprego perfeito em tal effeito;
effeito, que he mal feito de ser mais,
quando chega o Amor a extremos tais.

O peito que hoje frágoa de amor cego,
naõ será frágoa entam, nem será peito;
porque, por dar a parte o seu socego,
perderá quanto tinha de perfeito:
E se algum tempo foi do fogo emprego;
entam verá, emfim, tam rico effeito,
que julgará perfeito tudo o mais
que naõ chegar a ver prodigios tais.

Peitinho.

Tanto se prieza Amor de vosso amor,
que o mór prazer que tem he amor tanto;
tanto, que diz Amor, que outro mayor
naõ teve por amor, nem por encanto.
Encanto, he ver amor em tal ardor,
e que arde tanto o peito por espanto,
que tem do vivo fogo por final,
duas vivas empolas de cristal.

A causa que algum tempo foi do amor,
aqui motivará tal odio e tanto,
que não verá o mundo outro mayor
na fabulosa luz de seu encanto:
Porque, o que causava tanto ardor;
da fealdade mesma será espanto,
sem ver em si figura, nem sinal
dos dous botoêns que tinha de cristal.

= Maõs =

A dizer dessas maõs, não me aventuro,
que a ventura das maõs a tudo mata;
mata Amor nessas maõs já tão seguro,
que tudo ás maõs lavadas desbarata:
A cuja neve, prata, e cristal puro,
se apurou o cristal, a neve, e a prata;
bellissimas piramides formando,
onde Amor vai as almas sepultando.

Das mãos hei de dizer, pois me aventuro;
que se sua belleza agora mata,
seu horrôr matará então segaro
quanto das mãos agora desbarata.
E se agora tam prata, e cristal puro,
entam não se verão cristal, nem prata;
porque aos nam de ser, que vão formando
gadanhos, que vão mortos sepultando.

Cintura

Descrever a Cintura não me atrevo,
porque avejo tão breve, e tão socinta,
que em vella me suspendo, e me elevo;
por não ver athe agora milhor Cinta:
Mas por seguir o estilo que aqui levo,
digo, que he vossa Cinta tão destinta,
que o Ceo se fez anel de formozura,
só para Cinta ser de tal Cintura.

Por os olhos na cinta, não me atrevo,
porque avejo de carne tam sucinta,
que já me não suspendo, nem me elevo
da belleza que via nesa cinta.
De a ver, na garganta a morte levo;
porque a vejo tam feya, e tão distinta,
que não acho sinal de formozura,
mais que hum osso que serve de Cintura.

Pé

Vamos agora ao pé; mas táte táte,
que descrever o pé tam pequenino,
se loucura não hé, he desbarate;
desbarate, que passa a dezatino:
Aqui dezatinei, pois me deu máte
o picante de pé tam pequenino,
que pé tomar não póso em tal pegada,
pois he tal vosso pé, que em pontos nada.

Do

Do pé fui a fallar; mas táte, táte,
que nada tem o pé de pequenino:
Oh Loucura do mundo! Oh desbarate!
Aqui, minha Senhora, dezatino!
Quem consumio o pé? quem lhe deu máte?
Mas ay, que a terra o vio tam pequenino,
que por não ver em si sua pegada,
O picante do pé tornou em nada.

Endemion
à La Deidad de Cynthia).

Romance

Entre dos Montes soberbios,
que si nò son, contra Jove,
Los Montes de Los Gigantes,
Gigantes son de Los montes.
De cuya máquina altiva
La attencion nò reconoce
si son, vista su grandesa
hijos deste, u de aquel Orbe:
Yaze un Londo, escuro Valle,
Verdinegro espejo adonde
horrorosamente afeita
su arrugada faz La noche.

Pues su centro pavoroso
igualmente desconocen,
Los Rayos, bien que sutiles,
Los Vientos, bien que veloces.

Despavorido un Arroyo,
por entre sus verdes robles
tan medroso pasa, que huye
quando parece que corre.

En todo su negro espacio
solo se miran y se oyen,
de infames nocturnas Aves,
silvos tristes, buelos torpes.

De una perezosa niebla,
que en pardas obstentaciones,
para insulto de Los Rayos
cõnspiraron Los Vapores:

Su obscuro ambito se ciñe,
manchando a feios borrones,
de algun rayo agonizante
Los Caducos resplendores.

Si por bruxula dispensa
de algun crepusculo pobre
la palidez que introduxo
en macilentos albores;

Desauciada la vista
de su misma Luz entonces,
deve à las mismas tinieblas
más piedad, que à los fulgores.
En este pues del Abismo
Zahumerio fatal, por donde
en formidables bostezos,
fantasmas vomita informes.
Solo, auzente, triste y ciego,
bella Cynthia, Deidad noble,
sin tu Luz de tu hermosura
por tu causa de tus soles
Carta el alma, tinta el llanto,
pluma el ancia, el rigor corte,
letra un ay, rasgo un suspiro,
la fé nema, el dolor nombre,
Te consagro en un solosso:
y por que nadie lo estorve,
le diò el Coracion las alas,
y le pago el alma el porte.
Desde que elevada el alma
de tierna suspencion noble,
se arrebatò al soberano
extasis de tus ardores.

Desde que para adorarte
le tributaron conformes,
mis potencias y sentidos
a un sueño sus attenciones.

Galan de mi fantesia,
que en soñolentos primores,
de tu Imagen soberana
divinos Lexos descoques.

Por ocioso accuso el dia,
pues con prolixos albores,
por la usura de un sentido
le usurpa al alma dos soles.

La vez q. de tu explendor
los alsernos arreboles
van a llenar de hermosura
a essotra mitad del Orbe;

Dentre este horror venerado
rompiendo los yelos torpes,
por adorar sus estragos
dexo el Valle, y subo al monte.

En cuyo frondoso espacio
nò ay arebuche, nò ay roble,
que sus Ramos de tus triumphos
altamente nò corone.

Cu

Ocio de tus nobles flexos
son los ciervos voladores,
que al ver que a sus leves plantas
alado estímulo imponen:

A un mas que de los cristales
sedientos de tus rigores,
gustosos la sangre chupan
que de sus heridas corre.

Con hilos de plata fina
un arroyo, honor del monte,
las roturas de un peñasco,
aguja de cristal cose.

Cuyo undoso desperdicio
usurpan plantas y flores:
estas, porque las matice,
aquellas, porque las borde.

Sus cristales infamava
sanudamente disforme
un javali que havia sido
fiero escandalo del monte.

Y a un muerto el horrible mõstro,
señas conservava atroses,
en fé de las vanidades
de haver muerto a tus harpones.

Pues discretamente bruto,
con los colmillos feroses,
ò besava, ò defendia
la gloria de tanto golpe.
Ay dixe, y besè la herida
que hermosamente disforme
me llevò del alma a un tiempo
embidias y adoraciones.
Nò ay seco tronco, nò ay verde
rama, en todo el sacro bosque,
ò bien Abril le matise,
ò Enero le desmorone;
En quien religiosa el alma,
con mudas veneraciones,
tantos nò consagre cultos,
quantos sobra temores.
Que como sobervio ostenta
reliquias de tus rigores,
pues son altares sus plantas,
frondoso Templo è el Monte.
Advertido el pie suspende
la accion, quando reconoce
que àl Contacto de tus plantas
se reproducen las flores.

Pu

Del Monte en lo mas uraño
se occulta un Valle, que al norte
en tiernos alientos de ambar
bebe las respiraciones.

Tan mimo en todo de Flora,
que porque mas la enamore,
de sus fragrantes alientos
el Zephiro se compone.

Aqui de la Primavera
solecitan los favores,
del Abril las gentilezas,
del Mayo las attenciones.

Aqui la Reyna del Prado
la real purpura descoge
para afrentar de la Aurora
rociadores y arreboles.

Aqui del Clavel sangriento,
con encarnados primores,
en cada hoja copia el Prado
un nuevo purpureo Rodon.

Aqui en globo de esmeralda,
con suavissimo desorden,
forman los tersos jasmines
nevadas cõstelaciones.

Aquí del candido Lilio
Las intactas inenciones
se pleitean a la Aurora
el Solar de los albores.

Dos musicos Arroyelos
que en disonancias acordes,
quando uno comiensa en fugas,
otro acaba en suspenciones.

El verde compas de ûn mirto,
que al oir sus blandas voces,
a ûn mucho màs le detiene
lo suspenso, que lo immoble;

Tan risoños se compiten,
que a embidia de sus Canciones,
sus tiernas clausulas silvan
guilgeros, y Ruyseñores.

Los ayrecillos moviendo
vegetables Corasones,
despues de ser Lisongeros,
se hisieron murmuradores.

Huyendo la saña ardiente
del Can, que a Latidos rompe
La esplera, quando en su aliento
respira infectos ardores.

Del

Del frondoso ameno Citio
a los intactos verdores,
fiava mis desalientos,
ya que nò mis confusiones.

Quando arrebatada el alma
de una suspencion, que noble
los ocios de mi albedrio
quiso honrrar con sus prisiones.

Al cielo de tu Deidad
odiosas operaciones
accusando a los sentidos,
toda adormida quedose.

Si es sueño ò Deidad quien prende
en tan blandos eslabones
potencias que Livres eran
ocioso inutil informe.

Noble ambicion fuè del alma
que a ver sus glorias mayores,
las potencias y sentidos
suavemente recoge.

Gloriosamente excedida
la fè en sus adoraciones,
quanto màs se justifica,
tanto menos se conoce.

Nò huvo espacio en toda el alma
que gloria nò fuesse, donde
el menór sentido quizo
devinizar sus ardores.
Hasta la razon fuè gusto;
pois delicias superiores
de la voluntad rendido
el entendimento coge.
El Coracion suspendido
en medio del pecho immoble,
por darse todo à las llamas
falto à las respiraciones.
Pero como a tanta gloria
indigno se reconoce,
quantas acallò delicias,
tantos despertó temores.
Dexando, en solo un instante,
con duras palpitaciones,
adormecidas las glorias,
y despiertos los horrores.
Mas q̃. impuerta, ò gran Deidad
que quien logrò tus favores,
un solo soñado instante
mil eternidades llore?

Ape

Apenas en aquel mudo
amable horror de tus soles
equivocas señas davan
mal despiertos esplendores:

Ya de tu Luz à los claros
del Sueño en el lienço informe,
por entre sombras se veian
los lexos de tus fulgores.

Quando el silencio profanan
de aquella sagrada noche
los latidos de los perros,
los silvos de los açores.

¡Ay Deidad, y que cobardes
son las glorias de los hombres,
que si un Sueño las fabrica,
un susto las interrompe.

Del Venatorio bullicio
a los ruidosos clamores,
lisongero el ayre dava
festivas acclamaciones.

Cuyos repetidos eccos
con aplauso corresponden
huecos Troncos en los Valles,
rotas Peñas en los montes.

Solo yò de absorto y mudo
quedè Estatua tan immoble
que yò mismo de mi Zelava
mis proprias respiraciones.

Y mas quando oî que el aire
entre blandas suspenciones
adormecido acallava
Los alientos Voladores.

Que mucho, si de tus Nimphas
el dulce concento acorde,
de rapido hazer podieran
todo el Curso de Los Orbes!

Pues en dulcissimos Coros
las claras alternas vozes,
soborrando Los sentidos
le hurtavan Las attenciones.

Del generoso Atheon
aquel espiritu noble
que supo elevar sus cultos
a merecer tus rigores:

Cantavan el noble estrago,
dexando a un aquien Los oye,
amables Los escarmientos,
y bienquistos Los rigores.

Cu

Caudillo de tan hermoso
puro esquadron de esplendores,
que en virtud de tuo reflexos
aspiravan a ser soles.

Venias ò gran Deidad
como en los Astros menores
lusidamente descuellan
tus candidos arreboles.

Venias, y claras señas
dieron de tu Luna entonces,
en flores, yerbas, y plantas,
el prado, la selva, el monte.

Perdona ò Cynthia, si en èstos
desaliñados borrones,
de tu pureza se manchan
los nunca ajados candores.

Que nò adolecen las luces,
a un que atrevidos horrores
se apuesten contra la esphera
de malignas impresiones.

Soberbio peinava el ayre
riçon, que en crespo desorden,
de un Liston azul burlavan
las auricntas prisiones.

Dos Sierpes de dos diamantes
occultos entre mil flores,
a un Cendal de oro mordian
las dos puntas uniformes.

Cuyos volantes extremos
a hurto de tus attenciones,
solo el Zephiro permiten
que ò los bese, ò los tremole.

Pendiente del hombro el Sirio
tantos disparava ardores,
que màs revelava el alma
sus ocios, que sus arpones.

De los Cothurnos volaron
una y otra planta noble;
si nò es yà que entre las perlas
que les goarnecen, se esconden.

A un dogal de oro un Ventor
trahias preso, nò docil;
porque a tu vista accion Libre
ni a un los mismos brutos Logren.

Assi pues (ay noble Encanto
de todas las almas) sobre
la humilde grama Libraste
la embidia de entre ambos Orbes.

De

De los Zeños de un peñasco
huyendo con pies veloces,
a ser espejo del Prado,
una fuentesilla corre.

Tan clara, que unos alisos
verdes Narcisos del Bosque,
en sus cristales consultan
los tremolantes airones.

En su regaço una peña,
por que su caudal se logre,
los aljofares risueños
avaramente recoge.

Consagrando a su Deidad
del Sol contra los ardores,
en su seno undosa nieve,
en su margen crespas flores.

Que vos, Soberana Cynthia,
a un que todo el Sacro monte
en nectares desatado
a su aliento se trânsporte;

Podrà exprimir dignamente
las hermosas mutaciones,
que a milagro tanto expuso
en su vana Scena el Orbe.

Quando al cristal permitiste
tan purissimos candores,
que creo que el pensamiento
del Sol los zelava entonces.
A cuyo hermoso contacto
no en vano rezeló el Bosque,
de incendios y de cristales
un nuevo metamorphoze.
Que mucho, si a tanta vista
con nunca vistos primores,
la verde y azul tan pulieron
las espheras, y los Orbes?
De los Elementos, nunca
las qualidades màs nobles
fueron, que quando a tu vista
se suspendieron conformes.
Tributandote a tu Deidad,
por que sus espheras honres,
Ayre, Fuego, Agua, y Tierra,
plumas, rayos, Ondas, flores.
De un extasis transportada
toda el alma treslados,
à los ojos reduzida,
a solo un mirar entonces.

Mas

Mas ay Cynthia, que attencion
elevarse podrà adonde
apenas llegan cobardes
las mismas adoraciones?

Pues porquè dentro del alma
un pensamiento sin orden
concebio para abrasarte
sacrilegas prezunciones

Mal herido de un respecto
huyo à la razon, adonde
por lastima le acogieron
unos hidalgos temores.

O quantas vezes la fé,
en cuyas altas regiones,
solo dignamente viven
adorados tus rigores;

Mirando à un vulgar sentido
capaz de Objecto tan noble,
riñó al alma tan grocera
villanas desatenciones!

Mas que advertidos los ojos
supieron feriar entonces
a una ceguedad bien vista
tan mal mirados errores?

Pues comuneros del alma
modestamente recogen
azia la fé las yà cultas
religiosas attenciones.
En quanto a un furor divino,
entre suspiros acordes,
arrebatado alentava
éstas mal formadas voces.
Imposible divino
que para estrago noble
de las Almas, tomaste
en forma humana Sacras perfeciones.
Yó soy, yá lo confesso,
aquel Serrano pobre,
tan atrevido, ó Cynthia,
que há osado cegar de ver tus Soles
Adoracion blasfema
alentó mis temores
a adorarte; que en mi,
blasfemas son a un las adoraciones.
Templa el golpe al amago,
nó infames tus rigores;
Mira que quien te ofende
ni a un el amago le merece el golpe.

Mas si en vivir te ofende
una Alma, cuyas sobres
potencias (Cynthia) viven
mas que de tus alientos, de tu nombre:
Yo morire tan mudo
que aun la vida lo ignore,
porque no goze el Alma
la gloria de morir a tus rigores.
Y hare, que à la memoria
pesado olvido borre,
porque piense que acabo
a miedo vil, y no a despecho noble
Y aun que pueden los cultos
de mis mudos ardores,
profanar mas tus Aras,
por incendios, que por adoraciones:
Sin llama el Sacrificio
arda en sordos Carbones,
que es Cynthia, en tus Altares
sacrilega la Luz de los Ardores.
Tu nombre, y mis suspiros
repitiran los montes,
que mas los montes pueden
repetir mis suspiros sin tu nombre.

Describiesse el nazimiento del Sol,
sin que se nombren los accidentes de
Luzes, y Sombras.

Assumpto Academico.

Y. Romance.

Yà en el pavoroso infausto
desgreñado Chaos informe,
Amphitheatro de asombros,
y Coliseo de horrores.
Del gran Monarcha de Delos
desfigurados los Orbes,
havian representado
las tragicas mutaciones.
Yà officioso el Firmamento
para sus parentaciones,
las pavesas encendia
de los eternos faroles.

Yà

Ya de empañados alientos
la Casia Deidad triforme
viera torpemente ajados
sus purissimos candores.
Ya melencolico el aire
sanudamente disforme,
del negro horroroso manto
sus pliegos arrastrara torpes.
Ya con perezoso buelo
el sordido vulgo enorme
de Lucifugas ~~lechusas~~
de escalafon abultadores.
Infestando sus espacios
con triste errante desorden,
a un en tanto horror del aire
eran alados borrones.
Ya espavorida la tierra
la arrugada faz esconde
al ver Sepulcros los Valles,
y Cadahalsos los Montes.
Ya finalmente en un ciego
Caliginoso desorden,
entre si se confundian
las Cipheras, y los Orbes.

Quando a despecho de tantas
bastardas obstinaciones,
que del legitimo imperio
al solio Augusto se oponen.
Nuevo espiritu que anima
los difunctos horizontes,
con mudo insensible aliento
las malignas huestes rompe.
Amedrentada, ò corrida
de Erebo la Esposa entonces
tanto màs de si se aleja,
quanto màs a si se acoge.
Huir quisiera al Abismo,
y porque màs presto logre
el despecho a las desliega
de infames vespertiliones.
Neutral entre las dos haces
el vago campo se espone,
alternando en el conflicto
yà adimientos, yà temores.
Mas la defuncta Deidad
viendo zeñuda, sin orden,
huir vergonçosamente
sus yà rotos esquadrones:

El fatal ultimo esfuerzo
armò de nuevos horrores,
si nò màs felice, haziendo
fuesse el estrago màs noble.
Pero en vano; porq. el Campo
batiendo los corredores
del Apolineo Pretorio
la màs gallarda Cohorte.
Apenas para el trophèo
espacio encontraron, donde
tantas gloriosas banderas
dignamente se tremolen.
Estrago, en vez de batalla
fuè el porfiado duro choque,
pues ni al triumpho le sirvieron
los estragados pendones.
Tocaron la Retirada,
con horrisonos clamores,
siniestras Cornejas, dando
susto al Valle, pasmo al Monte.
En quanto alados Clarines
con dulces alternas voces,
si unos batalla publican,
otros victoria responden.

Que mucho, si ya de Ethon,
Piroes, Eoo, Plegetonte,
en los sonoros relinchos
ardientes bufidos se oyen?
Impacientes de q. el freno
su rápido curso dome,
los dorados alacranes,
mas que los tascan, los comen.
Oh quanta Deidad ostenta
sobre un plaustro de oro, un Joven,
que al mismo tiempo que eleva,
fulmina las attenciones!
A su vista, que risueño
el Mundo la faz descoge,
de sus primores haziendo
bizarras obstentaciones!
De hermoso rubor teñidos
los dudosos Orizontes,
prodigamente derraman
purpureas inundaciones.
Ya sin congoxas el Aire
variando de colores,
a hermosos flamantes rasgos,
los odiosos Lutos rompe.

Ya.

Ya sin assombros la Tierra
con nuevo methamorphose,
si Cadahalso fue dèl ustos,
theatro è ya de primores.
No ay planta, ò flor en el Prado,
que por humilde, ò por pobre,
verdes nò rise peñascos,
purpureos nò peine airones.
Que mucho, si de Galanes
alimientan presumpciones,
los villanos Azebuches,
los rusticos alcornoques?
Todo è gala, gloria è todo,
pues con aplauso uniforme,
los Elementos repiten
festivas acclamaciones.
Oh hermoso Phenix, que impuerta
que en colericos ardores,
contra tu immortal aliento
la fatal llama se enoje:
Si inutilmente abrasados
los denegridos carbones,
gloriosamente se labran,
en vez de estragos, crisoles?

172

Lagrimas

en La muerte de la Sereniss.ma Sñra
Infante de Portugal
D. Izabel Luiza Iosepha.

Romance

Yò que un tiempo, Alma gloriosa,
en blandas clausulas cultas,
canté, mientras Dios quería,
sus Reales prendas augustas.
Yà destemplada La Lira,
que en barbaridad confusa,
del horror, y del espanto
fatales ecos pronuncia.

Cu

Tu muerte / ò quanto del alma,
entre suspenciones, lucha
la fé, que airada desmiente
quanto la lengua articula! /
Tu muerte / ay de mi! blasfemia
lo que repito ò sin duda,
segun la voz se estremece,
y el aliento se espeluca. /
Tu muerte si, si tu muerte
ya la fé nò dificulta,
que se arroga omnipotencias
nuestra fatal deiventura.
Tu Muerte lloro; y tu muerte,
con llanto apagado nunca
llorarán quantos sobran
en tan desecha fortuna.
Naciste, y luego trez Reyes
que los tumbos de la Cuna
del Sol escuchavan, quando
tierna la Aurora le arrulla.
Al influxo de aquel Astro
que en flamantes luzes puras,
señas diò del Sol a tantas
obstinaciones nocturnas:

Reyna te auguraron, viendo
que en tu heroscopo circunda
de su esplendor con los rayos,
de tu Corona las puntas.

Creciste, yà las perfeciones
que honraste, las diste in suma
exercicio para todas,
y augmentos para ninguna.

Y luego tres Magestades,
en fé del auguero, illustran
de sagrados rendimientos
adoraciones augustas.

Desdeñaste el sacrificio,
que en tu excelsa y pura,
por màs que arda el holocausto,
yà màs el incendio ahuma.

De verte naturaleza
tan rica de prendas tuyas,
temeraria le hizo àl Cielo,
en vez de ofrendas, injurias.

Ofendio-se el Cielo; y fueron
sus extremos, si si apuran,
la passion dize que embidias,
la verdad dize que usuras.

Su

Tudo pudo ser, que el Cielo
despues que te viò, quien duda
que de ambicioso en tus Lures,
encender quiso las suyas?

Por señas que luego el Orbe
vio el Sol en tus crenchas rubias,
en tus ojos las estrellas,
y en tu Candidez la Luna.

Amar se atreviò la tierra,
que Deidad te adora; y jura
de eternizar su cõstancia
en tan soberana culpa.

Si tuvo razon, lo diga
quien con exceso en tu echura,
al Sacrificio diò causa,
y à la adoracion desculpa.

Que à los Mortales nò toca
en tan belissima duda,
màs que adorar un supuesto
de Deidad y de Creatura.

Errò el Mundo, mas su engañno
quando delicto si arguya,
como Autor fuè del exceso,
Reo serà yà de la injuria.

Tu sola, tu soberana
Alma feliz, que asseguras
izenciones de divina
en los fueros de Caduca:
De su error salvaste al Mundo,
Advirtiendole en tu fuga,
que èras breve para gloria,
y grande para fortuna.
Aquel maligno accidente
que minò con mano occulta,
del màs excelso Edificio
la màs bella Architectura.
Cautella fuè de la Muerte,
que en tan grande insulto ruda,
cobarde fuè disfrasando
la violencia en la ternura.
Aspid aleve, como
nò templò tu ciega furia
de una Flor tan peregrina,
la fragrancia, ò la hermosura?
Mas como en el Paraìso
llevaste la saña astuta,
lo que en frutos yà nò pudes,
en las flores executas.

Moriste alfin; y contigo,
divina inmortal difuncta,
murieron tambien las glorias,
las gracias, y las venturas.
Solo nuestro dolor vive
por parentar a tu Urna,
desechas inundaciones
de lagrimas nunca enxutas.

Expone Marco Antonio, àl Pueblo Romano
La Toga de Cezar ensanguentada).

Romance

De Cezar el Santo augusto,
que en miserables destroços
con el Cadaver hazia
rebolcado en sangre y polvo.
Desde un balcon del Senado
eminente a todo el foro,
al Pueblo Romano expone
el valiente Marco Antonio.
De entre ambas manos despliega
facilmente aquel despojo
que fatigò tantas vezes
de Athlante entre ambos los ombros.

Las lagrimas, que a diluvios
llueven sobre el palio roto,
de cristalinos raudales
forman purpureos arroyos.
Nô clama; que las roturas
que tine el Carmin herroyco,
bocas son, que abiertas siempre
estàn gritando à los ojos.
Vengança de Bruto pide:
De Bruto! ay nò, que èl improprio;
porque el parricida infame,
nò fuè Bruto nò, fuè Mõnstro.
Nadie escucha, nadie attiende,
porque el dolor ambicioso
cobrava de los sentidos
todo el Caudal en solozos.
A todos, con mudo espanto,
occupa un mortal asombro;
y con razon, pues con Cezar
acabò la vida en todos.
Que dolor, ver q. en ũn punto,
con Catastrophe horroroso,
embargava en los suspiros
ao que adornaron los Orbes?

Cumplice le hazen al Cielo
de improvido, ù de embidioso;
pues advirtiendo el peligro,
nò supo obviar el oprobio.

Sin razon, que hay Romana
Deidades, desde sus Solios
entremeciendose, hizieron
Crugir todo el Capitolio.

Por màs señas que de Jove
al Pajaro Magestuoso,
se le cayò de las garras
el Rayo ajagado y sordo.

Las Aguilas que ambiciosas
triumpharon del Mundo todo,
las dòs Cabeças apartan,
nò por costumbre, por odio.

La fortuna que arrogante
con un descuello imperioso,
entre todas las Deidades
traxo siempre atado el Cozo:

Despues de pisar soberbia
con los dòs pies, los dòs polos,
presumiendo ser màs fixos,
que el firmamento su globo.

Deslizada en un instante
del fatal voluble trono,
como de Cezar, nò quiso
ver medio entre nadie, y todo.
Oh Roma infeliz, que impuerta
que airada ostentes tu enojo,
si nò emmienda la vengança
Las heresias del socorro?

Oracion Militar de Othon, despues de
La Batalla Bedriacense.

Romance

Yà en los campos Bedriacenses
contra Othon, fiera y sañuda
la jurisdicion del Orbe
decidiera la fortuna.
Yà la Aguila del Imperio,
despues de hacer varias puntas,
para Vitelio inclinàra
la erizada frente augusta.
Quando el heroico vencido,
despues que con faz segura,
como pudiera sus glorias,
escuchò sus desventuras.

De

Demandando con la diestra
silencio à la marcial turba
que le fatigava en preces
finas si, pero importunas.
Amigos (les dize) el precio
de mi vida, nò èz usura
que a vuestro valor le empeñe
desde oy màs, a màs fortunas.
Quanto èz mayor la esperanza
que vuestra fe me asegura
se vivir quisiera, tanto
felis mi vida se ilustra.
Yò y la suerte hemos echo
con experiencia mutua,
prueva de qual èz màs prompto
mi desempeño, ò su usura.
Nò ay q. computar el tiempo,
porque èz, si bien se gradua
màs ardua quanto màs breve,
la templança en la ventura.
La Guerra Civil, y el pleito
en que Roma se disputa
con las Armas en Vitelio
tuvo el principio y la culpa.

De que otra vez nò bolvamos
à la sangrienta disputa,
San mio serà el exemplo,
como la ambicion fue suya.
Por ésta accion solamente
digno èl Othon de las nunca
mortales glorias, que àl evo
la posteridade tributa.
Goze en buena hora Vitelio
libre su Esposa, y en suma
paz sus hijos, y su hermano,
sus fastos felices cumpla:
Que yò nò espero, ni temo
del hado, ò favor, ò injuria.
Ni alivios falsos mendigo,
ni quiero vengansas crudas.
Otros el Romano Imperio
tendrian con màs fortuna;
Mas quien con màs fortaleza
le dexasse, nò huvo nunca.
Yò he de consentir que Roma
llore otra vez que la usurpan
en tan immortales huestes
tanta juventud difuncta.

Vaya comigo a concepto
que vuestra fé me asegura,
que por mi causa las vidas
sacrificareis sin duda.
Mas vivid; nò retardemos,
con finezas importunas,
ni vòs mi presente gloria,
ni yò vuestra dicha futura.
Mas porq̃ hablar de la muerte
con prolixidad, nò arguya
ò sospecha la tardança,
ò temor en la ternura:
Sea solo el documento
que vuestra memoria instrûya,
que Othon muriendo, de nadie
fórma quexa ò lleva injuria.
Dixo; y de dòs puñales
examinando las puntas,
por el pecho à las espaldas
traduxo la màs aguda.

Ayr dados a ElRey, e concedidos ao genio do Autor.

Romance

de Romaz Pinto Brandam.

Deme Vossa Magestade,
já que me nam dá ouvidos
(com o devido respeito)
licença para dar gritos.
Declaro que gritos chamo
aos que sam altos gemidos,
nam aos que na pena altera,
mas aos que na dor esplico.

Declaro mais que as palavras
que levarem dous sentidos,
o que for mao encorregue,
e só corra o que for liso.

E pois com este resalvo
passo a meus ays dar principio,
ao qualificador peço
que seja hum leitor discreto.

Ay que vossa Magestade
parece que por capricho,
comigo mais que com outro
quer mostrarse incomprehensivo.

Ay que isto em mim he escuzado,
pois já logrou mais do que isto,
confesso que o nam entendo,
e sey que he bem entendido.

Ay que da minha má estrella
pode o seu Real dominio
a pezar o forte influxo
com hum astro benigno.

Ay que ando de todo roto,
e molhado como hum Pinto,
bastando aos meus sessenta annos
hum sô seu dia de abrigo.

Ay que sou cansada lebre
a quem hoje a fome; e o frio
vejo que me leva ao Passo,
e nam me mete a Caminho.

Ay que para o Piedl trato
he hum reciprosco indigno
fexarse ao pranto do mesmo
que o fez desfexar em rizo.

Ay que sou desconfiado,
e sempre em meu prejuizo;
mas se athe nisso me culpa,
nam me queira mais castigo.

Ay que forsa de disgrassa,
que neste dourado siglo
riam tantos desditosos,
e chore eu sô de mofino.

Ay que para mayor gloria
tive eu bizarros principios;
porem como errey os meyos,
dey comigo nos abismos.

Ay, que este ay he o mais forte,
por ser mais alto o motivo;
que he nam chegar ao soberbo,
e ter de tal seo cahido.

Ay que estam bem castigados
meus poeticos de lirios
(suposto que outros mais doudos
com menos a soite vimos)

Ay que a turo á parte Rey
hum Sacretario abinitio
fallando sempre a defezios,
sempre em correyo adcorintios.

Ay que agora estou com medo
que me dem na copla hum risco,
por que em mim he culpa a grassa,
e em outro he virtude o vicio.

Ay que ha a qui huñs certos homẽs
que me chamam Logrativo;
porem nodem condenarme,
se sam juizes do officio.

Ay que dizem quanto querem,
dizendo eu sou o que o digo;
porem he já moda velha
morder com dentes postiços.

Ay que me chamam ingrato
os que sam desconhecidos
(que huma galante treta
para poupar beneficios)

Ay que dizem lá por fóra
que tenho grandes amigos;
mas o que cá vai por dentro
Deos o sabe, e eu que o sinto.

Ay que athe qui vai direito
o Romance, ao que imagino
(valhate o Diabo homem
que a qui te vens embutindo)

Ay que a tortisse jâ callo
e o medo faz tudo isto;
pois cuido, se fexa hum olho,
que he para me dar hum tiro.

Ay que do mar de mizerias
donde hâ tantos annos vivo,
dezejo ir morrer ao Porto
que he Patria, e serâ Jazego.

Ay que jâ gritar nam posso,
Ay que nam tenho outro alivio,
Ay, que athe os ays me faltam,
Ay, que se nam ay, espiro.

Despedida das Naos da India em que foi
o Snór Pedro Mascarenhas, Conde de São Domil Sandomil
para Virrey da quelle Estado.

Romance

de Thomas Pinto Brandam

Oh lâ, a manhan estâ boa,
Eo vento da qui refresca:
Se partiriam as Naos?
ora eu chego athe a Ribeira.
Damiam dâ câ essas botas,
Sacode essa cabileira,
Penteyame essa caraca
com bastam / digo moleta.

Sioro, isso he muito sero;
para que todo essos plessa
se os marê sá ôs onze hora.
Anda Cam, nam me des regras.

Todas essas Carruagêns
que vez passar áligeira,
sam sinaes de botafôra,
botas dentro, larga, e pega.

Inda chegamos a tempo
de chuva digo; e que cheya
de Escaleres estâ a praya,
hûns ao remo, outros á vella!

Câ estâ o Jatte de fontes,
que de caza a augoada leva;
mas pellas breves viagêns,
lhe bastava a das correntes.

Lâ say hum Escaler guapo;
Ay que he Pedro Mascarenhas,
Deos te guarde, e aumente a vida,
que contes outros sessenta.

Deos te leve em paz, e a salvo
livre de mares, e terras,
que a peyor será a Bahia,
e nunca arribes a ella.

Mas já daqui foram cuñas
em peyor monçam do que êsta;
hade hir, e achar a India
ou coberta, ou descoberta.

Muita gente por seu gosto
em barca, e se lá coubera
a Nobreza que ir queria,
despovoavase a terra.

He General tam bem quisto,
e a fama delle he tam bella,
que deseja todo o Mundo
seguir a sua bandeira.

Se me permettira a vdade
trocar pella espada a pena,
por ir com elle soldado,
deixara de ser Poeta.

E que alviçaras daria
hum a quem eu faço guerra,
que á esquerda volta cara
por que nam póde á direita!

Mas como lhe atiro á vista,
inda que na Nao me meta,
de Belem passar nam posso
por culpa de tanta estrella.

Que bella está a Capitanea!
Jesus! que Santa Theresa
que leva os dous Marianos
descalços de pé, e perna.

Por suas fortes vertudes,
e suas valentes prendas
na lista dos Santos Padres
a vinda de Deos se espera.

Lá vai Dom Luiz Botelho
meu grande amigo deveras,
que me ajuntou tanta esmola,
que nam sey a conta dellas.

Aquella a li, he a Nao nova;
êsta aqui, he a Oliveira,
que por hora nada implica
ver a pâz armada em guerra.

A outra he a ligeira vasca,
tendo viraçam Lourença,
que vay largar gente a Goa,
e tomâr Choromandela.

A Charrua Lâ concorda
com as mais pellas boxexas,
e he no mâr em vulto a larga,
huma Ilha de Madeira.

Aquella vay para o Rio,
que he o Cavallo em cuja cella
monta o Mugem, que sô nágoa
a sua vida sustenta.

Mas ay que largam as gaveas;
lâ vam tomando a Carreira;
Lâ vam pela Barra-fora;
a Deos minhas encomendas.

Eu já disse outra vez isto;
porem tenham paciencia
alguns que della escapáram,
que em Setembro ha outra Leva.

Leva

Henrique Dias no Cerco de Pernambuco ferindo-lhe huã mão com huã balla envada, e lhe a cortou, dizendo = que ainda lhe ficava hum braço p.ª pelejar. =

Silva ..... { De Alex.º Ant.º de Lima.

Ora vamos a isto:
outra vez de Poeta me reviſto,
e entro com bem cuidado,
que já em Verſos não ando bem verſado;
E quanto que a Poeſia pouco se ũſa,
arreſece o calor, e foge a Muza.
Vá de Silva, q. he metro mais corrente,
e vamos com o Aſſumpto do valente;
Que talvez (quando aqui me deza fia)
que me infunda nos Verſos valentia:
Mas eu taõ decepado me acho agora,
que nem o Heroe do Aſſumpto nesta Hora
me gardará por mão: Eu eſtou cortado
de animo; porem dando nisto hum cõrte,

passo adiante, e digo desta sorte.

Era hum vez hũ homẽ lá na guerra
naõ sei se foi na India, ou n'outra terra,
nem sei se foy no Mar, nem porque vias,
se foy branco, se preto,
Só sey que se chamava Henrique Dias.
Ora com que senhores, o homemzinho
era valente (o que?) era hum cominho:
Com elle hum Titio Livio. Ay meus peccados
que este naõ he da ordem dos soldados:
porem como fallou de valentias,
passe, que eu naõ reparo em ninherias:
E pois isto nam he couza que importe,
passo adiante, e digo desta sorte.

Andando o tal Henrique nesta lida
dizem que recebeo certa ferida,
porque lhe veyo á maõ sem procurala
certa couzinha, assim: era huma balla,
e vinha ervada por vir mais violenta;
quero dizer que vinha pessonhenta.
Toma elle entam, que faz? qual Eliote,
com faca, espada, alfange, ou chifarote,
vai corta a maõ com furia tam irada,
que assim como a cortou, ficou cortada.

Se éra da regra expôr o Assumpto,
regala-me o fallar por este estillo;

que he dizer quanto vem a cachimonia;
tudo o mais he fallar com serimonia:
Agora discorramos, que isso he o forte;
passo adiante, e digo desta sorte.
Se hum homẽ q. tem mãos he alentado,
como chamam valente a este soldado?
Se mão para ninguem já ter não pode,
mais á prudencia, que ao valor acode:
Quem peleja he valente,
Mas quem corta por si he mais prudente.
Se agora lhe disserem:
Tenha mão desse canto, não o esperem,
que elle já não tem mão em tais venidas,
porque o cortalla foram mãos perdidas.
Ora exaqui hũ homem no q. passa
que veyo a ter ventura na disgrassa:
Só por ser decepado
chega a ser dos Poetas celebrado:
Por perder huã mão lhe fazem versos?
Mais de dez mãos tenho eu perdido ao truque,
e nem hũ pé (por mais que me trabuque)
nem hum pé de cantiga me tem feito.
Ah senhores, que louvem hum defeito!
Couza tenho eu perdido
que nos olhos trazia, e no sentido,
e inda não me louváram por perdela,

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

e fiquei sem Louvor, e mais sem ella:
Porem do Assumpto nam se perca o norte,
passo adiante, digo desta sorte.
Sempre eu ouvi dizer (por certo o tômem)
huma mão Lava a outra: Mas neste homem
anda huma mão com outra ás cotiladas,
e hoje Leva o Louvor ás mãos Lavadas.
Duvido (pois na furia a tanto bota)
se éra irmân a direita da canhota;
Mas mostra o parentesco ésta ás mãos cheyas,
que o sangue diz que corre pellas veyas.
Ter para sua irmân tal impiedade!
De pretos deve ser ésta irmandade:
Vendose aquella mão tam deshumana,
teve mais de dous dedos de tirana;
Mais de huma mão travessa;
porque mais que direita foy avessa.
Nesta batalha que ambas tem sem alma,
foi a cortada aque Levou a palma;
nam porque ésta vencesse,
porque a outra cortada ser merece.
Tenho provado a mão na silvazinha,
e picado me tem por vida minha,
por me ser mui precizo o emmendala;
Mas nam ha tempo, assim hei de Levala;
E porque já nam ha quem a suporte,
daqui nam passo, e fique desta sorte.

A hum Anaõ q. tinha em sua Caza
Jeronimo Leyte Pacheco Malheiros.

Silva

De Felix da Silva Freyre

Vaite Pigmeo diante dos meus olhos
viver para huma horta entre repolhos,
porque na Caza destes Cavalheiros
quero os meus olhos ver livre de argueiros.
Vaite deshonra de huma Caza nobre,
onde, sem falta, he bem que tudo sobre,
que conheço teu amo, e assim me peza
que em hum fidalgo se ache essa baixeza.
Vaite viver nos Borras,
onde por hum apito a sopros morras,
que he Convento, segundo me parece,
que para o Canto, de hum baixam carece.
Vaite viver na Povoa em hora boa,
naõ nessa do Caminho de Lisboa,

porque a Legoa comprida
seja por grande sempre conhecida;
Mas para essa que pode, em Lá metendo
esse átamo vivente fusco e horrendo
dentro no charo ninho,
com mais razão chamarse a do Baixinho.
Vaite emfim para donde nunca vejas
homem de bem, que cortejar dezejas,
por Livrarte ao tormento
de não poder fazerlhe hum comprimento.
Quem teria o trabalho
desse bollo amassar desse borralho
que foi tam negligente,
que te engenhou de massa sem crecente?
E nem a forças tantas,
de fidalgos calores te levantas?
Deos te Livre de toda a sorte avessa,
que nam falta quem pessa:
te Livre sempre de cahir nos máres,
para Livrar tambem de alguns pezares
os pobres navegantes,
que sobre o crespo mar, e ondas errantes,
ainda sem lhe faltar vento prospicio,
encontram sobre hum baixo o pricipio.
O dia que te vejo,
sobre elle muitos mais verte dezejo,

e he para mim tam raro,
que Ida de, para eu te ver, ser muito claro;
E inda assim nem por Zoray o reputo,
por cuidar que te vejo em hum minuto.
Nam és tu taõ prezado de valente
que me ameaças, mais a muita gente?
Pois como consentiste neste caro
que te puresem raro?
Se bem que tu, levado por bõy modos,
anday de rasto pellos pes de todos.
Se teu amo (pois sabe quanto o estimo)
me mandar algum mimo,
já desde aqui o multo
seja em cousa que faça mayor vulto;
do seu ánimo espero,
que sempre foy em bizarrias sério,
nam falhe por tal molde os seus primores,
que eu nam quero migalhas de Senhores.
Quem te Ida de ter respeito,
se parece que existes por conceito?
Mas sempre dos meus Versos desviado,
que os quero com conceito Levantado.
Na Gabinete, ou Salla
ninguem te vê o vulto, ouvete a falla;
Mas estando callado,
aquelle que quizer darte hum recado

se te buscar, nam creya
que te ha de achar, sem acender candeya.
Muito mao Sapateiro
foi teu pé de Obra de homem: No primeiro
estudo, que no officio fazem todos,
merecendo ficou grandes apodos,
que nelle aos mais peritos
Levou ventagẽns em fazer Xequitos.
Muito mal á Republica servia
que lhe nam teve nunca serventia,
Engenhou hum torresmo,
que oque cá fez e nada, he tudo o mesmo;
porque só soube nos venereos tratos,
a Tassa propagar dos Carrapatos.
Eu nenhuãs razões, Anão, protesto
ter por amor de ti (Pois sou bem testo!)
Mas assim he precizo,
porque nam vejo homẽns de juizo
em alguma contenda porfiada,
terem razõens por pouco mais de nada.
Nam me diráz, Pigmeo, em q. és culpado
que andas sempre em ti mesmo homiziado,
e fostes Lá meterte
onde nunca os meus Olhos podem verte?
Say, sai cá para fóra,
se queres ser mayor do que és agora,

porque a justiça quando te demande,
tará de nada huma cousa muito grande.
Que doença tiveste,
que te deitaste, nunca mais te ergueste?
Que mal foi esse que tam dura guerra
te fez, Anam, que assim te põe por terra,
sem te mostrar á gente,
hum instante seguer convalecente?
Eu te nam posso ver (nam te por ódio)
nem ainda no meu triste episodio
por virgula te quer a minha pena,
Que por virgula serey mui pequena)
téme nella o disconto
de a terem mal, por parecerey ponto;
E ainda assim porem, com tudo isto,
estás deyxey Fidalgos tam bem visto!

Carta

que com as

Decimas

ao diante

mandou hum Sogeito

A huâ de 2 rez formozas Senhoras

q. vio em N.ª Sr.ª do Cabo, donde he q.

ficou namorado della.

Minha S.ra D. Michaella

Hum prodigio q. me contáram, e huma

Historia q. eu já sabia, me dá animo pª sahir

á luz; e nam sei se fora milhor ao fogo, com

este papel q. exponho na prez.ça de vm; q

e pª q. nam paressa fantastico o fundamento e da minha ouzadia, direi o prodigio, e contarei a Histª.

Dizem q. há huma pedra em Arcadia, ou não sey donde, que aceza huma vez, nunca já mais se lhe pode extinguir o fogo, por mais deligencias que se fassam, e por mais ideyas q. se apurem. Desta prodigioza pedra creyo eu ser feito o meu Coração, por que despois q. as attençoens de Vmce lhe acenderam o affecto com q. extremozamte a venero, parece q. não há razão q. se me oponha, nem motivo q. me ambarasse as confiçoens de seu inclinado, parecendo já cequeira o meu excesso, e loucura o meu extremo, crendo já nas antipatias e simpatias, q. a nam se darem estas, nem o meu affecto em tam pouco creueria tanto, nem eu sem mais fundamto, me veria tão inclinado; pois sendo 6 de setembro o prº dia em q. tive a felicidᵉ de vella e ouvilla, pareceme q. com cada palavrinha Vmce punha mais hum grilham no alvedrio; não havendo já em todo o citio do Cabo q.m mais me enleasse os olhos; e me arrebatase os sentidos, e mtos mais doz q. sentiam os meus effeitos; pois as occaziões q. eu buscava de estar na sua prezença, mas impedia quasi sempre a multidão dos q. solicitavam o mesmo alivio q. eu pª mim pertendia.

E assim, Srª, da quella prodigioza pedra

de q. infalivelm.te creyo ser edificado o meu cor.am, e o meu affecto, procede o motivo q. tive p.lo meyo destas mal concertadas Decimas, como tributo á sua pessoa pagasse os rendim.tos q. sacrifico á S.ra D. Caetana, naqual contemplo as mesmas circunst.as q. em V.m.e devizo, nam só pellas iguaes prendas, attençoens, e agrados, como tambem por serem os filhos reprezentaçoens dos Pays: E assim, V.m.e reprezentada nesta Snrã, e ella figurada em V.m.e certam.te q. o meu affecto p.a as veneraçoens, as não destingue; Motivo porq. me não atrevo a rezolver se as Decimas são feitas a V.m.e, e dedicadas á S.ra D. Caetana, se feitas a esta Snrã, e dedicadas a V.m.e Tenha o trabalho de lhe pôr os olhos, e p.lo discurso dellas as entregará aquem julgar q. pertencem. Mas sempre protegidas com o seu amparo; p.a q. os olhos por não chamar envejozos me não descubram defeitos com o ciume de q. poderei ser attendido.

Tenho, como pude, explicado a V.m.e o q. me conduzio a fazer estas Decimas: Agora, p.a desculpa de lhe offerecer couza tão inferior, me he precizo contarlhe a Historia que eu já sabia.

De Ataxerxes a Junio Rey da Persia se conta, q. sahindo a publico com grd.e pompa no dia dos seus ann.s, e tendo lhe offerecido preciozas ofertas os Sapatras e Magnatas da Corte, O Rustico Synotes

tão

tam pobre de cabedal, como rico do amor do seu Prin-
cipe, nam tendo q. lhe offerecer, se arrojou a huma
fonte, e enchendo as maõs de agoa, a apresentou ao
seu Rey como signal evidente da pureza de seu affe-
cto; Q. elle admitio com tanto benevolencia, que
a firmou ffora aq.la joya deq. fizera mayor esti-
maçaõ.

Este conto, ou esta historia dá a entender
á minha confiança, p.a expôr na sua presença
oq. naõ merece mais estimaçaõ, do q. o de ser feyto
em nome de Vm.ce: E se entre todas as faculd.es
mais se estima oq. mais superior Objecto tem, certo
fica q. serão estas minhas Decimas dignas de m.ta
vener.m, em q.to dizem respeito a ser Vm.ce o principal
motivo, e a principal pessoa aq.m se dedicam; que
se attendermos ao segd.o Objecto aq. se encaminham
(isto he o meu Nariz) ficcyo q. vá a Obra e Objecto
naufragar em algum baixo, deq. naõ costumam
escapar os papeis velhos e sem prestimo; de cuja
Desgraça fico livre na Concider.m do patrocinio q.
alguei, doqual me valho contra os meus inemigos,
pois p.a com os olhos me revisto da sua protecçaõ
com a mesma confiança q. finge aquelle certo
fraco Valente, que só oqueria ser por possuir
a Lança de Aquilles; porem eu cá, espero diffe-
rente sucesso; porq. a elle lhe quebráram a

Cabessa sem lhe valer a Lança, e a mim me nam chegarão aos Narizes, por ser inviolavel o resp.to de vm.d. E assim, sr.a, as Decimas ahi vão: Se levam erros, vm.d os emmende; e se os criticarem, lá quebre a Cabessa com q.m o fizer, porq. eu com isso me nam meto, nem quero historias com ninguem, pois por pacifico espero o Cz.no do Ceo, p.a onde vão quasi todos os q.e morrem em grassa: E se na de vm.e cair este modo de explicar a inclin.am q. me deve, de alguã sorte mo insinũe; e se não lhe agradarem por inferiores, me dezengane com os parabêns q. se costumão dar a hũ vestido novo, q. he = Esse roto, e outro milhorado = porq. eu com este dezengano, ou farei outras Decimas, ou deixarey de ser Poeta, q. me parece o mais acertado; pois sendo officio q. todos querem, e a ninguem aproveita, tanto assim, q. o Consoante forsado de Poeta, he ser pobre, Não obst.e este dezengano, todos querem ser Poetas, como se fora o mesmo ser Poeta, q. Escrivão da Cazinha. —

D.s nos Livre destes, e a vm.d dê boa maré, no cazo q. algum dia queira cumprir a promessa q. fez de vir a ésta Corte, donde m.to dezejo ver a vm.d q. D.s G.e m.s an.s &c.

De vm.e

O mais dillatado Nariz

De

Decimas

1ª

Eu para o Cabo, parti
tendo á Jornada disposta,
de nam dar comigo á costa
no Cabo Lá me perdi.
Eu trez Deusindades vi
de sem igual perfeiçáõ;
E taõ perigrinas saõ,
que hoje a fama as apregoa,
serem primôr de Lisboa,
pasmo e asombró de Dzeitáõ.

2

Estas trez saõ o motivo
porque agora vivo absorto,
para as glorias todo morto,
para as penas todo vivo.
Hum pezar muito excessivo
supondo me ha de acabar,
pois náõ posso consolar
o meu grande sentimento,
sem Largar velas ao vento,
e passar agoas do Mar.

3

E por nam ter já baxel
em que me possa embarcar,
Com pena quero explicar
a minha pena cruel.
Vai por mim este papel
a vossos pes mui submisso;
E adverti, meu Feitisso,
que por estar namorado,
se eu morrer enfeitissado
ha de ser por amor disso.

4

Só quero, por meu regalo,
nesta afflicam em que estou,
nam só dizervos quem sou,
Mas dizervos com quem fallo.
Já não posso disfarçalo;
já nas trez tenho escolhido:
Eu bem sei, e nam duvido,
cada huma he perigrina;
porem a mais pequenina,
Ay de mim que estou perdido.

5

Por ésta quero acabar,
por ésta quero morrer,
por ésta me hei de romper,
por ésta me hei de rasgar:

E p

E por ésta lei de passar
penas, tormentos, rigores,
desprezos, e dissabores,
desagrados; e bem sei
que isto tudo sofrerei,
Que assim faz quem tem amores.

C

Hum pezar meu peito inflama,
de sentido desadoro
que sabendo aquem adoro,
vós ignorais quem vos ama:
E se Lá não chega a fama
do grande affecto que sinto,
Em termo breve e sucinto
já dequem sou dou extrato:
Eu vos mando o meu Retrato,
e neste papel me pinto.

E

Eu sou:... Mas temo directo:
He tentação do diabo;
sempre o digo, Quem no cabo
se perdeo pello amarelo.
Certa fita, que o Cabello
vos tinha bem concertado,
me deixou tam namorado,
que andando doudo por não vella,

que aquella fita amarella
me deixou enfeitiçado.

8

Eu sou quem no Cabo fuia,
sem recear embaraços,
a correr os vossos passos,
porque encontrar vos queria.
Meu peito, que naõ ardia
naquelle incendio veloz,
Em tal aperto me pôz,
que me obrigou, por capricho,
a fazervos muito bicho;
porem foi naõ vendo vós.

9

Tambem sou quem, por causar
a todos os maõs enveja,
eu nunca entrava na igreja,
sem que lá vos visse estar.
Huma vez me fui sentar,
antes de vir o Sermaõ,
defronte de vós no chaõ:
E se a vós bem vos lembrára,
eu sou aquella má cara
que tinha o Legue na maõ.

10

Eu sou Eum tal de Capote,

entre todos o primeiro,
que vos dei aquelle Outeiro,
e vos disse = Venha mole.
Eu sou hum tal Dom Quixote,
que por vos cahir em graça,
sem temer qualquer desgraça,
Os Touros da Quarta feira,
sem mais janella ou trincheira,
resoluto os vi na Praça.

14.

Eu sou, sem mais patarata,
hum que em pé junto ao Tablado,
tinha o Vestido encarnado
com mui bons galoens de prata.
Eu sou quem por vós, ingrata,
fez na firmeza penhasco;
E assim, fóra de casco,
já quem sou quero dizelo:
Sou hum Mosio de cabello,
por signal pegado ao casco.

12

Eu sou: Já dizello quiz,
porem faltavame a veya,
que em versos de legoa e meya
nunca lhe coube o nariz:
E se sempre tenção fiz

de não pôr defeito em mim,
Vos quero agora por fim,
dar o signal dos signaes.
Eu sou hum (Não vos Lembrais?)
do nariz tamando assim.

13

Sou Nariz, que desta banda,
por não ser dos infelizes,
vos servirei de Narizes
estando vós da outra banda.
Sou Nariz de banda a banda;
sou a bombarda de Dio;
sou a Torre do Bogio;
de Cascaes, da Ericeira;
sou quindaste da Ribeira;
sou talha mar de Navio.

14

Sou Nariz, por eminente
ao de mais principal;
Sou Torre da Patriarchal;
Zimborio de Sam Vicente.
Sou Nariz que assombra a gente
sem poder ser explicado;
Sou Nariz mui decantado
já desde a antiga velhice;
Sou Nariz de quem se disse =
Nasceo a hum Nariz pegado.

Eu

15

Eu sou (porem não me gabo,
pois nunca fui desse pano)
O mayor Nariz que este anno
se vio na festa do Cabo.
E como eu nam me babo,
e vejo às razõens expostas,
farey trezentas apostas,
que á vista de Nariz tal,
de vergonha cada qual
mete o seu atraz das Costas.

16

Eu sou (em rezoluçam)
O que na prezente éra
mui grande feiçaõ tivera,
se o Nariz fora feiçam.
Ou seja, ou naõ seja, em vaõ
se funda toda a idea
quem me julga a Cara feya:
E a razaõ bem clara está;
pois se he feiçaõ, não he má;
se o nam he, naõ me desfeya.

17

Eu sou Senhora (Aqui findo)
quando vós com bem desgarro
vos fostes meter no Carro,
Quem vos estava assistindo.

Dom Guido, e Dom Nuno vindo;
Eu já triste suspirando;
Todos trez defronte, quando
o vosso Carro partia,
Em meu peito vos dizia –
Saudades até quando?

18

Finalmente, eu sou ruim;
Vós sois bella sem adorno:
Eu tenho cara de corno;
Vós cara de Serafim.
Eu cá sou Hum Lazarim;
Vós toda sois Soberana:
Eu por mim sou Hum Bananа;
Vós não fareis Caramunha:
Eu sou Antonio da Cunha;
Vós sois Dona Caetana.

19

O Retrato aqui suspendo;
porque parece Loucura
mandar a tal Formozura
Hum Retrato tão Horrendo.
Mas se o fiz, foi antevendo
nam ser de vós conhecido;
Que se o sou, arrependido
vos peço todo prostrado,

fego

seja o Retrato queimado,
que o dono já fica árdido.

20

Mas nova razaõ descobre
quem me naõ quer pôr de venda,
que he eu ter grossa a fazenda,
criar China, e naõ ser pobre:
E assim, he bem que cóbre
novas forças meu empenho
pois neste amante despenho
para que nos naõ cansemos,
a repetir meus extremos
eu venho do mar eu venho.

21

E assim, meu Conselho tome,
Nam me repare em feiçõens,
que quem tem muitos dobrõens
por força he mui gentilhome.
Já os seus desprezos dóme,
pois lhe será conveniente
ter Amor tam excellente,
que diz delle cada qual,
que he, álem de Liberal,
Rico, discreto, e valente.

22

Se eu nam fora dos mais Ricos,

nam tivera o dezafogo
de huma vez brincando ao jogo
perder a Caza dos bicos.
Inda mais hũns abanicos
eu perdi no tal joquinho;
porem isso he hum cominho
para oque estou costumado,
pois ainda perco dobrado
como quem vai de caminho.

23

Quando foi da Armada Ingleza,
por muitas occaziõens
passei de perder milhõens
despois de perder Veneza.
E se eu jógo com Largueza,
muito bem o justifica
a fama, quando publica
os augmentos em que estou;
pois só baratos que dou
tem feito bem gente rica.

24

Na Calsa sou singular;
Nunca no cham atirei;
E todo o tiro que dei
sempre foi dado no Ar.
Mil ballas posso enfiar

pella

pella boca de huma bilha:
Inda mayor maravilha
eu fasso, pois me regalla
Matar Mosquitos com balla,
Veados com escomilha.

25

Eu mato as Rezes brincando
com balla mui guarda Rio
trez mil Narcizos a fio
isso matei eu sonhando.
Sou tam déstro, que athe quando
meu primôr quero ostentar,
busco noite sem Luar
em que eu, por meu regalo,
correndo em hum bom Cavalo
mato Morcegos no ar.

26

Na Jogo da preta espada
sou tam destro, q. sem pulha,
pello fundo de huma agulha
meterei huma estocada.
Se acazo dou Cotilada,
desgrassado oque a atura;
pois faz tam grande sizura
a qualquer que a recebeo,
que afirmam, que golpe meu
nunca já mais teve cura.

27

E se a verdade nam falha,
podeis crêr, por vida minha,
com qualquer estocadinha
passo trez sayas de malha.
Cá ninguem comigo ralha,
nem tam pouco me acomete;
sem lhe suar o topete
nam acho quem me rezista;
Nem Palermo á minha vista
ha de pegar no florete.

28

Sou Cavaleiro fatal,
sou mui déstro, e rezoluto;
tenho para todo o bruto
huma quéda natural.
Sou insigne sem igual;
tenho bella mão de freyo;
Eu monto com muito aceyo,
nam me ponho com vagares;
Quando Deos quer, pellos ares,
correndo o bruto, me apeyo.

29

Nos Touros sou singular;
em despedidas carreiras
fasso sortes tam ligeiras
que sam feitas pello ar.

Ar.

Ninguem me pode igualar;
isto posso bem provalo;
Além de ter o regalo
de ser tam pouco ignorante,
que á minha vista o Infante
nam se quer pôr a Cavalo.

30

Notto que sou couza rara
no Canto mui atractivo:
Se Orpheo ainda fora vivo,
atraz de mim se abalára.
Se eu por dinheiro cantára,
fora senhor de milhôens:
Já desprezei petiçôens
que a ouvirme ElRey fazia,
em as quaes me prometia
por La obra mil dobrôens.

31

Se quero fazer das minhas,
com meu Canto vou ás prayas,
Nam só a pescar Arrayas,
mas Carapaos e Sardinhas.
Sei humas tais cantiguinhas
de tam occulto primôr!
Oh que se eu cantando for
como manda a milhor regra,

posso tirar huma negra
de Caza de seu Senhor.

32

Na dança sou o primeiro,
porque já sendo criança
eu saltei de huma mudança
o Largo do Limoeiro.
Sou mui rijo, e mui Ligeiro,
ninguem me pode igualar;
podem isto acreditar,
pois nam sou de carambolas:
Sei fazer tais cabriolas,
que estou trez dias no ar.

33

Danço com desembaraço;
faço mudanças sem conto,
e nem se quer falto hum ponto
ao mais defficil compasso.
Inda mais que os Mestres faço,
porque eu em tudo os excedo;
pois elles estam com medo:
fazendo mil mudancinhas;
porem eu cá, faço as minhas
mui firme, prosto a pé quedo.

34

Nas graças sou bem donozo;

por equivocos me péllo.
hum por hum hei de dizelo
na Cabessa de hum tinhozo.
Se vejo o mar furiozo,
hum doudo lhe chamo entam;
Se as ondas soberbas vam,
lhe torno a chamar inchado;
Se vejo hum homem callado,
Logo lhe chamo melam.

35

Se vejo mossos, ou velhos
conversando pouco ou nada,
lhes digo = Bella callada
estava aqui para coelhos.
Se vejo algum dar conselhos,
Letrado lhe digo que he:
Aos Mulatos chamo mé:
Finalmente nesta frágoa,
em metendo algum pé n'agoa,
Logo lhe chamo Agoa pé.

36

Eu sou nas forças Sansam;
e em prova disto, direi
que já mil despedassei
somente de hum pescossam.
França, de soldo hum milham

por cada dia me dava;
E nisto muito Lucrava,
porque na prezente guerra,
para pôr tudo por terra,
meya hora so me bastava.

37

Lá no Cabo, por brincar,
com huma pedra que atirei,
todos viram que cheguei
outenta Legoas ao Mar.
Penhascos posso arrazar;
e despedassar Liõens;
fazendo em sisco grilhõens,
esmigalhando penedos;
posso partir entre os dedos
tres ou quatro mil dobrõens.

38

Por Liberal nam receyo
ultrajada a minha fama:
So por ver a certa Dama
eu gastei milhão e meyo.
Certo Recado me veyo
de huns amores já findados;
e suposto que acabados,
somente por meu primõr
mandei dar ao portador
huns trezentos mil cruzados.

39

Huma vez, para pasteis,
como quem vai de caminho,
dei a certo Estudantinho
trezentos Contos de reis.
Gastei seis centos mil reis
em trocidas de algodam:
Como estas despezas sam
em tam grande demazia
para o gasto de hum só dia
nunca me chega hum milham.

40

Paraque ninguem me offenda
em dizerme com lhaneza,
donde herdei tanta riqueza?
donde tive tanta prenda?
para evitar tal contenda,
aqui deixo declarado
isto tudo ser herdado,
tendo á fé de verdadeiro,
as prendas por Cavalheiro,
as riquezas por Morgado.

41

Sou de illustre geraçam
em Varonia perfeita:
Eu sou por Linha direita
parente do Pay Adam.

Alguns, menor que eu, serám
parentes do Gram Mogor;
E eu nam ser grande Senhor,
he porque já desprezei
numa Lavoira ser Chey,
em Cascaes Imperador.

12

Mas porem, outra razão
dá motivo a eu sentirme,
que E. não poder descobrirme
sem vir Dom Sebastiam:
Como naquella affrica
tambem fui aventureiro,
por ser fiel companheiro
occulto he bem me detenha;
E assim, sem que elle venha
nam posso ser Cavalleiro.

13

Tratam de eu não ser pobre,
he que herdei, há muito anno,
a hum tal Manoel Troyano
e a Manoel Ferreyra Nobre
Inda herdei os mais que encobre
a Ventura, que muito ufana
se jacta nam vos engana,
pois eu herdei de meu Pay

ser Senhor de quanto vai
a dar comigo em pantana.

44

Tem dito, sem mais rogo,
ou demanda, ou baraunda,
todo oque morre á segunda,
a terça me deixa logo:
E de quanto abraza o fogo
eu sou dono, sem que minta:
Inda aqui não fica extinta
a herança, e mais se farta,
pois todo oque morre á quarta,
Cá me deixa logo a quinta.

45

Esta he a minha figueira,
e mais toda a fidalguia,
prendas, partes, valentia,
feição, Artes, e Nobreza.
E se alguem com mendeza
repara em mim retratado,
diz muito derenganado
que em nada fui excessivo;
porque inda sou mais do vivo,
do que sou aqui pintado.

46

A vossos pez, meu Maria

vos pede todo prostrado,
seja de vos perdoado,
se algum agravo vos fiz:
Mas se for tam infeliz
que nam haja em nós concordia,
para evitar tal discordia
de que dei este processo,
já daqui, Senhora, peço
Castigo, e Misericordia.

47

A vista do deferido,
parece que, com razaõ,
nesta minha Petiçaõ
eu devo ser deferido.
E se naõ for attendido,
negandome vós o sim,
por me livrar este fim,
e fogir a tanto mal
eu para outro Tribunal
Apello logo por mim.

[illegible] geral a todo o Governo deste
Reyno como nella severa, por Gregorio
de Mattos recucitado em Pernambuco no
Anno de 1713 ficada com este verso

Este he o bom Governo de Portugal

Hum Reyno de tal valor,
e de povo tam honrado
he justo seja louvado
desde o vassallo ao senhor.
Ainda que fraco orador
a verdade heide dizer
e quadaqual recolher,
pode, aquillo que metoca
ainda que diga o provoca
huma imitaçam real
Este he o bom governo de Portugal.

2.

Hum Rey menino innocente,
sem compaxam, nem piedade,
inimigo da verdade.
com adulaçam consente.
com huma sombra a parente
tanto se eleva este Rey
faltando do Reyno á Ley
seguindo somente os vicios
com que porcos desperdicios
o chegou a extremo tal
Este he o bom governo de Portugal

3.

Para os povos bem reger
Deos o pôr neste lugar,
nam para os desgovernar,
nem para o Reyno perder,
Mas cuyo lhe fazem crer
que he já virtude o peccar,
e que deve nam pagar
ter ambicam, e avareza
tiranizar a pobreza
com tributo dezigual
Este he o bom governo de Portugal

4

Pois hum Infante inhumano
insolente, e matador;
que sem ter de Deos temor
vive bruto, e corre ensano:
he o mais cruel tirano
que neste Reyno se ha visto
e que conhecendo isto
o tolinho do Irmam
lhe nam dá huma prizam
para evitar tanto mal
Este he o bom Governo de Portugal.

5

Bisneto de hum corrieiro
hoje Principe da Igreja
que alcança quanto dereja
adullando o Lizonjeiro.
Sanguexuga do dinheiro
que se Rouba da pobreza,
e que cheque a tal grandeza,
que hontem morrendo: a fome,
sem ser visto nem ter nome
hoje esteja hum cardial
Este he o bom governo de de Portugal

Que haja hum conselho de Estado
para mal rezoluçoens,
e que em todas as acçoens
he sempre dezacertado:
O parecer sempre errado
Say dos seus dezacertos,
porque para o mal sam certos
e so para os bons intentos
nos cega os entendimentos
o gram menistro infernal
Este he o bom governo de Portugal.

7

Tambem o seu secrezario
o Diogo de Mendonça
que anda por geringonça
no espaço imaginario.
Sempre aberto o callandario
tem de mentiras, e enganos,
e que com caras de janos
vivam asolando o mundo,
eu juro que me confundo
vendo o que o magano val
Este he o bom governo de Portugal.

8

E o Mexia das mercês
feito huma mosca atordoada,
que elRey nam despacha nada,
diz a todo o Portuguez;
Todos conhecem que fez
em breve tempo o Palacio,
porque estuda mui deespacio
na sua conveniencia
tendo piedosa aparencia
por exercicio usual.
Este he o bom governo de Portugal.

9

Que nos concelhos de guerra
os pobres dos pertendentes
andam feitos pacientes
Rapando com os pés a terra.
E vendo que se desterra
da qui o merecimento
pello injusto provimento
dos postos, que estes salvagens
dam a mexilas, e pagens
dizem deste Tribunal.
Este he o bom governo de Portugal.

10

A Junta dos Trez Estados
que as Rendas Reaes dispende
onde todo o que pertende
vai purgar os seus peccados.
Depois de ter bem Jurados
os ovos na pertençam,
com huma, e outra informaçam
o mandam a hum Rezoureiro
que lhe diz nam tem dinheiro,
por que he lagarto fatal
Este he o bom governo de Portugal.

11

Anexa a contadoria
donde o Maximo he Rezisto,
por que na Junta o que he visto
se remete a esta via.
Se falta aqui a vallia
para a boa informaçam
achese huma dillaçam,
e huma duvida no cabo,
que athe o mesmo Diabo
dirá por regra geral
Este he o bom governo de Portugal.

12

O Conselho da Fazenda
com duvidas, com demoras,
passam annos, dias, e horas
os pobres nesta contenda
Em dilacam estupenda
tres annos aqui andei
que na verdade nam sei
como o possa referir,
Nam houve que deferir
foi o despacho final
Este he o bom governo de Portugal.

13

Hum Desembargo do Paço
com posto de vis chinchilhas,
que com Toupas, e golilhas
governão o Reyno de espaço.
Os coraçoens tem de aço
estes soberbos villoens
pois de seus mãos coraçoens
o mal a todos se espalhas
e prezida a tal canalha
hum Duque de Cadaval
Este he o bom governo de Portugal.

14

O Conselho de Ultramar
donde preside hum Diabo,
que assim lhe vai dando o cabo
vendendo o que se ha de dar.
E espera de se salvar
este assolador da gente
tam soberbo, e insolente
que ao Rio de Janeiro,
todos dizem, por dinheiro
vendera este irracional
Este he o bom governo de Portugal.

15

Que haja o Reyno de ter
a hum Rey tam deshumano
que deixa passar hum Romano
sem o mandar socorrer.
E que ainda favoresser
queira ao governador
que peccou como traidor
ou dar gosto ao sam vicente
desacreditasse a gente
com huma perda universal
Este he o bom governo de Portugal.

16

Ameza da conciencia
que conciencia nam tem,
donde todo o que a si vem
faz perder a paciencia.
Com huma e outra deligencia
em qualquer inquiriçam
tras arrastado hum Christam
que quer por a Cruz de Christo,
se as cruzes nam tem visto
nam se acha o amor paternal
Este he o bom governo de Portugal.

17

Chegamos a Vilaçam
onde hum Bispo he Regedor,
deixa de ser bom pastor
para ser hum mão padram
De pois que impunha o bastam
com pronunçaens de letrado;
tem muita gente enforcado
e atropellado os povos
quer darnos costumes novos
por seu destinto brutal
Este he o bom governo de Portugal.

18

Armazens, e consulado
que está regendo ò Fronteira
com razões de borracheira
descompondo todo o honrado.
porque foi tam gram soldado
no choque de Badajoz
nesta occupacam o poz,
por seus serviços El Rey,
e se acha Decreto, ou ley
a repugna este animal
Este he o bom governo de Portugal.

19

Ajunta que nam tem pelo
do comercio, porque calva
a deixou o Marialva
por lhe arrancar o cabello:
Custou a vida ao Rebello
que sem ter alivio berra
que para as cazas do serra
dava dinheiro sem conto
porque o queria ter prompto
para o peccado carnal
Este he o bom governo de Portugal.

20

Pois da Alfandega a descarga
donde o Provedor gentil
todo a quem vem do Brazil,
quer dispenda com mao carga:
Ese o nam faz lhe retarda
a descarga do Navio,
e os annos a traz no Rio
carregados se perderam
que como nam concorreram
o correalhes o temporal
Este he o bom governo de Portugal

21

O Estanque do Tabaco
donde preside o Minas
de ordenados, e porpinas
mui bem se enche o velhaco:
Hiahe chegando ao caco
com hum bastam, hum Estrangeiro,
e o Filho bom cavaleiro
deteve a cavallaria
quando o inimigo fugia
de Evora para Carinhal
Este he o bom governo de Portugal.

22

A caza da India e Contos
com todas as vedorias,
Thezoureiros, chancellarias
mui bem lhe vejo os pospontos.
Inda que sutiz seus pontos
eu lhes conheço de sorte
que se governára a corte
Eu lhes vazara as enchentes
pois destas vias correntes
so eu lhe sei o canal
Este he o bom governo de Portugal.

23

Da camara o senado
que com obras, taxas limpeza
devem com toda a prestera
ter particular cuidado.
O governo he dezestrado
e sam as Ruas da cidade
monturos de porquidade,
e o que tem que vender
o vende pello que quer
por ter seguro o costal
Este he o bom governo de Portugal.

24

Os Ministros de Justissa
que nunca a fazem direita
porque a valia respeita
pella Puta, ou por cobissa.
O Demo assim lhes atissa
este fogo com seus ardores
Juizes Corregedores
Letrados, e escrivâens
Alcaides Tabaliaêns
todos vestem de hum sayal
Este he o bom governo de Portugal.

25

Pois os Ministros da Igreja
fradalhada, e clerezia
em todos ha semonia
tudo ambiçam, tudo enveja
Nam ha nenhum que nam seja
hum perverso amancebado
outro para ser Perlado
o Roma manda dinheiro
para que presto, e ligeiro
lhe venha hum motu papal
Este he o bom governo de Portugal.

26

Que queira El Rey sustentar
nas praças, e nas campenhas
a gente com traço e menhas
sem já lhe querer pagar.
E que tamde isto aturar
os mizeraveis soldados
famintos, e esfarrapados,
e ledrubios padecendo,
sempre de fome morrendo
sem lhe darem hum real
Este he o bom governo de Portugal.

27

E pode a guerra manter
com palavras, e enganos
com quatro pobres maganos,
e sem lhes dar de comer.
Bem podéra conhecer
pois lhe dá tam pouco disto
que nos sucessos que ha visto
de pois que o Ceptro empunhou
que victoria nam alcançou
pois lhe tem odio mortal
Este he o bom governo de Portugal.

28

Os Assentistas sem Ley,
do Reyno destruidores
o pam aos Lavradores
tomam com poder de El Rey.
Nam lhe pagando eu o sey
para o tornarem a vender
deixando á fome morrer
del Rey a Cavallaria,
e a pobre Infantaria
e sofra isto hum General
Este he o bom governo de Portugal.

29

Que as conquistas domar
mandem para dezabonos
huns pataratas fanchonos
sem para nada prestar.
E que se hajam de augmentar
huns Ridiculos sogeitos
sem obras, accêens, nem feitos,
e se ha tal occaziam
de terem a espada na mam
a fuga lhes he cordeal
Este he o bom governo de Portugal.

30

Que a mais da fidalguia
que na soberba se enfronha
nella se acha sem vergonha
toda a mâ velhacaria.
A fraqueza, e cobardia
se vio contra os castelhanos,
e para os pobres paizanos
sam huns Tigres, huns leôens
sem porem em seus coraçôens
hum proceder tam cabal
Este he o bom governo de Portugal.

31

Que me dizeis das donzellas
com escrupulos honrados
que tendo os pontos quebrados
vos colhem nas esparrellas.
De pois de varias barrellas
e trez vezes ter parido
enganam o pobre marido
com virgo detromentina
encaxandose a menina
em posseçam virginal
Este he o bom governo de Portugal.

32

Tambem se vem as cazadas
(só porquererem brilhar,)
trazer joyas, galhear,
e serem mui regalladas.
As honras trazem manchadas
porque o pobre de marido
como nam dá o vestido
nem para a caza o sustento,
a mulher, consentimento
dá, aquem governa o Cazal
Este he o bom governo de Portugal.

33

Que a pobre desconçolada
da viuva sem marido
o capello traga erguido,
e a Cabeça a polvilhada.
Mui cheiroza, e profumada
segundo Hemineo pertenda
sem ter juro, nem ter renda
sempre a prezunçam he alta
mas se a caso hum nescio falta
nam falta hum Porvencial
Este he o bom governo de Portugal.

34

Que venha todo o Estrangeiro,
e cada qual negociando,
Ouro, e prata vam levando
deixando-nos sem dinheiro.
E nam haja hum conselheiro
que seja homem de talento,
que a purando o entendimento
algum remedio lhe aplique;
para que o Reyno nam fique
exausto deste metal
Este he o bom governo de Portugal.

35

Que andem por esta cidade
roubando varios maraos,
e que estes vagamaos
tenham favor, e amizade.
Sem ter honra nem verdade
furtando huma, e outra vez,
achando o Conde, e o Marquez
que dizem se prezos vam
que sam da sua obrigaçam
ao Ministro principal
Este he o bom governo de Portugal.

36

Pois huns atravessadores
do Trigo, azeite, e vinho
que sam por todo o caminho
do povo huns destruidores.
Porque da fome os rigores
todos fazem padescer,
e que se haja de sofrer
que qualquer bisbilhoteiro
incorra, por ter dinheiro
em caso tam criminal
Este he o bom governo de Portugal.

37

Toda a mais canalha vil
mercadores, vendelhões,
que estam ganhando milhões
com o emprego de hum seitil.
Tem toda a traça gentil
para poderem roubar,
podendo-se isto emendar
com huns asoutes, e galles,
porque assim em que lhe pez
tenham menos cabedal
Este he o bom governo de Portugal.

38

O mais que aqui nam refiro
fica a eleicam dos leitores,
que de tam graves horrores
muito pouco me admiro.
Corra a fortuna seu giro
com mil voltas, e rodeyos,
pois que por tam varios meyos
vivem neste Reyno insano
o bom, o mao alto, e magano,
e como quer cada qual
Este he o bom governo de Portugal.

39

Já nam temos que esperar
neste governo insolente,
mais que padecer a gente
sem o bem nunca alcançar,
Só para Deos appellar
pobre o povo Portuguez;
e pedirlhe desta vez
que nos dê governo novo
para que com elle o povo
diga no seu natural
Este he o bom governo de Portugal.

Quan

40

Quando a quelle Santo Rey
que em Alcacer foi vencido
pelejando inadvertido
contra o poder de Muley.
Por exaltar do Christo a ley
sahir por Devino acerto
de donde está encuberto
com verdade, e com rezam
dirâ a nossa nasçam
tendo hum Ceptro Imperial
Este he o bom governo de Portugal.

Agrande [illegible] com q. os Ministros se
poseram em livrar a Joseph Nicoz de
pois de oterem sentenciado á forca; mo
rrendo com effeito muitos dos seus sequazes
enforcados q. menos o mereciam.

Decimas

1.º

Se os Ministros viram bem
os Autos dos delinquentes,
julgáram como prudente.
segundo o crime que tem
Mas he certo que nam vem
se nam o que lhes faz conta;
logo buscam huma ponta
a que se possam pegar;
por que ir ou nam a enforcar,
he couza que tanto monta.

2ª

Se estava o Crime provado
como requer o Direito,
he certo que com effeito
foi mui bem sentenciado:
E se nam era culpado
por nam ter prova legal,
bem se vê fizeram mal,
pois he caso muito estranho,
de que morresse o rebanho,
e escapasse o mayoral.

3ª

Bem pode qualquer sogeito
mil absurdos cômeter,
com tanto que haja de ter
por si, dinheiro, ou respeito:
E para que o meu conceito
afectado nam paressa,
he bem que o mundo conhessa
que por empenhos livrou
Nicos, que a Justissa achou
já sem ter pes nem cabessa.

4

Suposto foi sem razam
tal velhaco apadrinhar,
ao menos poderam dar
a todos os mais perdam;
Por que fica sem questam
e claramente provado,
que qualquer ainda culpado,
por mais que a morte meressa,
como lhe falta a cabessa,
naõ pode ser enforcado.

5.

Eu confesso que nam sey
o que esta Justissa faz,
em livar o Capataz
de pois de incurso na ley.
Clama o Povo: ah quedelRey
sobre os Ministros malvados
para serem castigados
segundo o meu paresser,
de que todos devem ser
pello Nicos enforcados.

Estando o Autor enfermo, mandou ao Marquez
de Abrantes q. se lembrasse delle com algum Tabaco,
por estár em tal estado, q. só do pó se lembrava;
e o dito Marquez lhe mandou huã folha de quarta
cheya de cinza.

Decima

Meu Marquez, eu nam sei como
essa mam prodiga, e farta,
me dá de cinza huma quarta,
dando eu o memento homo?
O que eu daqui saco, e tomo,
he da Igreja hum documento,
Suposto que o meu intento
era, meu Fidalgo só
que me mandasse o pó,
e ficasse co-mremento.

De Lomar Pinto Brandam

a Dom Gabriel Contratador do Tabaco mandou dar Hum papel delle todas as Semanas ao Autor, e cita o nam mandou procurar no discurço de Hum anno.

Decimas

1ª

O Senhor Dom Gabriel
me prometeo, como amigo,
de Tabaco sem perigo
cada Semana hum papel:
Pinto o devion Cruel
sem duvida algum vilhaco;
Mas se o meu talento fraco
a tanta Soma se atreve,
digo que hum anno me deve
em Semanas de Tabaco.

2ª

Assim Deos vos dê Saude,
que me mandeis fresco, e em quente
isso com que tanta gente
me deria: Deos te ajude.

Eu fazer a conta poude
do anno; mas lá tereis
contadores mais fieis,
os quaes milhor saberam
quantas folhas encheram
quarenta couto papeis.

Aria

Se me nam engano
na conta e proporta,
Tabaco, e reporta
vem em castelhano.

De Thomas Pinto Brandão

Peticam que fez a El Rey

Decimas

1ª . Snr.

Diz Tomas Pinto, pobre home,
e milagroso em viver,
pois que farto de morrer
o tem dous annos de fome;
Que a conciencia lhe come,
e apelando a Sacramentos
Obras, palavras, e intentos,
quer para bem comungar,
aos pes de ElRey confessar
pellos Seus mandamentos.

2ª

Primeiro, a meu Rey acato,
Segundo, o juro por êsta ✠
Terceiro, oguardo por festa,
Quarto, como a Pai o trato:
Quinto, só piolhos mato,
Sexto, nam falemos nisso,
Setimo, nada com isso,
Outavo, tudo me peza,
nono, já de mim nam reza,
decimo, papa cobisso.

5ª

Senhor, pello amor de Deos,
veja que a fome me o briga
a pedirlhe, que me diga
que pecados sam os meus:
Eu aos mandamentos seus
suponho que nam faltei;
E se entende que pequei
contra a ley da Magestade,
seria nescecidade,
que ésta, Senhor, nam tem ley.

4ª

Imitar a Christo deve,
que a quem confessar-se sabe
perdoa o pecado grave,
quanto may a culpa leve:
Esta, Senhor, me releve
que foi força de fraqueza;
E pois já dillo me pesa
como mostro em Comfiçam,
venha a Real Comunham
que estou esperando á mesa.

De Thomas Pinto Brandam

Decimas

1ª

Já que o Senhor Secretario
para as Reaes Comunhões
he nas minhas confições
sempre o Penitenciario:
Hoje me he mais necessario
in quantum potest pois vam
seis annos de confiçam;
E saiba ElRey meu Senhor,
que huma confiçam maior
pede maior Comunham.

2ª

Ha seis annos que o meu Rei
pam de graça me nam dá:
Nam sei que culpa acharâ?
que acha pena he só o que sei:
Eu nam matei, nem furtei,
e ElRey me aperta severo,

agar=

a garganta em Rigor fero!
Mas se do nô do percorro,
do Rey agravar nam posso,
para Deos apellar quero.

5ª

Se eu quebrei preceitos seus,
outra penitencia tome;
porem que morra de fome,
a pello eu para Deus:
Nam ouve os clamores meus
contra mim sempre iracundo;
mas na apellaçam me fundo;
E pois gosta o seu Rigor
que eu morra á fome: Senhor
a Deos athe o outro mundo.

e a Deos

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

De Nemar Pinto Brandam

2.4

Fi hum [illegible] homem

Decimo

Filicio estai descansado,
nam tendes que vos temer,
[illegible] vossa mulher
vos tem muito bem armado:
Nam tendes que estar turbado,
alegrai o Coraçam,
que nesta sublime acçam
[illegible]
[illegible]

Ainda o meu entendimento
Núma porfia comigo;
Se quero, vence o perigo;
Se deixo, vence o tormento.

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Gloza

Mori, eu me sinto acabar
Vendome ouzar e temer;
Mandame a razam querer,
Mandame a razam deixar:
Parece duvida amar,
e parece atrevimento;
E assim núm vivo tormento
que me enleya e perduade,
tal como a minha vontade
anda o meu entendimento.

2

Sem vós, vejo o meu cuidado;
Sem mim, acho o meu sentido;
Sem mim, pois ando perdido;
Sem vós, pois vivo ignorado:
Mas ou se remonte ousado,
Mas ou se abata ao castigo,
galanteando o perigo
sempre andam Clori com nosco,
Numa adoraçam com vosco,
Numa porfia comigo.

3

Mas ay Clori soberana,
que importa que nesta idea
mais q. humana a fé vos crea,
se a dor vos crê deshumana?
No mal, o affecto me engana;
no bem, me asombra o castigo;
e assim sem ter paz comigo
nesta guerra em que me vejo,
se temo, vence o desejo,
se quero, vence o perigo.

4

Assim confuso e turbado,
entre o desejo e cautela,

acho-

acho, e perco a minha estrella,
sigo, e prosigo o meu fado:
Mas ou nam deixe o cuidado,
ou deixe o meu pensamento,
tam infelix me exprimento
que batalhando co-a morte,
se nam deixo, vence a sorte,
se deixo, vence o tormento.

Esta glosa è de Ant. da Fonseca Soares: veja Garcia Peres - cat. Razonado - ant. Bacellar e Fonseca Soares. - pag. 39 e 232. -

Aprended flores de mi
Lo que và de ayer a oy;
que ayer, maravilla fuí;
E oy sombra mia nò soy.

Gloza

Flores, si estais presumidas
desta vanidad de hermosas,
Vede que el riesgo è ser dichosas,
y el bien, ~~tener~~ entendidas:
En las fabricas caîdas
de aquel gusto en que me vi,
flores, Lo estais vendo asi;
y asi por bien de Los dos,
yâ que nò aprendi de vós,
Aprended, flores, de mi.

2

Nò os ciegue La Luz que os dà
vuestra gala, y vuestro aliento,
pues quanto è oy Lusimiento,
Mañana eclipse serà:
Mi gusto ayer vistteis yà,
Oy bien veis quan triste estoy,
Temed pues ser Lo que soi
desdad esta pompa vana,

por-

porque ha de ir de oy a mañana
Lo que và de ayer a oy.

3

Si lo que fuistes perdeis
en ~~eso~~ que siendo vais,
Como, nò siendo, pensais
que Maravillas sereis?
Qual piramid nò veis,
qual muro ò torre, que ali
nò os diga en polvo por mi
Flores, quien dirà pues oy,
menos que cenira soy,
que ayer maravilla fuì?

4

Fuè Troya, y de Laver caìdo,
Campo y señas han quedado;
pero en mi, de Lo passado
ni Las sombras de Laver sido.
Tanto el tiempo hà desmentido
Lo que estuve y Lo que estoy,
que espanto ayer burla oy
hasta todo el Mundo en mi,
que ayer su asombro fui,
y oy sombra mia nò soy.

La misma desconfianza
ès quien me anima al intento,
que ès pequeño atrevimiento
intentar con esperanza.

Gloza

Este engañado dezeo,
cuyos imposibles sigo,
Lo que pertendo ès castigo,
Lo que adoro ès desvaneo:
Mas por tan divino empleo
anda Loca la esperanza,
que a ûn que le sigue y nô ~~alcanza~~,
a ûn que le ama y si atormenta,
sus confianças alienta
La misma desconfianza.

2

Este error onde termina
sus aciertos la razon,
si le sigo, ès perdicion,
y ès respecto si me inclina:
Nô sè pensar que ès ruina,
y sè que ès atrevimiento;
pero tan ~~desde~~ el tormiento
me premia en matarme aprisa,

que

que nò èz quien el mal me avisa,
èz quien me anima al intento.

3

El que màs sabe atreverte
èz quien pretende arrojarte,
màs que a ventaras de ganarte,
a peligros de perderte.
Pero, donde suele hazerte
ventura el arrojamiento,
nò èz finesa el ardimiento;
pues muestra la voluntad,
si èz grande cõmodidad,
que èz pequeño atrevimiento.

4

Nò pues afloxe el dolor,
que en tan soberana suerte,
Lo que para una alma èz muerte,
èz vida para un amor:
Busca en el mismo rigor
su bien La desconfianza,
que si este bien nò si alcanza
màs que en la imaginacion,
algo èz yà de posecion
intentar con esperanza.

Traigo comigo un cuidado
entre desdicha y ventura,
que para dicho ès Locura,
y muerte para callado.

Gloza

Deste inpossible divino
que por cuidado apetesco,
La rason, ciego aborresco,
y àl amor, loco me inclino:
Sea eleccion ò destino,
ando tan enagenado,
que como en lo imaginado
solo este cuidado sigo,
nò me traigo a mi con migo,
traigo con migo un cuidado.

2

Jusgan alma y coraçon,
que amando tan alto objecto,
nò ozàr quererle, ès respecto,
y quererle, ès galardon:
Si me atrevo, ès perdicion,
si nò buelo, ès desventura,
y en quanto el dolor [illegible]pura,
asi me ahoja el dolor

entre-

entre esperança, y temõr;
entre desdicha, y ventura.

3

Locura se ha de juzgar
dezir yò mi sentimiento;
y nò juzgarà que siento
quien nò me oyere quexar:
Pierdo la vida en callar,
y en nò hablar nò està segura,
pues deste mal que se apura
muestra lo que callo y siento,
si para mudo èl tormiento,
que para dicho èl Locura.

4.

Desta suerte, en daño esquivo
anda el coraçon incierto,
para las venturas muerto,
para las desgracias vivo:
Amenazame lo altivo,
y muero desesperado;
porque sè que mi cuidado
en incendio tan crecido,
èl muerte para sabido,
y muerte para callado.

Agamos las pazes oy,
enojado dueño mio,
que nò digen bien de mi
quando en tu gracia nò vivo.

II.

Gloza

En las guerras del tormento
vieron mis desconfianças,
sin quartel las esperanças,
sin tregoas el sentimiento:
Mas si oy sin batalla siento,
mi bien, quan rendido estoy,
pues alma y vida te doy
para triunfar, y vencer,
bastan las guerras de ayer,
agàmos las pazes oy.

2

Si merecì tus enojos,
yà te buelvo en dulces giros,
una alma por los suspiros,
un coraçon por los ojos:
Nò pues creas los antojos
de un zeloso desvario;
y pues yà ~~[illegible]~~ el desvio
permitirme ver dichoso,

que

que estais yà, dueño amoroso,
enojado, dueño mio.

3

Despues que vivo olvidado
de tu amor, anda el sentido
de si proprio aborrecido,
y de si mismo agraviado:
Ofendeme mi cuidado,
porque se ofende de ti;
Aqui Horo, y muero alli,
pues sabe enfin tu desden,
se de ti nà digo bien,
que nò dizen bien de mi.

4

En mal, en dolor tan fuerte
el ancia ès tan desabrida,
que si amor me dà la vida,
tu enojo me dà la muerte:
Si afable nò llego a verte,
mi penna en mi gusto aviva;
Si quieres, pues verme viva,
buelveme al favor primero,
porque en mi desgracia muero
quando en tu gracia nò vivo.

Blanca en prizionez padece,
y está en querer tan igual,
que los rigores del mal
por lo que quiere apetece.

Gloza

Blanca está preza, y sus laços
aprietan, entre las penas,
màs la fé que las cadenas,
màs el alma que los braços:
Tanto entre sus enbaraços
La vnion que le inpide crece,
que al vso menos parece
que con Blanca vive, en tanto
que está libre, como en quanto
Blanca en prizionez padece.

2

Bien que su amor èz major
que el major merecimiento,
su constante sufrimiento
si iguala yà con su amor:
Si vno èz inmenso en su ardor,
otro èz inmenso en su mal;
tanto assi que cada qual
nò puede ella preferir

San-

tan igual està en sufrir,
y està en querer tan igual.

3

Como a merecer si aliento,
quando el aliento agoniza,
lo penoso la suaviza,
lo suave la atormenta:
y enfin, como solo intenta
hazer su amor inmortal,
en merito y pena tal,
precia menos su desden,
las suavidades del bien,
que los rigores del mal.

4

Desta suerte, en sus cadenas
firme, sin alma, y con vigo,
tiene por premio el castigo,
y haze ambicion de sus penas:
y a ũn que calumnias agenas
condenan lo que merece,
los agravios que padece,
los males en que se anima,
por lo que merece estima,
por lo que quiere apetece.

Que remedio podrà darte
a un amor tan singular,
que està su vida en callar,
y està su muerte en callarte.

Gloza

Dòs muertes forçosamente
el alma en mis penas halla;
una en sentir lo que calla;
otra en callar lo que siente:
Ambas con ancia vehemente
solicitan remediarte;
Mas si èl imposible hallarte
para este alivio algun medio,
a quien nò tiene remedio,
que remedio podrà darte?

2

Presumo, que han pretendido
hazerme fortunas tales,
tan singular en mis males,
como en este amor lo hè sido:
Pues como tan presumido
Fenis se quiso ostentar,
tambien me quiere mostrar,
que puede igualar su Horror

con-

con un singular rigor
a un amor tan singular.

3

Pues que remedio ès posible
para dolor tan mortal?
Auzentarme, ès major mal;
olvidarme, ès impossible:
Amar otra, nò ès crible;
Morir, nò ès acabar:
Serà pues el remedio hablar?
tan poco; que Amor me advierte,
si en callar està mi muerte,
que està su vida en callar.

4

Mas si el alma en su retiro
por vóz tiene el ay menòr,
a quanto aspira mi amor,
diga espirando un suspiro;
Que como en discreto giro
se exprime sin declararse,
puede el ancia remediarse
con el gusto de exprimirse,
pues su muerte està en dizirse,
y està su muerte en callarse.

A ûn que escrevi mis querellas
en los Celestes Zafiros,
La Causa de mis suspiros
La ignoraron las estrellas.

Gloza

La Deidad màs bella adoro;
y bien que este incendio oprimo,
voz del alma ès quanto gimo,
tinta de amor quanto lloro:
Assi le escrivo, y le imploro
piedad a sus luzes bellas;
Mas como nò me oyen ellas,
buelvo a murir de callado,
a un que ensenè mi cuidado,
a un que escrevi mis querellas.

2

Que ès Zafir se me afigura
su condicion y belleza,
por ser piedra en la dureza,
y celeste en la hermosura:
En sus ojos bien se apura
La rason de mis suspiros,
pues con mas chispas que tiros
[illegible]en, quando celestiales,

que-

que halle duros pedernales
en los Celestes Zafiros.

3

Mas sintome recrear
tanto en gemir y arder,
que ès prèmio de padecer,
La gloria de suspirar:
El alma por se quexar,
nò sale de sus retiros
si nò porque en dulces tiros
muestre que en tales tormientos
fuè causa de mis contentos
La causa de mis suspiros.

4

De estrellas nò hà sido influxo
este soberano amor,
porque ès causa superior
ser de dòs soles debuxo:
Y assi, bien que me reduxo
mi penna a buscar sus huellas,
nò cabiendo en sus centellas
y excediendo a sus crisoles,
bien que lo saben dòs soles,
Lo ignoraron las estrellas.

En tanto que el amor dura
toda Locura ès fineza;
Luego que el olvido impiesa,
toda finesa ès Locura.

Gloza

Es el amor, si se diere
credito a una fé que escrive,
una muerte en que se vive,
y una vida en que se muere:
Mas tan dulce el alma hiere,
tan fino el tormento apura,
que en su pena y su dulsura
crè la passion màs crecida,
que solo dura la vida
en tanto que el amor dura.

2

Quando le echiza un fabor,
quando le ciega un engaño,
gloria jusga el major daño,
y atino el yerro major:
Si pues de un bisarro amor
èsto solo ès gentilesa,
para amar una belleza,
para aliviar un martirio,

nin=

ningun exceso èś delirio,
todo Locura èś fineza.

3

Mas si de Lo que ama y quiere
el bien que añelo recibe,
el alma en mi pena vive
quando el olvido nò muere.
Y a ũn que peligro de ponderé
quien vẽ morir La fineza,
en pedaços La firmeza
muestra a quien màs La esperaba,
que todo el amor se acaba
Luego que el olvido impieza.

4

Flexas de plomo al querer
tira, pues siente el amar
que a ũn Los medios de obligar
son motivos de ofender:
Y como si troca el ser
al agrado y La ventura,
si el delirio èra cordura,
despues como el alma pienza,
todo cariño èś ofenza,
toda fineza èś Locura.

Fabio que al amor atento
progunta quando atrevido
si desculpa Lo ofendido
La gloria del pensamiento.

Gloza

Ama La beldad major
Fabio, y de fino su affecto,
duda si deve àl respecto
màs victimas, que a su amor:
Danse batalla interior,
deseo, y comedimiento;
pero de servir sediento,
mucho màs (si habla, ò si escrive)
atento al respecto vive
Fabio, que àl amor atento.

2

Mas viendo en tan mũda calma
La vida quasi defunta,
Lo que deve haser progunta
al Oraculo del alma:
Pero ansi lleva La palma,
à Lo anciozo Lo entendido,
que a ũn ~~esto en si~~ dividido,
entre cortez y arrojado,

nõ-

nò inquiere quando atinado,
pregunta quando atrevido.

3

Amor de quien ès ofrenda
el alma tierna Le dize,
que si atreva a ũn que agonize,
que solicite a ũn que offenda
Y para que màs se incienda
en Lo amante y Lo atrevido,
Le acuerda Lo merecido;
Mas siendo amor y vendado,
como ha de culpar Lo amado,
si desculpa Lo offendido?

4

Alfin se quiere atrever,
pues juzga en su fé major,
que nò ès puro aquel amor
que nò si puede saber:
El buen gusto de querer
ès todo su atrevimiento;
y como su rendimiento
se vê tan bien enpleado,
sirve de premio al cuidado
La gloria del pensamiento.

Quien ama sin galardon
ponga mar ò tierra en medio,
que lo que vendo se augmenta,
se diminue en nò viendo.

Gloza

Quien nò espera posseer
nò se canse en adorar,
pues tanto quiere agraviar
quanto intenta merecer:
Porque si ingrato la de lazer
a su dueño una afeccion,
La màs fina adoracion
muestra con major clareza,
que agravia con la fineza
quien ama sin galardon.

2

Advierta si nò destierra
un amor que le agonisa,
que hasta la cuna se eclipsa
si se interrompe la tierra:
Y si de una alma en la guerra
la ausencia pone el asedio,
para ganar el remedio
quien huye de su desaire,

nõ

nò busque un medio que ès ayre,
ponga mar ò tierra en medio.

3

Si del ver nace el amar;
nò ~~[illegible]~~ su fin ha de ser;
y quien muriere por ver,
cieguese à pura llorar:
Pues si ha de ver sin lograr,
y ha de amar quien le atormienta,
mucho escuza de su afrenta
quien màs en su daño alaba
Lo que cegando se acaba,
que Lo que viendo se augmenta

4

La auzencia ocazo se infiere
de amor; pues bien q̃. le abone,
si en ella qual sol se pone,
en sonbras de olvido muere:
Y como alimientos quiere
de La vista en que està ardiendo,
con ella vive cresciendo,
sin ella mingua espirando,
pues quanto crecio mirando,
se deminue en nò viendo.

Lagrimas dezengañadas
quexozas por nò creidas,
puedeni ser mal admitidas,
pero nò mal empleadas.

II.

Gloza

Lagrimas porque salir
del alma donde naceis,
si ao rostro, apenas correis,
quando infelices morir?
Bolved atras, pues sentis
que os condenan de arrojadas;
y pues estais destinadas
a ser mal agradecidas,
morid, antes que perdidas,
Lagrimas, desengañadas.

2

Ambicion es de augmentaros
llorar por nò ver creceros;
pues siendo fuerza el perderos,
usura hazeis de quexaros:
Si en principios tan claros
nunca os quexais de perdidas,
para que quereis sentidas
mostrar que estais quando oradas,

aun

a ũn màs que por despreciadas,
quexozas por nò creidas?

3

Pero corred, que ès razon
mostrar a ũn cielo que amais,
que esses ethnas que llorais,
cenizas del alma son:
Y si ès àra el coraçon
de ofrendas tan entendidas,
nò temais veros perdidas;
pues nunca ofrendas amadas
si son bien sacrificadas,
pueden ser mal admitidas.

4

Mas quando en tan alto empleo
se os castigue la finesa,
timbre serà la aspereza
de la altibez del deseo:
Y pues en sus glorias veo
que harto quedareis premiadas,
nò os temais desdichadas,
corred pues desvanecidas,
morireis bien advirtidas,
pero nò mal empleadas.

A pezar de tanto daño
un imposible apetesco;
Como verdad le aborresco,
y le adoro como engaño.

V.

Gloza

Este amor que se alimenta
del daño que màs le estraga,
con un martirio me alaga,
con un gusto me atormenta:
Siendo amor, parece afrenta;
Siendo gusto, èl desengaño
Mas hallo un bien tan estraño
en morir de un mal tan justo,
que me anima a tanto gusto
a pezar de tanto daño.

2

Imposible una ventura
me fuerza a tal perdicion,
que nò hallo satisfacion
en bien que se me asegura;
Porque en tan alta Hermosura
me animo y me desvanesco,
que aun que se que nò meresco
gusto tan inacessible,

nò

nò apetesco un imposible,
un imposible apetesco.

3

Fingo en mi que nò è verdad
que imposible puede ser,
Como si èsto suponer
lo hiziera facilidad:
Y è tal èsta ceguedad
con que mi daño apetesco,
que con saber que enloquesco,
pues mi tormento enamoro,
como mentira le adoro,
Como verdad le aborresco.

4

Ciego y mudo desta suerte
hallo con pena crecida,
en los engaños la vida,
y en las verdades la muerte.
El engaño, un bien me advierte;
la verdad me advierte un daño;
Mas como a mi amor le estraño
que un bien nò tenga de suyo,
como desengaño le huyo,
y le adoro como engaño.

Tan bien estoi con mi mal
despues, que perdi mi bien,
que el mal me parece bien,
y el bien me parece mal.

Gloza

Gustando de verme triste,
quero, a pesar de la quexa,
mal al bien porque me dexa,
bien al mal porque me asiste:
Assi, que mi bien consiste
en este mal, porque és tal
que el és mi bien principal,
y el bien és mi mal tambien
tan mal estoi con mi bien,
tan bien estoi con mi mal.

2

Assi, del bien disgustado,
y assi de mi mal gustoso,
aquello estoi más dichoso
que vivo más desdichado;
Y estimo en tan alto grado
este dulce mal de quien
todos me dan parabien,
que igual bien nò tuve yõ

antes

antes de mi mal, si nò
despues que perdi mi bien.

3

Hay como és tan dilicioso
este mal que al alma dire,
hasta de ser infelire
vengo a estár escrupuloso;
porque amando obsequioso
al desden porque èl desden,
y al mal porque és mal tanbien,
siento digan de ancia tal,
porque gusto de mi mal,
que el mal me parece bien.

4

Aura enfin estremos tales
ver que el lado en sus desdenes,
dá, para Logrer, Los bienes;
para merecer, Los males:
Y finezas que jnmortales
son para un sentir mortal,
el bien les quita el caudal,
el mal la gloria le augmenta;
por èsto el mal me contenta,
y bien me parece mal.

En Campos de casta nieve
Los colores de los cielos
son adorazion, ò Zelos.

Gloza.

Todo à la vista Noruega,
Celia, el Estio que se encubre,
de nieve la frente cubre,
y el pecho en llamas anega:
Mas tan cauiloso niega
el mal que esconder nò deve,
que el prado en espacio breve
le vê derramar prejuro,
raudales de fuego impuro
en Campos de casta nieve.

2

Los Zelos con modo igual
hipocritas del amor,
desmienten con el color
quanto sienten con su mal:
Y ansi de aparencia tal
discretos [illegible] los rezelos,
pues vemos yà que Los Zelos

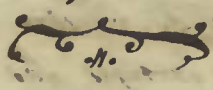
De

de una adoracion de amores,
sienten y fingen traidores
Los colores de los cielos.

3

Luego, de nuestro Liston
y sortijas las tenciones,
nò castidad, son traiciones,
son Zelos, nò adoracion:
Y èsi tan sabida razon
èsta que dan mis desvelos,
que hallo malicioso dudos
en la fé con que dudais
si Los Zelos que afectais
son adoracion, ò Zelos.

Amor que nasciò inposible
muere desesperacion.



Gloza

Si èi imposible querer
un imposible favor,
Como puede ser amor
Amor que nò puede ser?
Nò pues se llegue a entender
que a ùn el nacer le èi posible,
pues deste nudo apassible
nò se puede imaginar,
que amor se pueda llamar
amor que nasciò imposible.

Este

2

Este apetecido engaño,
este dulce debaneo;
al sospecharte, èl dereo;
al sentirte, desengaño:
y como el mal a su daño
nò espera yà redencion,
si nò èl como espalacion
que corriendo se deshare,
por ver que imposible nase,
muere desesperacion.

Màs quiero pezar sin susto,
que nò plazer asustado.

.11.

Gloza

Dispues que supe querer
a quien me fuerza a morir,
estoy tan echo a sentir,
que estraño el nò padecer:
Pues si el bien si ha de perder,
y ha de venir el disgusto,
para vivir a mi gusto
con el pezar de que muero,
Con susto el bien meno quiero,
màs quiero pezar sin susto.

El-

2

El plazer, èi como flor
que acaba al primer vivir;
y el pezar, hasta morir,
fruto y vida èi del Amor:
Con el habito el dolor
èi bien acondicionado;
y ansi, por menos cuidado
tiene mi amor singular,
dezasustado pezar,
que nò plazer asustado.

Mote

Nam me atromentes amor

Gloza

He possivel, Deos vendado,
~~que~~ ha de estar sempre meu peito
a teus rigores ~~sugeito~~?
com teu fogo mal ~~tratado~~?
Ora cêsse o triste estado
de tam tirano rigor;
Agre meu peito hum favor,
e alevio meu coraçam;
Ora nam me mates, nam,
nam me atromentes amor

= mote =

Annos, mezes, Dias, oras

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Gloza = ... ao Devino

Meus olhos? ves teu senhor
que numa Cruz quiz morrer,
quiz mesmo padecer
morrendo por teu amor?
Inda te queres opor,
inda tempo te demoras
que as tuas culpas não cloras
vendo-o curcificado,
gastando, e tello agravado,
annos, mezes, Dias, oras.

-Mote-

Mayor he o meo amor.

-Gloza-

Quando meus olhos mortaes
ponho nos vossos Divinos,
com affectos tam benignos
estou vendo me chamaes:
Os-braços abertos estaes,
dizendo-me? oh pecador
a meus pés já te vem vós,
-chegate a este meu lado,
que se he grande o teu peccado.
mayor he o meu amor.

mote

Vista da grassa tera

Gloza

Quer este cego soldado
(mas só cego no peccar)
com a lança do pezar
romper mais o vosso lado:
Para entam ser sarado
co-sangue que correrâ,
pois só este o sararâ,
como sarou a longuinhos,
que buscando destes caminhos
vista da grassa tera.

Mote

Choro, sinto, peno, acabo.

Gloza

Nesta ausencia triste vivo
sem ver o bem que adoro;
quanto mais lagrimas choro
se faz o bem mais esquivo.
Este tormento excessivo
já da vida sinto o cabo;
ser ditoso nam me gabo,
tanto na dor me exaspero
que nem sem ver, nem quero
choro, sinto, peno, acabo.

Index
em fórma de Abcedario
das Poezias comprehendidas neste volume.

Sonetos

Fasce menção somente do primeiro verso de cada Hum

A

Ao de pois que na quillo vos falej ..... 19 +
Ardeis mi coraçon, mas tan sogeto 43
Ambicion, ó Alexandro, nó clemencia 72
A la hermosura, á la Deidad, ál Cielo? 83
A un tiempo alivio, afan, gloria, e tormento ... 89
Asi havia de ser, ni de otra suerte 94

B

Blancas las Rosas, muertas las centellas 51

C

Com profunda attenção a Magestade .... 1 ×
Clori, él sueño atrevido atu respecto 56
Colheo Filis huã Rosa embarbacada ..... 70 +

D

D

* Das verduras das Plantas vencedor 14
De Elena la hermosura peregrina 25
Dexa lisis de ser fiera, ó hermosa 26
x Dos vossos Ascendentes na piedade 38
x De tal sorte, Senhor, nesta acção grata 68
* Discreto Felix, vossa Alteza grata 69
* De Atilio fuerte, de Fernando augusto 71
+ Desalumbrado Antonio, aque conflito 74
Del pedir el negar, vá tan notable 86
De una Rosa, q̃ fue de ûn cierto airado 90
* Desperta peccador, ja q̃ te aclama 96
x Discreto Pina, espirito inflamado 97

E

Este impulso terreste enfurecido 21
Esse exemplo feliz de la hermosura 29
En este golfo de la vida incierto 31
Erigio Athenas en su antigo estado 35
Esse Relox, q̃ de tu pexo há sido 39
Eso vivo volcan, fuego animado 62
Esse tronco pisado, ó caminhante 78
Esse Alcasar q̃ ûn tiempo el Firmamento 79

F

F

Foi, oh Conde bizarro, de tal sorte 33
Filis, si és fuerça vendoos, dezearos 52
Faço a saber a todas as amigas 102

G

Gloria de amor q presto que feneses 22
Grande mal és callar un pensamiento 48

H

Herido el pecho, la color perdida 40
Herido el delicado pié que mueve 44
Há mucho, oh Filis, que te amé rendido, . . . 54

I

Já, se prosta a soberba, já termina 32
Infantil mam, q a triunfos se destina 58
Joya de Abril, y del Jardim menina 65
Ja con zeno cruel Atropos fiera 81
Ires celeste, Ana, sol brillante 101

L

Lobo cerval fantasma peccadora 15

M

Mineral de marfiles prodigioso.....24
Morir de modo silicito, viendo.....42
Miré: nó digo bien; ceguê de veros.....49
Mira (ó horror!) esse tronco (ó asombro!) mira...76
Monarcha excelso, he justo ó sentimento....99

N

Nam tristes prantos novas libitina.....41
Nesse papel azul de luzes bellas.....45
Nó fué el mar, Thetis fué, Thelamon fuerte...77

O

Oh marmore constante! oh pedra dura...17
Oh tu que abrasas essa piedra hermosa.....36
Oh rompa yá el silencio el dolôr mio.....47
Oy que los faustos de la humana pompa...57
Oy dós vezes felir, dós desdichado.....60
Oh tu maldito Alparca, impio, insolente..61
Oy, que á lo bello, vana y desdeñosa.....67
Oy, con illustre afan, con fiel cuidado....80
O culta piedra; q̃ atractiva y fuerte....91

P

Pay se pussivel he, passe a violenta.....16

Picô

Picó atrevido un atomo viviente 23
Presta la Aurora á la mañana aliento; 50
Por su Euridice bella el dulce Orphes 92
Canarinho discreto, ave escura, ... 100

C

Que contrastado veo, que afligido 28
Quien ama, Fabio, a fuerza del destino . . 30
Cuerendo o mal saber de que morria . . . 46
Que és êsto Filis! que rigor há sido 53
Que tem que ver o vosso, Lapatinho 59
Que importa q. a tu estrago anticipada . . . 63
Quien quieres q. te crea esse embustero . . . 73
Quien sabrá ponderar, ó Triste Hespaña 87
Que pouco dura a gloria desejada . . . 95

R

Rey e senhor, eu morro por fallar . . . 2
Reyna de Abril, tuas vans magestades . . . 66

S

Si huys del alma lagrimas corriendo 55
Si essas lagrimas son, Flor lastimosa 64
Si authorisar tu exemplo determinas 75

Si êsto enfin és preciso, q. violencia 84
Suspira Flori, y con razon suspira 93
Senhor Duque, em conceitos me não meto . . . 98

T

Treme a Terra invencivel elemento 20
Tam bravo golpe, oh Conde illustre, dentes . . . 34
Tantos pobres de esmollas socorridos 37
Tu cuna ayer pisava, ó clara Fuente . . . 82
Te queras Ranleo, ál ves q. con ingrato . . . 85

V

Vem cá oh Cruz das mãos deves escasos . . 18
Valgate Dios por hombre! quanta occulta . . 88

Outavas

Agora falando seriamente 2
Saudades do Mondego chorados junto
ao Lima 103
Fineras de hum amante aurente á
sua Dama 111
Despedida de Hum amante da sua Freira do
convento de Almorter aurentandose della p.ª

para o Alentejo. A D. M.ª Formosa Margarida 119
Descripcaõ das prefeicois de Eua Dama, e depois a
plicados pellos ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ antes a Eua caveira 135

= Motes =

Por boca de jasmim, suspiros de ouro . . 132
e Ninguem de sua sorte está contente . 133

= Silva =

Henrique Dias no cerco de Pernambuco fe=
rindolhe huâ mão com Eua balla ervada,
elle a cortou, dizendo = q̃. inda lhe ficava
hum brasso p.ª pelejar. = ... 199

= Decimas =

Carta q̃. com as Dessimas ao diente mandou
Eum Sogeito a Euâ de trez formozas senhoras
q̃. vio em N. Sr.ª do Cabo, donde he que
he q̃. ficou namorado della . . . . = 208 = . . . 213
Satira geral a todo o Governo deste Rei
no como nella severá; por Gregorio de
Mattos Recucitado em Pernambuco no
anno de 1713 fechada com este verso
Este he o bom Governo de Portugal . . 233

A grande insolencia comq. os Ministros se portaram em Livrar a Joseph Nicoz depois de o terem sentenciado á forca, morrendo com effeito muitos dos seus seguazes enforcados que menos o mereciam 254

Estando o Autor enfermo, mandou ao Marquez de Abrantes q. se lembrasse delle com algum Tabaco, por estar em tal estado, que só do pó se lembrava: e o dito Marquez lhe mandou Huma folha de quarta cheya de Cinza 257

A Dom Gabriel contratador do Tabaco mandando dár hum papel delle todas as semanas ao Autor, e este o nam mandou procurar no discurso de Hum anno. 258

Deticam que fes a El Rey 260

Confessam de seis annos 262

A hum Coutado homem 264

Agora Eu 10

=MOTES= em =Quadras.=

Anda o meu entendimento
núma porfia comigo,
se quero, vence o perigo,
se deixo, vence o tormento. 265

= ¡Aprended flores de mi
lo que vá de ayer a oy;
que ayer, maravilla fui;
e oy sombra mia nó soy 268

= La misma desconfianza
es quien me anima al intento,
que es pequeño atrevimiento
intentar con esperanza 270

Traigo comigo un cuidado
entre desdicha y ventura,
que para dicho es locura,
y muerte para callado. 272

Agamos las pazes oy,
enojado dueño mio,
que nó diren bien de mi
quando en tu gracia nó vivo 274

Blanca en prizion y padese,
y está en querer tan igual,
que los rigores del mal
por lo que quiere apetese. 276

Que remedio podrá darse
a un amor tan singular,
que está su vida en callar,
e está su muerte en callarse. 278

Aún que escreui mis querellas
en los Celestes Zafiros,
La Causa de mis Suspiros
la ignoraron las estrellas. 280

En tanto que el amor dura
toda locura és finèsa;
luego que el olvido impicia,
toda finesa és locura. 282

Sabio que el amor atento
proquinta quando atrevido
si descultpa lo ofendido
la gloria del pensamiento. 284

Quien ama sin galardon
ponga Mar ó tierra en medio,
que la que vendo se augmenta,
se deminue en nó viendo. 286

Lagrimas derrongeñadas
quexosas por nó oreidas,
pueden sér mal admitidas,
pero nó mal empleadas. 288

Aperar de tanto daño
un inposible apetesco;
como verdad le aborresco,
y le adoro como engaño. 290

Tan bien estoi con mi mal
despues que perdi mi bien,
que el mal me parece bien,
y el bien me parece mal. 292

En campos de Casta nieve
los colores de los cielos
son adoracion, ó Zelos! 294

Amor que nasció imposible
muere desesperacion. 296

Más quiero perar sin susto
que no plazer asustado 298

Motes

Singellos

Nam me atromentes amor 300
Annos, meses, Dias Oras 301
Mayor he o meu amor 302
Vista da grassa Tera 303
choro Sinto peno a Cabo 304

Romances

Endemion á la Deidad de Cynthia 147
Descriviise el Nasimiento del Sol sin q. se
nombren los accidentes de Lures, y Sombras ... 166

316

Lagrimas en la muerte de la Serenicima Senora Infante de Portugal Dona Izabel Luiza Jozepha 172
Expone Marco Antonio al Pueblo Romano la Toga de Cezar ensanguentada 178
Oracion Militar de Othon, despues de la Batalla Bidriacense 182
Ays dados a El Rey, e concedidos ao genio do Autor 187
Despedida das Naos da India emq̃. foy o Senhor Pedro Mascaranhas, Conde de Saõ Domil para Virrey daquelle estado 193

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA